

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO  
UNISAL – CAMPUS MARIA AUXILIADORA**

**Sylvia Cristina de Azevedo Vitti**

**INTERCÂMBIO CULTURAL E IDENTIDADE: um estudo das  
repercussões da aprendizagem da Língua Inglesa no exterior na  
identidade de jovens graduandos**

**Americana**

**2016**

**Sylvia Cristina de Azevedo Vitti**

**INTERCÂMBIO CULTURAL E IDENTIDADE: um estudo das  
repercussões da aprendizagem da Língua Inglesa no exterior na  
identidade de jovens graduandos**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL – sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Rodrigues de Sousa.

**Americana**

**2016**

Vitti, Sylvia Cristina de Azevedo

V83i Intercâmbio cultural e identidade: um estudo das repercussões da aprendizagem da língua inglesa no exterior na identidade de jovens graduandos. / Sylvia Cristina de Azevedo Vitti. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2016.

155 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL/SP.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana Rodrigues de Sousa.

Inclui bibliografia.

1. Intercâmbio cultural. 2. Identidade. 3. Língua inglesa. 4. Interculturalidade. 5. Educação sociocomunitária. I. Título

CDD 370.78

**SYLVIA CRISTINA DE AZEVEDO VITTI**

**INTERCÂMBIO CULTURAL E IDENTIDADE: UM ESTUDO DAS REPERCUSSÕES DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NO EXTERIOR NA IDENTIDADE DE JOVENS GRADUANDOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação – área de concentração: Educação Sociocomunitária.

Linha de pesquisa:  
A intervenção educativa sociocomunitária: linguagem, intersubjetividade e práxis.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Rodrigues de Sousa

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Norma Sílvia Trindade de Lima

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, pela comissão julgadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Correa Cariola – Membro Externo  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luisa Amorim Costa Bissoto – Membro Interno  
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Rodrigues de Sousa – Orientadora  
Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

Dedico esta vitória à minha família e aos meus pais, por sua capacidade de acreditar e investir em mim.

A todos que contribuíram para que mais esta etapa fosse vencida e aos colegas de mestrado, pelo incentivo e apoio constantes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade e pelo amparo nos momentos difíceis e nas horas incertas.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Sílvia Trindade de Lima, minha primeira orientadora, pela orientação ao longo do meu trabalho e por ser exemplo de profissional que sempre fará parte de minha vida.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana Rodrigues de Sousa por ter assumido posteriormente a orientação desta dissertação, por compartilhar comigo seus conhecimentos para que este trabalho tivesse uma qualidade melhor e colaborar para que eu alcançasse meu objetivo, contribuindo para o meu crescimento profissional.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresa Correa Cariola, presente nas bancas de qualificação e defesa e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luisa Amorim Costa Bissoto, presente na banca de defesa, pela valiosa participação e contribuição.

A todos da secretaria do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL, em especial à Vaníria, pela dedicação e atenção constantes. Aos colegas do Mestrado em Educação que estiveram presentes comigo durante esta jornada.

À minha família, pelo carinho, paciência e incentivo.

A meus pais, que sempre me apoiaram, especialmente à minha mãe, sem a qual este trabalho não teria sido possível, meus eternos agradecimentos.

Suba o primeiro degrau com fé.  
Não é necessário que você veja toda a escada.  
Apenas dê o primeiro passo.

Martin Luther King

## RESUMO

Este trabalho investiga e estuda as relações entre a experiência de intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem e aperfeiçoamento da Língua Inglesa e as repercussões disso na identidade de jovens graduandos. Partindo de uma análise do uso e ensino do idioma inglês nas escolas públicas e privadas no Brasil e no mundo atual, em tempos de globalização, em que esse idioma se impõe como língua internacional, procuramos compreender como a sua aprendizagem e a assimilação de aspectos culturais da mesma afetam a “construção/desconstrução” da identidade de jovens que têm a oportunidade de realizar um curso de imersão em países anglófonos. Partimos do pressuposto de que o ser humano, como ser cultural e social, constitui a linguagem e é constituído pela mesma, analisamos a importância, as articulações e a interdependência da cultura, linguagem e relações sociais na formação da identidade dos seres humanos. Fizemos uma revisão dos conceitos de identidade dos teóricos contemporâneos sobre identidade humana, assim como analisamos as articulações entre educação, educação intercultural, educação sociocomunitária e possíveis transformações sociais decorrentes do processo de interculturalidade. Realizamos um estudo com dezessete (17) estudantes, de ambos os sexos, que foram contemplados com bolsas de estudo para intercâmbio cultural em países de língua inglesa para compreender se e como a sua identidade foi afetada pela experiência. As bolsas de intercâmbio cultural foram concedidas pela instituição em que estudavam, ou seja, duas unidades de uma Faculdade de Tecnologia, do governo do estado de São Paulo, situadas nas cidades de Piracicaba e Americana, interior do estado, assim como pelo programa Ciência Sem Fronteiras, do governo federal. Os jovens, provenientes das duas unidades da referida faculdade, foram entrevistados e sua fala foi registrada e analisada. Os resultados obtidos são apresentados, analisados e discutidos à luz dos pressupostos teóricos adotados para a fundamentação da pesquisa no tocante à compreensão da construção da identidade humana. De acordo com a análise dos relatos dos sujeitos da pesquisa observamos que a experiência adquirida favoreceu mudanças no seu modo de pensar e agir, extrapolando a mera aquisição e aperfeiçoamento de competências linguísticas. Constatamos que a experiência proporcionou aos jovens desenvolvimento cultural, pessoal e profissional, o desenvolvimento da autoconfiança, crescimento em maturidade, proporcionando o respeito pela diferença e pela diversidade cultural. A análise também evidencia o movimento, a fluidez e a dinâmica do processo de formação da identidade humana. Os resultados obtidos evidenciam que os intercambistas retornaram diferentes de quando partiram e plenamente conscientes dessas mudanças.

**Palavras-chave:** Intercâmbio cultural. Identidade. Língua inglesa. Interculturalidade. Educação sociocomunitária.



## ABSTRACT

This work investigates and analyzes the relationship between the experience of short-term study abroad for learning and improving English language knowledge and its consequences on the identity of undergraduates. Beginning with an analysis of the use and teaching of English in public and private schools in Brazil and in the present globalized world, at a time when English is taken as the international language, we seek to understand how its learning and the assimilation of cultural aspects of such a language affect the “construction/deconstruction” of students’ identity who have the opportunity to do an immersion course in English speaking countries. Starting with the assumption that the human being, a cultural and social being, constitutes language and is constituted by it, we analyze the importance and interrelationship of culture, language and social relations on human identity construction. The concepts on human identity presented by contemporary scholars have been studied and the interrelationship among education, intercultural education and sociocommunitarian education have been analyzed, as well as the feasible consequences of the interculturalism process. We have conducted a study with seventeen (17) students, male and female, who were granted scholarships to study abroad in English speaking countries, in order to understand if and how their identity was affected by such an experience. The scholarships were granted by the institution where the students studied, a government College of Technology in Sao Paulo state, located both in Piracicaba and Americana cities, as well as by the federal government “Ciência sem Fronteiras” program. All undergraduates were interviewed and their speech was recorded and analyzed. The results are presented, analyzed and discussed according to the concepts on human identity construction adopted for the theoretical fundamentals of the research. According to the analysis of the students’ speech we have observed that the experience abroad promoted changes in their way of thinking and acting, going far beyond the mere acquisition and improvement of their linguistic competence. We have evidence that the study abroad experience provided the undergraduates with cultural, personal and professional growth, enhancement of self-confidence, maturity development, fostering the respect for cultural difference and diversity. The analysis also evidences the movement, fluidity and dynamics of the process of human identity construction. The results show that the students returned home different from when they departed and fully aware of such changes.

**Keywords:** Short-term study abroad. Identity. English language. Interculturalism. Sociocommunitarian education.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Dados Gerais dos Participantes .....	69
<b>Quadro 2</b> - Síntese dos Dados Gerais dos Participantes .....	70

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: CULTURA, LÍNGUA E EDUCAÇÃO</b> .....	16
1.1 CULTURA: O SER HUMANO COMO SER CULTURAL E SOCIAL.....	17
1.2 A LÍNGUA INGLESA: SUA UTILIZAÇÃO E ENSINO NO BRASIL .....	21
1.3 LÍNGUA INTERNACIONAL: A DISSEMINAÇÃO DO INGLÊS .....	25
1.4 A LÍNGUA INGLESA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO .....	29
1.5 CULTURA, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA .....	33
<b>CAPÍTULO 2: IDENTIDADE, CULTURA E INTERCULTURALIDADE</b> .....	39
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE .....	39
2.2 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: ARTICULAÇÕES E INTERDEPENDÊNCIA .....	48
2.3 A IDENTIDADE E A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA .....	53
2.4 INTERCÂMBIO CULTURAL: EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR.....	55
2.5 INTERCULTURALIDADE E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS .....	59
<b>CAPÍTULO 3: O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO</b> .....	65
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	65
3.2 A PESQUISA QUALITATIVA.....	71
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS.....	76
3.3.1 A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS .....	76
3.3.2 A COLETA DE DADOS.....	80
3.4 DADOS COLETADOS.....	83
<b>CAPÍTULO 4: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	84
4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	84
4.2 COMENTÁRIOS .....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
<b>APÊNDICE A – Entrevistas realizadas</b> .....	117
<b>APÊNDICE B – Memorial pessoal, acadêmico e profissional da autora</b> .....	152

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga e estuda as relações entre a experiência de intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem da língua inglesa e as repercussões dessa situação na identidade de jovens graduandos.

Atualmente, a língua inglesa é a mais utilizada para a comunicação e a interação entre os diferentes povos do mundo, sendo o idioma mais ensinado em escolas ao redor do globo. Seu uso permite que falantes de línguas e identidades diversas se comuniquem e entrem em contato em um mundo globalizado, no qual rápidas transformações são observadas. Seu aprendizado torna-se extremamente necessário em tempos de globalização, promovendo o acesso dos alunos ao patrimônio cultural global e propiciando-lhes uma atuação mais ativa e participativa como agentes de transformação social e cultural.

A aprendizagem de uma língua estrangeira afeta o nosso modo de agir e de pensar em relação à cultura alheia e em relação a nossa própria cultura. Esta aprendizagem, quando intensificada pela vivência internacional proporcionada por um programa de intercâmbio cultural, abre uma nova perspectiva para vermos e pensarmos o mundo e aqueles que nos cercam, repercutindo na formação e transformação de nossa identidade. Ao propiciar o contato intercultural, a experiência do intercâmbio cultural pode ter papel decisivo no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo do intercambista, incentivando e acentuando o respeito às diferentes culturas, preparando-o melhor para o exercício da cidadania, levando-o a valorizar sua própria identidade e contribuindo para o desenvolvimento de sua alteridade e autonomia, como participante ativo em sua comunidade e sociedade.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a experiência de intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem da língua inglesa repercute na identidade de jovens graduandos. Adicionalmente, mais especificamente, estudar como a assimilação de aspectos culturais de um segundo idioma contribui para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos estudantes mediante a confrontação com a “diferença” e os “outros” e como isso afeta os mesmos. É nosso objetivo, ainda, pesquisar a respeito do uso da língua inglesa como ferramenta

cultural para ampliar a visão de mundo dos alunos e inseri-los em um contexto cultural atual mais amplo e globalizado, o qual será mais detalhadamente apresentado no item 1.4. Finalmente, desejamos tecer reflexões sobre o valor dessa experiência e relacioná-la com a Educação Sociocomunitária e Educação Intercultural, de caráter transformador e emancipatório, que visa favorecer o desenvolvimento da alteridade e da autonomia dos estudantes, cidadãos e agentes de transformação social.

A língua é um elemento cultural constitutivo do ser humano, ela é um fator social carregado de elementos culturais que acabam sendo expressivos de um povo e de uma nação. Ela está inserida em um contexto cultural e é um elemento constituinte de nossa identidade. Apesar de existirem muitos trabalhos acadêmicos relacionados à aprendizagem de língua inglesa e à identidade de alunos, poucas são as pesquisas no Brasil sobre a influência da experiência no exterior na identidade do aprendiz desse idioma.

Realizamos uma consulta ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES abrangendo os anos de 2010 a 2015 utilizando como palavras-chave os termos: língua inglesa; identidade; cultura; intercâmbio cultural; vivência no exterior e aluno. Encontramos cinquenta e cinco (55) trabalhos que relacionavam a temática da identidade com a aprendizagem da língua inglesa. Dentre esses, dezessete (17) versavam em torno do aprendizado da língua inglesa na construção da identidade do professor ou do aluno de inglês, utilizando como elemento de análise uma ferramenta didática, como livros, textos digitais, o ensino à distância, entre outros. Quatro (4) dos trabalhos encontrados pesquisavam a formação da identidade do aluno de inglês dos níveis fundamental e médio em sala de aula, sem valerem-se da utilização de alguma ferramenta didática para esta análise.

Em uma outra consulta, realizada virtualmente, em busca de pesquisadores brasileiros que também estudam a questão da identidade relacionada a intercâmbio cultural e aprendizagem da língua inglesa, descobrimos algumas autoras que também abordam a temática da identidade e da aprendizagem da língua inglesa, mas dentro de uma outra perspectiva. Barcelos (1999), Rezende (2006); Rezende e Laai (2006) e Sade Resende (2009) vêm se dedicando dentro de uma linha distinta da apresentada nesta dissertação, embora com alguns elementos em comum.

Alguns dos trabalhos por nós consultados das pesquisadoras já mencionadas foram realizados com jovens de ensino médio de classe social média, cujas famílias bancaram os gastos da viagem para que realizassem o seu intercâmbio escolar. Em trabalhos de outros autores, Paiva (2007), Santos; Santos; Hardt; Jordão (2014), os sujeitos das pesquisas foram estudantes universitários, mas o foco dos estudos diferia do nosso. Paiva (2007) estudou o processo de aquisição de segunda língua (inglês) com estudantes universitários de diversas nacionalidades, brasileiros e estrangeiros, que cederam narrativas escritas ou gravadas, mas que não participaram de programas de intercâmbio cultural. Santos; Santos; Hardt e Jordão (2014) realizaram um estudo sobre turismo de intercâmbio cultural, com estudantes brasileiros de nível superior, mas num enfoque distinto do nosso, com a mediação de agências de intercâmbio cultural. Acessando sites norte-americanos ligados a intercâmbios culturais de estudantes (*International Society for Language Studies, Council on International Educational Exchange, Sino-US English Teaching*) foram encontrados alguns artigos acadêmicos produzidos no exterior sobre o assunto como os de Carlson *et al.*, 1991; Osborne, 2012; Paige; Fry, 2010; Schwieter; Kunert, 2012. Estes abordam as experiências de intercâmbio cultural e aprendizagem de uma outra língua por estudantes norte-americanos de nível médio e superior relacionadas ao desenvolvimento da personalidade, socialização e impacto na identidade dos jovens, assunto considerado de importância sócio-política por pesquisadores da área educacional dos Estados Unidos.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo vem de longos anos de atuação da pesquisadora como professora de língua inglesa e do seu contato diário com diversos tipos de perfis de alunos, que a levaram a se interessar por temas diversificados, como o intercâmbio cultural, a linguagem como instrumento cultural, o papel da linguagem na cultura, a aquisição de uma segunda língua, a mediação cultural e a inclusão do educando no mercado de trabalho e no contexto social. Além disso, muitos questionamentos sobre o impacto do intercâmbio cultural na identidade dos alunos vieram do fato de que a própria pesquisadora passou pela experiência transformadora e única da vivência internacional e do aprendizado de um novo idioma em um país estrangeiro, ou seja, do seu próprio aprendizado da língua inglesa na Inglaterra, país onde residiu e estudou durante dois anos e meio. Outra fonte motivadora foi a escassez de pesquisas brasileiras que se dedicassem a

discutir a influência da experiência no exterior na identidade de estudantes de nível superior aprendizes de língua inglesa, como exposto anteriormente.

Para o desenvolvimento da pesquisa em questão foi realizada uma extensa revisão bibliográfica sobre o material produzido pelos principais autores que se relacionam diretamente com as questões abordadas no estudo, ou seja, a aquisição de uma língua estrangeira (língua inglesa), a identidade humana e as repercussões culturais, pessoais e profissionais decorrentes da referida aquisição sobre a personalidade de jovens estudantes, assim como sobre os diversos tópicos relevantes ao tema estudado. Desta forma, a visão do ser humano como ser social e cultural e a aquisição da linguagem humana neste estudo está apoiada nos trabalhos seminais de Vygotsky e Leontiev; o conceito de identidade e o estudo desta temática estão embasados principalmente nos estudos de Hall, Woodward, Silva e Bauman; por sua vez, as questões referentes à educação para a alteridade e interculturalidade estão fundamentadas principalmente nos estudos de Candau e Fleuri.

O estudo conta, também, com uma pesquisa de campo na qual os sujeitos da mesma são graduandos de duas unidades de uma Faculdade de Tecnologia pública situadas nas cidades de Piracicaba e Americana, no interior do estado de São Paulo. Esses alunos participaram de programas de intercâmbio cultural oferecidos pelo governo para aperfeiçoar o idioma inglês em países onde essa língua é originalmente falada.

A pesquisa por nós desenvolvida enquadra-se no quesito de uma pesquisa qualitativa sendo este um dos mais utilizados posicionamentos metodológicos para realizarmos pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, estudando o ser humano e considerando seu caráter ativo, como sujeito que interpreta o mundo continuamente e produz significados (MARCONI; LAKATOS, 2002). Esta visão rege pesquisas que têm o ser humano como sujeito de estudo e as direciona aos métodos qualitativos. Estes requerem uma metodologia específica. De acordo com este modo de pensar, a vida é tida como uma atividade que se realiza no contato com as pessoas, as quais interagem entre si, interpretam o mundo e constroem sentidos. No presente estudo nossos objetivos nos levam a buscar uma

compreensão sobre a identidade humana, que é um fenômeno complexo, de natureza subjetiva e social.

Para a coleta de dados utilizamos uma entrevista semiestruturada, pois ela permite a condução de perguntas previamente determinadas, favorecendo uma certa organização dos questionamentos e, ao mesmo tempo, propicia uma certa flexibilidade ao permitir ao pesquisador acrescentar uma pergunta não prevista quando houver necessidade. Desta forma, além das perguntas necessárias à pesquisa, o entrevistador pode propor novos questionamentos durante a entrevista e o entrevistado tem certa liberdade nas respostas (MARCONI; LAKATOS, 2002).

A etapa final deste trabalho consiste na apresentação, análise e discussão dos dados coletados, os quais são analisados e discutidos à luz do referencial teórico adotado.

Este trabalho está organizado da seguinte forma:

Na **Introdução** apresentamos o tema da pesquisa e sua contextualização, a delimitação do problema, a justificativa para o estudo, os objetivos geral e específicos, a metodologia e referencial teórico adotados, bem como a estruturação da dissertação.

No **Capítulo 1** contextualizamos o problema da pesquisa e apresentamos a visão do ser humano como ser social e cultural; definimos as concepções de cultura, língua e linguagem adotadas neste trabalho e tecemos relações existentes entre as mesmas. Apresentamos um breve histórico sobre a utilização da língua inglesa e seu ensino no Brasil, assim como abordamos a questão deste idioma como língua internacional e sua massiva disseminação mundial. Além disso, também discorreremos sobre o inglês em tempos de globalização (conceito discutido no item 1.4) e tecemos correlações entre língua, cultura e transformação social.

No **Capítulo 2** centramos nossa atenção na temática da identidade, apresentando diferentes conceitos e considerações sobre esse tema. São apresentadas várias definições de identidade, tendo sido eleito para o presente trabalho o conceito de identidade do sujeito pós-moderno. Também discorreremos sobre as articulações existentes entre língua, cultura e linguagem e abordamos a



questão de como a aquisição de uma segunda língua afeta a identidade do aprendiz. Passamos, então, ao tema do intercâmbio cultural e da experiência internacional para, finalmente, entrarmos no assunto da interculturalidade e da educação intercultural e a perspectiva que esta proporciona ao permitir o diálogo com a diferença e a diversidade cultural.

No **Capítulo 3** apresentamos o desenvolvimento do estudo, a natureza da pesquisa realizada e descrevemos o trabalho de campo e a técnica de entrevista utilizada; caracterizamos o campo e os sujeitos da pesquisa. Discorremos sobre os procedimentos para a coleta dos dados e apresentamos os dados gerais dos sujeitos, objetivados nos quadros 1 e 2.

No **Capítulo 4** realizamos a análise e discussão dos dados. Apresentamos, no Apêndice A, as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Trechos significativos selecionados dessas entrevistas são apresentados, analisados e discutidos à luz do referencial teórico adotado.

A seguir, as **Considerações Finais** são apresentadas.

Ao final, encontram-se as **Referências** utilizadas para o presente estudo.

## **CAPÍTULO 1**

### **CULTURA, LÍNGUA E EDUCAÇÃO**

Observamos que no mundo atual e entre as chamadas línguas modernas, o inglês conquistou um lugar de destaque, tendo sido alçado à posição de língua internacional. Esta vem sendo utilizada como um importante recurso de comunicação para favorecer a interação e o intercâmbio entre povos diversos, falantes nativos ou não deste idioma. Não somente no Brasil, como também em grande parte do globo, a língua inglesa vem sendo ensinada e disseminada como nenhum outro idioma na história mundial, influenciando a nossa vida cotidiana em vários aspectos e contextos. No campo educacional, o ensino da língua inglesa tem a intenção de atender às necessidades que os alunos irão enfrentar, seja no ambiente corporativo, seja na sua inserção social, de modo a permitir que esses possam atuar de forma mais efetiva em diversas situações.

O processo de globalização impulsionou ainda mais o uso desse idioma, que já chegou a ser chamado de “a língua da globalização”. Sua presença é constante em praticamente todos os setores e esferas de nossa sociedade dita globalizada. A língua inglesa tem sido utilizada por falantes distintos ao redor do planeta como uma ferramenta que facilita sua inserção social, cultural e profissional na sociedade global. Vista como língua internacional para fins de comunicação, a mesma passa a ser considerada uma “língua de todos”, deixando de ser entendida como a língua deste ou daquele país, inserindo-nos em uma grande comunidade, proporcionando-nos um sentimento de pertencimento a uma comunidade maior. Isto nem sempre é visto com bons olhos, principalmente pelo fato do inglês estar associado a um histórico de imperialismo e poder, o que tem despertado reações diversas, assim como também o interesse dos estudiosos a respeito do impacto da utilização e assimilação do mesmo na identidade dos falantes.

Ao aprendermos uma língua estrangeira ou vivenciarmos uma experiência internacional através de uma viagem ou programa de intercâmbio cultural, somos expostos à cultura alheia, o que nos demanda familiarizarmo-nos e lidarmos com as diferenças entre os povos. A interação entre os diversos falantes propicia não só um novo posicionamento em relação à nova língua e cultura, como também em relação

a nossa própria cultura e idioma. Isto pode despertar o interesse e o respeito para com a diversidade e as particularidades de cada povo, levando à formação de um cidadão mais crítico, autônomo e participativo.

A aprendizagem de línguas e a experiência de imersão em um novo universo cultural podem propiciar condições que tornam o sujeito mais crítico e reflexivo, contribuindo para a formação e a transformação de sua identidade, uma vez que a língua é um importante elemento de constituição da identidade humana.

Como é nossa intenção estudar como a experiência de intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem da língua inglesa contribui para a formação e transformação da identidade de jovens graduandos, acreditamos que nosso estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão sobre as repercussões propiciadas pelo intercâmbio cultural na identidade dos estudantes intercambistas e em sua visão e percepção de mundo e percepção da realidade.

Apresentamos a seguir, as nossas reflexões teóricas fundamentadas na revisão bibliográfica pertinente por nós realizada.

### **1.1 CULTURA: o ser humano como ser cultural e social**

O ser humano é considerado um ser complexo, qualitativamente diferente dos outros animais. Ele é caracterizado como um ser social e cultural. É a cultura, produção eminentemente humana, que o distingue das outras espécies animais. Segundo Leontiev (1978), diferentemente do animal que se contenta com a sua natureza, o ser humano constrói a sua própria. Ele não se limita ao mundo tal como ele se apresenta, mas o transcende e o transforma. Ele o transforma e o recria constantemente, nele imprimindo a sua marca, a marca da cultura. Por isso diz-se que ele se humaniza produzindo o seu mundo, gerando suas manifestações culturais (LEONTIEV, 1978). Devido as suas criações culturais, o ser humano também tem sido designado *homo culturalis* (CARNEIRO, 2009).

A literatura sobre o que é cultura é ampla e o termo é de difícil definição. Santos (1994 *apud* SILVA, 2012, p.16), afirma que “cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana”.

## Segundo Freire:

Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo (FREIRE,1979, p. 16).

## Morin nos fala sobre a cultura e seu papel na sociedade:

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2002, p. 56).

Muito já foi escrito a respeito do ser humano como um ser produtor de cultura e várias teorias já foram propostas na tentativa de se elucidar e compreender o seu desenvolvimento como ser social e cultural, ou seja, como ele apreende o conhecimento e costumes do seu povo, enfim como ele se humaniza e se constitui como sujeito. Um dos estudiosos que se destacou nesta área foi o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky. Ele procurou compreender e explicar o desenvolvimento do ser humano como ser social e cultural, a aquisição da língua e da linguagem, e a formação da mente humana, através de uma ótica sócio-histórica e de um processo de aprendizagem que parte do social para o individual. A sua teoria, Teoria Histórico-Cultural, é também conhecida como teoria sóciointeracionista (VYGOTSKY,1994).

De acordo com a abordagem acima, uma criança pequena, inicialmente em contato e interação com a mãe e o grupo familiar, vai, aos poucos, internalizando o que vai apreendendo e aprendendo, tanto em nível de comportamento verbal como de experiência de vida, num movimento que vai do nível social para o individual. Inicialmente, a partir da interação, que ocorre em nível interpessoal, a criança assimila noções e conhecimento, os quais são internalizados a seguir e são recriados em nível intrapessoal, num processo contínuo de criação de significados e sentidos, num processo de espiral ascendente. Nesse processo o papel do adulto é de fundamental importância para o aprendizado da criança, que se desenvolve em contato e interação com o outro e através do outro. Assim, o ser humano, ontologicamente social, constrói a sua história só e exclusivamente com a participação dos outros elementos do seu grupo social e da apropriação do patrimônio cultural do seu povo e da humanidade (MARTINS, 1997). Nesse

processo interativo, em um ambiente histórico e social, a linguagem desempenha papel fundamental como principal instrumento de mediação da realidade (SMOLKA; GOES, 1993).

Segundo Vygotsky (1994), através de um processo sócio-histórico, mediante a utilização de elos intermediários --- instrumentos e signos --- e da aprendizagem mediada que ocorre na interação, o ser humano desenvolve-se, constituindo-se como sujeito da cultura. Segundo esse autor, todo o aprendizado da criança e suas relações com o seu ambiente e as pessoas que a cercam não ocorrem diretamente, mas através de mediação, constituindo o que ele denominou aprendizagem mediada. Assim, o ser humano utiliza-se de elementos mediadores, que servem de elo intermediário entre ele e o mundo que o cerca. Esse autor propôs dois tipos de elementos mediadores:

a) os instrumentos, que podem ser algo concreto, como um artefato, tal como um copo, um banco, uma vasilha, uma ferramenta, etc., para possibilitar ou facilitar a execução de tarefas;

b) os sinais ou signos, produção cultural característica da espécie humana. O signo é algo que representa uma outra coisa. A língua e a linguagem são compostas por signos, que compõem códigos para comunicação. Assim, por exemplo, a palavra árvore remete ao objeto concreto árvore, permitindo que se imagine uma sem a necessidade de vê-la concretamente. Os signos permitem a construção de representações mentais, as quais substituem os objetos do mundo real; isso constitui uma capacidade exclusivamente humana, importante traço evolutivo da espécie. As representações mentais constituem abstrações que permitem ao ser humano libertar-se do espaço e tempo presentes, fazer relações na ausência das próprias coisas, fazer planos e ter intenções. Essa mesma característica é fundamental para a aquisição de conhecimentos e apropriação da cultura, permitindo, também, que se aprenda por intermédio da experiência do outro (VYGOTSKY, 2000).

Vygotsky (1994) ressalta o papel e a importância da língua como meio de comunicação e como um sistema organizado de signos, que propiciam ao ser humano o acesso à dimensão simbólica, característica própria da espécie humana e

base da criação e transmissão da cultura. É a língua, patrimônio social, que possibilita a preservação e transmissão do conhecimento e da cultura a outras gerações no decorrer do tempo.

A língua e a linguagem, resultantes das relações e articulações existentes entre sociedade, história e cultura, destacam-se dentre as inúmeras criações culturais do ser humano. Existe uma estreita relação entre cultura, língua e linguagem. Cada povo, cada grupo social, tem a sua língua, transmitida de geração para geração. Todo ser humano já nasce inserido numa cultura, numa sociedade, num contexto sócio-histórico, numa trama de significados e num grupo familiar, no qual se fala uma determinada língua. A língua falada preexiste ao ser humano. Com ela apreende-se o mundo e, por meio dela interage-se com as outras pessoas. Daí podermos dizer que o ser humano constitui a linguagem e é por ela constituído.

Para Saussure (1970), segundo o seu Curso de Linguística Geral, a língua é um sistema de signos linguísticos. Ela é produto da coletividade, existe sob a forma de um fato social e está presente em todos os membros de uma comunidade linguística, os quais a utilizam como um código, do qual se valem para suas comunicações cotidianas, sejam faladas ou escritas.

Língua e linguagem são indissociáveis. De acordo com o pensamento de Saussure (1970), a linguagem é uma das faculdades do ser humano, a maneira que ele tem de se comunicar através de signos convencionais. Ela é considerada todo ato de comunicação e se manifesta através de diferentes tipos de signos, podendo ser recriada conforme o ser humano necessite criar novas realidades.

O processo de comunicação faz parte da vida das pessoas e o aprimoramento da capacidade comunicativa acompanha a própria evolução humana; essa capacidade tem sido ampliada ao longo dos tempos, envolvendo palavras, sons e imagens.

Existem vários tipos de linguagens, como a nossa própria linguagem, a linguagem dos surdos-mudos, dos sinais de trânsito, linguagem matemática, etc. A linguagem pode ser verbal, cuja unidade básica é a palavra (escrita ou falada), ou não verbal. As linguagens não verbais são aquelas nas quais são utilizados outros sinais, que não as palavras, para a comunicação; como exemplo temos a dança, a

música, etc. Com o recente aparecimento da informática, temos agora, também, a linguagem digital, a qual permite a armazenagem e transmissão de informações em meios eletrônicos (BETANIA, 2010).

Na vida em sociedade, nas interações sociais, na dialética da existência, é através da mediação semiótica, através da língua e da linguagem, que o ser humano se comunica e se apropria dos conhecimentos, do saber acumulado, dos desenvolvimentos e da cultura do seu povo, assim como os transmite, legando-os às gerações futuras e perpetuando a sua história.

## **1.2 A LÍNGUA INGLESA: sua utilização e ensino no Brasil**

Cultura, sociedade, língua, linguagem e comunicação se entrelaçam e estão intimamente conectadas. O processo de comunicação faz parte da vida das pessoas e o aprimoramento da capacidade comunicativa acompanha a própria evolução humana, como nos demonstra a história da humanidade.

Atualmente, vivemos em uma sociedade globalizada com notável incremento do acesso aos meios de comunicação. A globalização afeta todas as áreas da sociedade e, mais do que nunca, comunicação e conhecimento caminham juntos e constituem poder. Conhecimento, não apenas em termos de uma área específica profissional, mas em sentido amplo, que englobe também a comunicação e transmissão de saber, de habilidades e competências, possibilitando a ampliação de contatos e relacionamentos profissionais e pessoais. Na atual sociedade globalizada, a capacidade e domínio de uma comunicação eficiente e abrangente é cada vez mais exigida e valorizada para a inclusão do ser humano no mercado de trabalho, interação, valorização e ascensão profissional.

No mundo contemporâneo, dentre as línguas modernas, o idioma inglês tem se destacado como uma língua internacional ou língua global, ou língua franca, como um meio de comunicação que permite o trânsito para além das fronteiras linguísticas e geográficas. No Brasil, assim como em nível global, a língua inglesa vem tendo o seu ensino e aprendizado disseminado para fins econômicos, culturais, científicos, profissionais e turísticos com vistas a possibilitar o intercâmbio com os diferentes povos, falantes e não falantes nativos desse idioma. Dentre os objetivos

consta, também, favorecer aos jovens a inclusão no mercado de trabalho, assim como a valorização e ascensão profissionais e melhores condições de trabalho, de modo geral.

O ensino da língua inglesa tem sido disciplina obrigatória no currículo escolar brasileiro há séculos, desde o Império, em 1809, após a chegada de Dom João VI ao Brasil. No início, foi decretada a implantação do ensino do inglês e do francês nas escolas, a fim de propiciar relações comerciais mantidas por Portugal com a Inglaterra e a França. O objetivo do ensino era meramente comercial, o que, segundo estudiosos do assunto, remete a uma inadequação entre o ensino oficialmente oferecido no Brasil e as necessidades dos aprendizes, desde a implantação do mesmo (SANTOS, 2011).

Do início do século XIX até 1920 o francês sempre teve uma posição de vantagem sobre o inglês, pois a França exercia uma forte influência na cultura ocidental. No entanto, após a criação do cinema falado, do desenvolvimento da indústria cultural e do desenvolvimento tecnológico, ocorreu a universalidade da difusão da língua inglesa, o que foi intensificado após a Segunda Guerra Mundial, na década de 40, com a vitória dos países anglo falantes (SABADIN, 2006).

A partir do século XIX, o ensino da língua inglesa no sistema educacional brasileiro sofreu alterações, passando por várias reformas, ora sendo negligenciado, ora tratado indevidamente, chegando até a ser excluído da grade curricular pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961 e 1971. Segundo Paiva (2004), estas deixaram de lado o ensino obrigatório da língua inglesa, ao não incluí-las entre as disciplinas obrigatórias. As duas leis delegaram aos Conselhos Estaduais de Educação a decisão sobre esse ensino. Após essas duas LDB, outras leis foram formuladas para gerir o ensino no país, mas em todas elas o ensino da língua inglesa não recebeu a importância que merecia.

Atualmente, a influência do idioma inglês na cultura brasileira é muito forte, sendo bastante disseminado o uso de palavras inglesas na vida cotidiana em nossa sociedade, em diversos contextos, seja cultural, acadêmico, profissional, comercial, de lazer ou turístico, como podemos facilmente observar no cotidiano. É importante ressaltar aqui que essa situação não é vista com bons olhos por todos os brasileiros.



Como reação a esse estado de coisas, em 1999, o deputado Aldo Rebelo apresentou o Projeto de Lei nº 1676 proibindo o uso de palavras estrangeiras na imprensa, nos meios televisivos e também em anúncios publicitários, sempre que houver as correspondentes palavras portuguesas. De acordo com essa lei, o descumprimento da mesma incorrerá em multa (SCHMITZ, 2001). Esclarecemos, no entanto, que o projeto ainda não foi definitivamente aprovado.

Embora as políticas educacionais não assegurassem uma inserção de qualidade do ensino de língua inglesa em nossas escolas públicas, todos os setores da sociedade reconheceram a importância do domínio desse idioma, o que tem levado as classes privilegiadas a procurarem garantir a aprendizagem dessa língua nas escolas de idiomas ou com professores particulares. Nos últimos 30 anos, temos observado uma demanda crescente pela língua inglesa e uma explosão de cursos da mesma, a partir da percepção da sua importância em nível internacional e da constatação das deficiências do ensino público em oferecer satisfatoriamente o seu ensino.

Em 20/12/1996 foi promulgada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 9394, que, de acordo com o seu artigo 26, parágrafo 5º, torna obrigatório, a partir da quinta série do Ensino Fundamental, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna numa disciplina obrigatória, a ser escolhida pela comunidade escolar dentro das possibilidades da instituição (BRASIL, 1996). As escolas, normalmente, optam pelo ensino da Língua Inglesa.

Paralelamente, podemos observar a proliferação de escolas particulares de inglês em nosso país, e, mais recentemente, também, de instituições particulares de nível fundamental e médio bilíngues, uma vez que o idioma é de grande importância na vida profissional das pessoas, tendo se tornado um requisito praticamente obrigatório para ingresso, permanência e ascensão no mercado de trabalho. Entretanto, pesquisas realizadas sobre o assunto revelam que o ensino do inglês nas escolas públicas de nível médio em nosso meio não tem sido considerado satisfatório para preparar os alunos para a vida profissional, como seria de se esperar (SANTOS, 2011). Aulas de inglês como língua estrangeira também são oferecidas em alguns cursos técnicos, tecnológicos e de nível superior, com o objetivo de complementar a formação profissional, fornecendo aos alunos um inglês

de conteúdo acadêmico, técnico ou comercial que lhes permita a leitura e compreensão de artigos, bibliografia especializada, manuais técnicos, e o uso da língua em contextos profissionais específicos, principalmente em várias áreas da vida acadêmica e da engenharia.

Também nas universidades brasileiras, nos últimos anos, o ensino de língua inglesa tem sido oferecido e até ofertadas aulas da grade curricular em esquema bilíngue (português-inglês), quando possível, numa tentativa de melhor preparar os seus alunos e propiciar-lhes o contato com universidades de outros países e intercâmbio acadêmico e cultural.

O recentemente implantado programa “Inglês sem Fronteiras”, pelo Ministério da Educação e Cultura, em 2012, conforme extraído do site do Ministério:

[...] foi elaborado a partir da necessidade de se aprimorar a proficiência em língua inglesa dos estudantes universitários brasileiros, com o objetivo de proporcionar-lhes oportunidades de acesso a universidades de países anglófonos por meio do Programa Ciência sem Fronteiras. Para atender tal demanda, suas ações incluem a oferta de cursos a distância e cursos presenciais de língua inglesa, além da aplicação de testes de proficiência.

Essa iniciativa possui um escopo ainda mais abrangente. Fruto do trabalho conjunto entre o Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Educação Superior (SESu) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seu principal objetivo é incentivar o aprendizado do idioma inglês e propiciar uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades do País (MEC, 2012).

Em 2014, o MEC ampliou o leque de idiomas estrangeiros ofertados lançando o “Programa Idiomas sem Fronteiras” (IsF) e, desse modo, o “Inglês sem Fronteiras” passou a ser uma ramificação do novo projeto.

Finalizando, atualmente, o ensino da língua inglesa no Brasil é cada vez mais disseminado e oferecido em contextos distintos, em escolas regulares, públicas e particulares de nível fundamental e médio, em instituições de nível superior, assim como em escolas livres de línguas e na Internet, visando favorecer e promover, cada vez mais, a inserção dos brasileiros no âmbito internacional de uma sociedade globalizada.

### 1.3 LÍNGUA INTERNACIONAL: a disseminação do inglês

O anseio por uma língua universal é antigo e o desejo de criação de uma remonta ao século XVIII, ligado aos ideais do Iluminismo. A busca por uma língua única de comunicação, que fosse neutra, também atendia a objetivos comerciais e religiosos. Essa busca perdurou até meados do século XX. Das línguas artificiais até então criadas, destacou-se o esperanto. Este foi criado em 1887, pelo médico Dr. Lejzer Ludwick Zamenhof, original de Bialystok, que na época pertencia ao Império Russo, mas hoje pertence à Polônia. Essa língua artificial foi criada para que servisse como língua franca internacional, para toda a população mundial, e não com o intuito de substituir todas as línguas existentes, como alguns supõem. O objetivo da sua criação era promover a concórdia entre os povos e por fim à opressão. Embora o esperanto ganhasse milhares de seguidores em várias partes do mundo, o mesmo não chegou a firmar-se como língua universal (DI LUCCIO, 2010). Segundo Di Luccio (2010), que se reporta a Eco (2002), os estudiosos que acreditavam na possibilidade de se criar tal língua, perceberam que era inútil e mesmo ingênuo criar uma língua artificial e estática, que não sofresse alterações e acréscimos durante o seu uso ao longo do tempo. As línguas nascem dos gênios de povos distintos e são socialmente, historicamente e culturalmente transmitidas, além de serem dinâmicas e influenciáveis. Isso responde pela inviabilidade do projeto de criação de uma língua universal, pois há que se considerar a diversidade social, educacional, racial, política, econômica, geográfica, climática e outras, que existem entre os povos do mundo.

A partir da segunda metade do século XX, a discussão acerca da criação de uma língua universal cedeu lugar à discussão da possibilidade de existência de uma língua internacional ou língua global. Diferentemente da língua universal, artificial, a língua internacional ou global tem como característica principal ser natural. Uma língua natural, ao ser extensivamente utilizada por um extenso número de falantes, geralmente em função de fatores políticos e econômicos, pode ser alçada ao status de língua global (CRYSTAL, 2003; DI LUCCIO, 2010).

Muitos autores têm estudado a crescente propagação da língua inglesa a partir do século XIX até os dias atuais, procurando analisar e esclarecer os motivos

e fatores que contribuíram para que a mesma fosse elevada ao atual status de língua internacional ou língua global da contemporaneidade.

Crystal (2003), conceituado linguista britânico, refere-se à língua inglesa como língua global e apresenta-nos uma análise da evolução e crescente uso da mesma ao longo dos séculos, até os dias atuais. Segundo ele, inicialmente, a propagação da mesma deveu-se ao crescente e exitoso colonialismo inglês, por causa do êxito das expedições feitas pela Inglaterra ao Novo Mundo. Com a colonização da América do Norte a língua inglesa espalhou-se rapidamente pela colônia. No entanto, a expansão do domínio do inglês na América do Norte não se deveu somente à presença dos colonizadores. A partir do século XIX, um grande número de imigrantes veio para a América do Norte, irlandeses, alemães, italianos e judeus europeus, que fugiam de seus países em busca de melhores condições de vida. Em decorrência disso, as diferenças culturais, econômicas e linguísticas aumentaram consideravelmente na colônia e a língua inglesa do colonizador passou a ser usada como a língua de comunicação entre povos de cultura e línguas tão diferentes, que agora aí viviam. A língua inglesa expandiu-se rapidamente e também alcançou o norte, firmando-se no Canadá. Espalhou-se também para o sul, em direção ao Caribe, onde veio a sofrer modificações devido à influência dos escravos africanos, resultando em vários tipos de *pidgins*<sup>1</sup>. A língua inglesa disseminou-se mais ainda com a colonização da Austrália, da Nova Zelândia e, mais tarde, da África do Sul, onde, atualmente é uma das línguas oficiais.

---

<sup>1</sup> *Pidgin*: língua simplificada adotada para fins comerciais por várias comunidades, a qual combina elementos de suas diferentes línguas. Muitos tipos de “*pidgins*” sobrevivem atualmente em territórios que previamente pertenceram a nações europeias colonizadoras e funcionam como uma língua franca. Por exemplo, o *West African Pidgin English* é extensivamente utilizado entre vários grupos étnicos ao longo da costa oeste africana (CRYSTAL, 2003).

A língua inglesa também teve um papel muito importante na Índia, a qual foi colônia do império britânico. Historicamente, os ingleses aí aportaram no século XVII como mercadores e impuseram e difundiram o seu idioma. O uso do mesmo ampliou-se com o estabelecimento das universidades de Bombaim, Calcutá e Madras, passando a ser considerado o idioma oficial da educação, o que resultou numa maior difusão e fortalecimento do uso do inglês no país, ao lado do hindi, língua oficial (PAZZINATO; SENISE, 2002).

A língua inglesa ainda é adotada como língua oficial em Cingapura desde 1950, por questões econômicas e políticas, visando uma língua de comunicação única, onde antes eram faladas três diferentes línguas: malaio, mandarim e tamil. O inglês falado em Cingapura recebeu a influência de outras línguas locais, resultando no *singlish*, que é a língua inglesa de Cingapura.

Crystal ressalta que a propagação da língua inglesa também está diretamente ligada ao desenvolvimento e poder tecnológicos:

O poder tecnológico está associado à Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores que fizeram aquela revolução trabalhava usando o inglês e as pessoas que viajavam para a Grã-Bretanha (e para os Estados Unidos mais tarde) a fim de aprender as novas tecnologias tinham inevitavelmente de fazê-lo em inglês. O século XIX viu o crescimento do poder econômico dos Estados Unidos, ultrapassando com rapidez a Grã-Bretanha, com o crescimento espantoso de sua população acrescentando muito ao número de falantes de inglês no mundo (CRYSTAL, 2005, *apud* DI LUCCIO, 2010, p.48).

O crescente poderio industrial, tecnológico e econômico da Inglaterra continuou a impulsionar a disseminação e uso da língua inglesa. A seguir, o crescimento político, econômico e social dos Estados Unidos no século XIX e XX levou ao fortalecimento e consolidação do inglês como língua de comunicação internacional, especialmente após a segunda grande guerra mundial, quando esse país firmou-se como nação poderosa, econômica e politicamente. A supremacia econômica dos Estados Unidos no século XX fez com que a língua inglesa continuasse a se expandir, tornando-se preeminente na política, na economia, na imprensa, na propaganda, na radiodifusão, no turismo e viagens e na educação (DI LUCCIO, 2010).

Crystal (2003) informa-nos que a língua inglesa tornou-se língua oficial em vários países do mundo. Segundo esse autor, em levantamento apresentado em seu livro *English as a global language*, à época da publicação do mesmo, 2003, o inglês já era adotado em mais de 70 países, fosse como língua materna, língua oficial ou semioficial, ou como língua ensinada nas escolas em caráter de bilinguismo ou multilinguismo. A maior parte de falantes de inglês como língua materna está concentrada nos Estados Unidos, com mais de 70% de falantes nativos.

Di Luccio (2010) relata-nos que, atualmente, o inglês é ensinado como língua estrangeira em mais de 100 países, como na China, Rússia, Alemanha, Espanha, Egito, Brasil, entre outros. Em muitos desses países, esse ensino tem caráter obrigatório. Além disso, desde os anos 1960, a língua inglesa é dominante no meio acadêmico, sendo utilizada em publicações de artigos, em revistas acadêmicas e apresentações em congressos internacionais. Isso faz com que a língua inglesa, atualmente, seja considerada indispensável na área da educação.

Com o advento da globalização e a massiva utilização do inglês para comunicação através do globo, o mesmo foi alçado ao status de língua internacional ou língua global da contemporaneidade, a língua da globalização.

Segundo Assis-Peterson e Cox (2007), existem algumas leituras ingênuas que explicam a difusão da língua inglesa pelo mundo, sendo uma delas a simplicidade de sua gramática ou sua afinidade com a mídia, marketing e ciência, por exemplo. Por outro lado, também existem o que as autoras chamam de leituras críticas, ou seja, aquelas que desconfiam da neutralidade desse idioma e trazem à tona a consciência da dominação imperialista nesse processo de disseminação da língua. Phillipson (1992, *apud* ASSIS-PETERSON; COX, 2007) é um dos autores que veem o fenômeno da disseminação do inglês pela via do imperialismo, argumentando que sua hegemonia vinda do período colonial prossegue até hoje a favor da manutenção de interesses capitalistas. Isso resultaria na sobreposição do inglês sobre as demais línguas, o que, em sua visão, constituiria uma ameaça às mesmas. Em sua opinião, deveria haver políticas que promovessem as línguas minoritizadas frente à globalização. Autores como Phillipson, entre outros, veem a globalização como um processo de americanização, embora não recomendem que o aprendizado dessa língua deva ser recusado, uma vez que é necessário apropriar-

se desse idioma. Uma terceira leitura do fenômeno da disseminação da língua inglesa, ainda de acordo com as autoras anteriormente citadas, consiste em tornar secundário o fato do idioma inglês ter tido sua origem associada ao imperialismo americano e britânico. Assim, é argumentado que esse idioma

Mundializado se desprende de suas raízes e ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser camaleonicamente apropriado, ressignificado, re-entoadado por falantes de diferentes línguas maternas nas interações entabuladas nos fluxos comunicacionais imprevisíveis da modernidade-mundo (ASSIS-PETERSON; COX, 2007, p. 8).

A língua inglesa, vista dessa maneira, não é somente a que domina e se espalha sobre as demais línguas, pois observamos que ela também sofre a influência de outros idiomas, como anteriormente comentado. O inglês autêntico não pode ser resguardado de ser influenciado, atravessado por outros idiomas, e este fenômeno pode ser observado em todo o mundo em tempos de globalização (ASSIS-PETERSON; COX, 2007).

#### **1.4 A LÍNGUA INGLESA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO**

Atualmente, a presença maciça do idioma inglês pode ser observada em todos os setores da dita sociedade globalizada: na esfera da comunicação, da cultura, do mercado de trabalho, das viagens, da economia, da política e do entretenimento, o que a torna a mais utilizada e falada língua para a comunicação internacional e já lhe valeu várias denominações, como língua internacional, inglês internacional, língua global, língua franca, inglês mundial, *globish*, dentre outras. Ao mesmo tempo, esse fato tem se constituído objeto de estudos e pesquisas, assim como de intenso debate intelectual e popular, conforme nos revela a revisão bibliográfica pertinente.

O fenômeno da globalização é um assunto bastante atual, discutido, complexo, polêmico, e, também, contestado e considerado polissêmico, o qual apresenta-se na literatura analisado de vários ângulos e perspectivas, por muitos e diferentes autores. Para os nossos interesses, no presente trabalho, apresentamos uma síntese a partir do que depreendemos da leitura de muitos autores, a fim de podermos discutir, depois, a utilização do inglês como língua internacional ou língua global e os pontos positivos e negativos disso decorrentes, assim como o impacto e

possíveis repercussões na identidade dos que o adquirem, assimilam e utilizam como segunda língua, principalmente na identidade de jovens graduandos.

O termo globalização tem estado em uso crescente e vem se popularizando desde a década de 1980 e, especialmente, meados da década de 1990. Alguns autores colocam o início do processo de globalização nos tempos modernos, a partir da Revolução Industrial, no século XIX, e da Revolução Tecnológica e Segunda Grande Guerra Mundial, mais recentes (CRYSTAL, 2003; DI LUCCIO, 2010; LONGARAY, 2009).

Outros autores, no entanto, situam a sua origem mais remotamente, traçando sua história à era das Grandes Navegações e Descobertas Marítimas, das viagens ao Novo Mundo pelos europeus, nos séculos XV e XVI. Outros, ainda, consideram que o processo teve início com as viagens dos antigos mercadores do Velho Mundo, as quais propiciavam trocas e intercâmbio econômico e cultural na época, e citam a “Rota da Seda”, que ligava a Ásia, África e Europa, como exemplo do poder transformador de troca entre os seres humanos e diferentes povos (CRYSTAL, 2003; DI LUCCIO, 2010; LONGARAY, 2009).

Conforme os autores acima mencionados, a globalização é considerada um processo dinâmico, que engloba intensas transformações de ordem econômica, social, cultural e política, visíveis desde o final do século XX, desencadeado pelos sucessivos avanços da tecnologia, principalmente na área de comunicação e transportes, que tendem a deixar o mundo cada vez mais interligado e proporcionando uma maior integração entre as diferentes regiões do globo. Esse processo também é considerado fruto do capitalismo. O Relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2000) identificou quatro aspectos básicos da globalização:

- a) comércio e transações financeiras;
- b) movimentos de capital e de investimento;
- c) migração e movimento de pessoas;
- d) disseminação de conhecimento.



O documento do Fundo Monetário Internacional (FMI, 2000) inclui, também, como ligados à globalização, os desafios ambientais, como a mudança climática, a poluição do ar e excesso de pesca nos oceanos. Com base nessas informações, podemos formar uma ideia do alcance do fenômeno, ou seja, fica claro que todas as áreas da vida das pessoas serão ou já estão sendo afetadas de algum modo por esse processo, independente delas estarem conscientes disso ou não.

O sociólogo Boaventura Sousa Santos, professor da Universidade de Coimbra, considera muito difícil definir o fenômeno da globalização. Segundo ele

Muitas definições centram-se na economia, ou seja, na nova economia mundial que emergiu nas últimas duas décadas como consequência da intensificação dramática da transnacionalização da produção de bens e serviços e dos mercados financeiros (SANTOS, 1997, p.107).

Ele nos esclarece que privilegia uma definição de globalização mais sensível às dimensões sociais, políticas e culturais. Ele considera que o que é designado por globalização são, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais. Segundo ele, em rigor, o termo globalização só deveria ser usado no plural e ele considera diferentes tipos de globalização; entretanto, o autor propõe a seguinte definição:

[...] a globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local consegue estender a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival (SANTOS, 1997, p.108).

A partir dessa definição, o autor distingue quatro formas de globalização:

- localismo globalizado – processo pelo qual determinada realidade local é globalizada com sucesso
- globalismo localizado – impacto nas condições locais das práticas transnacionais;
- cosmopolitismo insurgente e subalterno – resistência organizada transnacionalmente contra os localismos globalizados e os globalismos localizados;
- o patrimônio comum da humanidade – emergência das lutas transnacionais por valores ou recursos que são tão globais como o próprio planeta.

Ele caracteriza as duas primeiras como globalização hegemônica, de cima para baixo; as duas últimas, como globalização contra-hegemônica ou a partir de baixo (Santos, 2006, *apud* CANDAU, 2008, p. 48).

Para o propósito do nosso presente trabalho, no entanto, comentamos aqui apenas as duas primeiras formas de globalização mencionadas pelo autor, por acharmos que nos ajudam a compreender o status de língua global alcançado pela Língua Inglesa na atualidade. De acordo com Santos (1997), o fenômeno da globalização articula-se intrinsecamente com o fenômeno da localização. Segundo ele, [...] “aquilo a que chamamos globalização é sempre a globalização bem sucedida de determinado localismo”, ou seja, [...] “não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local” (SANTOS, 1997, p.108). Para o autor, o fenômeno da propagação da Língua Inglesa, enquanto língua global, constitui um exemplo bem sucedido de localismo globalizado, no caso determinado por relações de poder e status econômico no mundo contemporâneo dos Estados Unidos da América do Norte e da Inglaterra.

De acordo com o mesmo autor, a globalização pressupõe a localização; assim, a Língua Inglesa enquanto língua franca é um exemplo disso, pois:

A sua propagação enquanto língua global implicou a localização de outras línguas potencialmente globais, nomeadamente a língua francesa. Quer isto dizer que, uma vez identificado determinado processo de globalização, o seu sentido e explicação integrais não podem ser obtidos sem se ter em conta os processos adjacentes de realocização com ele ocorrendo em simultâneo ou sequencialmente (SANTOS, 1997, p.108).

Os avanços tecnológicos das últimas décadas propiciaram a criação de uma rede de conexões, não só de transportes, mas de comunicações, como o rádio, a TV digital a cabo e, principalmente a Internet ou *world wide web* (www), que tendem a deixar as distâncias físicas, geográficas, sociais e culturais cada vez mais curtas, deixando o mundo cada vez mais interligado, “menor” e homogêneo, facilitando as relações sociais, culturais e econômicas, de forma rápida e eficiente, gerando uma “quebra de fronteiras” sem precedentes na história da humanidade, resultando no chamado efeito “Aldeia Global” (CRYSTAL, 2003; DI LUCCIO, 2010; LONGARAY, 2009).

Fica evidente que dentro desse novo cenário global, a veiculação de informações e comunicação é de suma importância e uma língua comum, compartilhada por muitos, vem favorecer essa situação. O idioma inglês, por várias razões, tem se destacado como o “idioma que rege o discurso da globalização” ou “o

latim dos nossos tempos” (MOITA LOPES, 2005, *apud* BUENO; MORAIS, 2014, p.03).

Di Luccio assinala muito apropriadamente que:

O fato inquestionável é que quanto maior a necessidade de comunicação entre grupos de línguas diferentes, maior é a necessidade de uma língua comum para possibilitar tal comunicação. Esta língua favorece a realização de negócios e acordos políticos e financeiros. Além disso, uma língua global viabiliza a aproximação de membros de comunidades linguísticas distintas e permite eliminar ou reduzir os custos com tradução, utilizada em eventos internacionais (DI LUCCIO, 2010, p.45).

Ortiz ressalta que:

A globalização declina-se preferencialmente em inglês. Digo, preferencialmente, pois a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada (ORTIZ, 2006, p. 17).

A língua inglesa tem sido, ao longo de décadas, a mais utilizada para a comunicação e intercâmbio internacional nas mais variadas esferas. Ela tem se constituído em uma importante ferramenta como instrumento de comunicação entre pessoas dos mais diferentes povos e culturas dentro do contexto globalizado. A utilização do inglês como língua internacional, ou língua global, ou língua franca, ou, ainda, inglês mundial, pelos mais diferentes povos do planeta como ferramenta para inserção na sociedade globalizada tem desencadeado estudos sobre o impacto da utilização e assimilação da língua inglesa na identidade de pessoas e povos, falantes não nativos, que a utilizam frequentemente por imposição social, profissional, cultural ou política. Dentre os autores brasileiros que têm estudado essa temática citamos Cardoso (2014), Kalva e Ferreira (2011), Resende (2009) e Rezende (2006) e dentre os autores norte-americanos citamos Carlson *et al.* (1991), Osborne (2012), Schwieter e Kunert (2012), entre outros.

## **1.5 CULTURA, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E EDUCAÇÃO SOCIO-COMUNITÁRIA**

A linguagem falada e escrita é a característica que melhor distingue o ser humano dos outros animais, embora estes também tenham algum tipo de comunicação. Por ser dotado de linguagem, o ser humano foi definido por Aristóteles, em sua obra “Política”, como um “animal político”, ou seja, um animal

social e cívico. Segundo o filósofo, o ser humano distingue-se dos outros animais porque possui a palavra (*logos*) e com ela pode exprimir o bem e o mal, o justo e o injusto, enquanto que os outros animais possuem voz (*phone*) e com ela podem exprimir apenas dor e prazer (CHAUÍ, 2000).

Segundo Chauí, em “O ensaio sobre a origem das línguas”, Rousseau nos fala que “A palavra distingue os homens dos animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado” (CHAUÍ, 2000, p.172). Esclarece-nos a autora que Rousseau atribui o surgimento da linguagem no ser humano a uma profunda necessidade de comunicação, de exprimir suas paixões e sentimentos para com os seus semelhantes.

O uso da língua e da linguagem acompanha o ser humano do nascimento à morte, permeando todos os seus atos, e permitindo-lhe interagir e comunicar-se com os outros e com o mundo. A língua é um instrumento que medeia a realidade humana e, como um código organizado de signos, propicia significações e sentidos, permitindo a produção de conhecimento e a criação de cultura. Não existe língua sem cultura e nem cultura sem a sustentação de uma língua. Ela é um produto cultural e histórico e é fundamental para a expressão da identidade cultural e territorial de um povo. A língua também é um bem social coletivo, graças à qual a transmissão da bagagem cultural de um povo pode ser herdada e legada às gerações seguintes (COELHO; MESQUITA, 2013).

De acordo com Campedelli e Souza:

Tudo o que o ser humano alcançou de crescimento cultural está ligado à linguagem. Sem ela, a cultura não existiria e os conhecimentos não poderiam ser transmitidos de geração para geração. A linguagem torna possível o desenvolvimento e a transmissão de culturas, bem como o funcionamento e o controle dos grupos sociais (CAMPEDELLI; SOUZA, 1998, p.10).

Graças à linguagem, o ser humano teve acesso ao universo simbólico num salto qualitativo em relação aos outros animais. Nas palavras de Borges:

Pela linguagem, abrimo-nos ao mundo, ao ser, à história, ao que há e ao que não há, a possibilidades, à transcendência, distinguimos entre o bem e o mal, estabelecemos comunidade, tornamo-nos humanos. Cada língua é um mundo, de tal modo que a posse de várias línguas dá mais mundo. A

linguagem é um bem maior, que pode ser perigoso: cria e destrói (BORGES, 2011, p.2).

A linguagem sustenta toda a vida social e cultural humana e na forma da fala propicia a comunicação nas interações sociais. A língua, assim como a cultura, é dinâmica, não é algo fixo, determinado e acabado. Ambas são produtos de seres sociais inseridos em uma sociedade, em constante processo de interação e passam por transformações, as quais são visíveis e podem ser constatadas ao longo da linha do tempo dos diversos povos. Essas transformações ocorrem nos mais diversos setores: social, político, econômico, ideológico, científico, etc. (COELHO; MESQUITA, 2013).

Na sociedade contemporânea marcada pelo fenômeno da “compressão espaço-tempo” (BAUMAN, 2005), desencadeado pelos rápidos meios de locomoção e comunicação ao redor do globo, a capacidade e competência em comunicação é uma qualidade altamente valorizada, assim como o domínio de mais de um idioma, já que a língua ou línguas nos abrem “janelas” de comunicação com as pessoas e o mundo. Assim, quanto mais línguas mais mundo, ou seja, mais acesso ao conhecimento e à cultura.

Os grandes avanços tecnológicos da atual fase pós-moderna da humanidade, que possibilitaram encurtar distâncias e superar fronteiras com a Internet e a mídia instantânea, têm colocado diferentes culturas e povos em contato, numa tendência homogeneizadora, mas também têm suscitado conflitos, ambivalência e desafios, frente à diversidade cultural em cena, com ameaças de opressão de alguns sobre outros, ora na busca de exploração econômica e material, ora na tentativa de dominação e imposição de valores, costumes, língua, etc. Estamos vivendo uma era de rápidas transformações culturais, caracterizada pelos fenômenos da mundialização<sup>1</sup> e globalização e presenciamos as transformações sociais e culturais decorrentes disso tanto em nível internacional como nacional.

---

<sup>1</sup> Renato Ortiz (1994) distingue globalização de mundialização, concebendo a primeira como referida fundamentalmente à economia, “à produção, distribuição e consumo de bens e de serviços, organizados a partir de uma estratégia mundial e voltada para um mercado mundial” (p. 16) e a segunda como um “fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais” (p. 30) (ORTIZ, 1994, *apud* CANDAU, 2008, p. 45).

Esse cenário marcado pela globalização, exaltada por alguns e temida por outros, coloca em evidência as diferenças culturais, as diferentes culturas “próximas, mas distantes”, a questão do “global” versus “local”, o tema da “diferença”, do “outro”, apresentando grandes desafios para a educação das jovens gerações. Essa situação, mais do que nunca, coloca em pauta a questão da interculturalidade na educação, ou seja, a necessidade de se educar os jovens para aprenderem a conviver com pessoas de diferentes culturas, línguas, costumes, valores e crenças.

Segundo Fleuri (2003), a questão da interculturalidade na educação não é recente na Europa, Canadá e Estados Unidos, onde vários povos com suas diferentes culturas, línguas e dialetos, convivem mais proximamente há séculos, enfrentando desafios raciais, étnicos e religiosos. No Brasil, também convivemos há séculos com a diversidade cultural, entretanto, apenas nas últimas décadas a proposta de uma educação intercultural tem chamado a atenção dos educadores e vem recebendo destaque em artigos acadêmicos, propondo uma educação a partir de uma nova perspectiva, apresentando estratégias educacionais para uma educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores, etc. Isto foi deflagrado a partir de movimentos de grupos minoritários requisitando direitos e valorização de sua pluralidade e identidade cultural.

O Brasil é reconhecido como um país com uma sociedade multicultural, colonizado pelos portugueses (que impuseram sua língua e valores cristãos), mas enriquecido com descendentes de várias outras etnias; além dos nativos indígenas e africanos, grande parte da população descende de italianos, alemães, japoneses, armênios, entre outros.

Segundo Fleuri (2003), o reconhecimento da pluralidade cultural em nosso país, colocou em destaque a questão da multiculturalidade na esfera da educação. Em consequência disso, o multiculturalismo e a perspectiva intercultural vêm ganhando relevância social e educacional nas últimas décadas, resultando em:

[...] políticas afirmativas das minorias étnicas, com as diversas propostas de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola regular, com a ampliação e reconhecimento dos movimentos de gênero, com a valorização das culturas infantis e dos movimentos de pessoas de terceira idade nos diferentes processos educativos e sociais (FLEURI, 2003, p.16).

Esclarece-nos o autor anteriormente citado que além desses temas, os quais vêm se consolidando em âmbito nacional, outros temas e problemas relacionados ao fenômeno mais amplo da globalização e suas consequências, em nível internacional, têm suscitado iniciativas e movimentos com propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores e outras questões.

Ainda de acordo com Fleuri:

Em todos estes movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional [...] o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como *Multicultural Education* (EUA, Canadá, Grã-Bretanha), e que, nos outros países da Europa, assume diferentes denominações: pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural (FLEURI, 2003, p.17).

A partir da leitura da obra de Fleuri (2003) observamos que algumas das propostas da Educação Intercultural sintonizam com algumas da Educação Sociocomunitária ao proporem estratégias educacionais que visam transformações sociais amplas, através de “ações educacionais de impacto social para além da escola” (GROPPO, 2013, p. 20).

Gomes considera que:

[...] a Educação Sociocomunitária é uma estratégia educacional que articula comunidades ou grupos locais sociais em prol de transformações sociais de alcance mais amplo. Diz ele que tal estratégia pode ter caráter emancipador, nos casos em que as intervenções têm como horizonte a ampliação da autonomia e bem estar das comunidades e seus integrantes (GOMES, 2008, *apud* GROPPPO, 2013, p. 20).

Dentro dessa visão apresentada pelos autores, a nosso ver, encaixa-se o intercâmbio cultural de jovens graduandos. Nós o vemos como uma estratégia educacional que vem complementar a formação desses estudantes, preparando-os para essa educação emancipadora mais ampla, que pode contribuir para transformações sociais visando uma melhor aceitação da diversidade cultural e da

“diferença”. Ambas as perspectivas educacionais, intercultural e sociocomunitária, têm uma proposta democrática de educar para a alteridade, de respeito aos direitos do outro e de direito à igualdade de dignidade e de oportunidades, com vistas à construção de um mundo melhor.

A prática do intercâmbio cultural é bastante comum entre jovens estudantes universitários norte-americanos e estudantes europeus, que viajam para vários países da União Europeia, a fim de conhecerem, familiarizarem-se e enriquecerem-se com as culturas e línguas de outros países (CARLSON *et al.*, 1991; OSBORNE, 2012; PAIGE, 2010; FRY, 2010; SCHWIETER, 2012; KUNERT, 2012). Como já é sabido o plurilinguismo ou multilinguismo é bastante comum nos países europeus, devido à proximidade dos mesmos, o que favorece o intercâmbio. No Brasil, por sua vez, predomina a língua portuguesa como sua língua oficial, mas já existe uma clara consciência da necessidade dos nossos jovens ampliarem os seus horizontes culturais e dominarem outros idiomas, habilidade indispensável para uma comunicação mais ampla e para abrir mais janelas para o mundo. Os programas recentemente implementados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2012), “Inglês sem Fronteiras” e “Ciência sem Fronteiras” (vide item 1.2), almejam contribuir para a ampliação dos horizontes culturais, sociais e acadêmicos dos nossos jovens, mediante o estímulo à aquisição de mais um idioma e do intercâmbio acadêmico e cultural.

Finalizando, a nosso ver, o intercâmbio cultural e o ensino de línguas estrangeiras visa à construção de uma educação comprometida com a transformação social, ao permitir e propiciar aos jovens o conhecimento crítico de uma realidade mais ampla, em que a educação para a cidadania e a alteridade possibilitará que questões sociais e culturais sejam apresentadas para uma maior reflexão, procurando desenvolver no ser humano a consciência e convivência com a diversidade cultural, numa verdadeira educação transformadora.



## CAPÍTULO 2

### IDENTIDADE, CULTURA E INTERCULTURALIDADE

#### 2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE

O termo identidade é originado do latim *identitas*. A conceituação de identidade é uma questão difícil e complexa e o assunto interessa a vários ramos do conhecimento. A identidade tem sido objeto de estudo da Psicologia Social e Educacional, da Psicanálise, da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, do Direito, o que lhe confere diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê. O tema é de grande importância para a compreensão dos sujeitos e seu posicionamento no mundo e no espaço em que vivem e atuam profissionalmente. Porém, a atenção dedicada ao estudo da questão da identidade surgiu a partir da era do Iluminismo, já que antes disso havia a negação da individualidade. Os primeiros registros da preocupação com questões identitárias são do filósofo inglês John Locke, em 1690, que em sua obra *Essay concerning human understanding* escreveu sobre as noções de identidade e diversidade (WOODWARD, 2002).

A identidade pode ser entendida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma determinada pessoa. Algumas dessas características, ligadas ao nome do sujeito, idade, sexo, parentesco, impressão digital e outras, são consideradas “imutáveis”. Outras estão ligadas à sua história de vida, como nacionalidade, personalidade, ideais, sonhos, fantasias, atividades profissionais, etc. Todas essas características fazem com que o sujeito se perceba como único, com sua realidade individual e consciência de si mesmo, permitindo diferenciá-lo dos seus semelhantes e dissemelhantes (PROENÇA; TENO, 2011).

A revisão da literatura revela que várias concepções de identidade foram criadas ao longo da história do conhecimento humano e transformações na sua conceituação foram sendo elaboradas por diversos autores, nas diferentes fases da evolução da sociedade ocidental, conforme evoluíam as relações sociais, as relações de poder, políticas e econômicas. O tema tem ocupado as reflexões de muitos autores em diferentes épocas.

A temática da identidade é considerada um campo vasto e polêmico, marcado por polissemias, dentro do qual coexistem, articulam-se e se sobrepõem diferentes aspectos e facetas da identidade: identidade pessoal, identidade social, identidade cultural, identidade nacional, identidade grupal, profissional, corporativa, etc, cujos aspectos ora se destacam, ora se articulam, se sobrepõem e se mesclam, revelando a complexidade do tema.

Os pensadores e autores que veem o ser humano como um ser cultural e social inserido num contexto sócio-histórico apresentam a identidade como um fenômeno socialmente construído, que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade, fruto da dinâmica das relações sociais, resultado das diversas interações entre o sujeito e o seu ambiente social, próximo ou distante, permeado pela língua e cultura. Assim, a identidade é considerada o resultado de um processo de construção que ocorre ao longo da vida do sujeito, passível de negociações e transformações, num contínuo e constante devir, nunca completado.

Segundo Brandão (1990), a expressão “identidade social”, é considerada apropriada para expressar a configuração na qual se capta o ser humano inserido na sociedade bem como na dinâmica das relações sociais, permitindo superar a falsa dicotomia entre o individual e o social. É na articulação do individual com o social, na trama da língua e da cultura, que é tecida a identidade.

De acordo com Sève:

O homem concreto constitui-se, a partir de um suporte biológico que lhe dá condições gerais de possibilidades (próprias da espécie *Homo Sapiens Sapiens*) e condições particulares de realidade (próprias de sua carga genética). No entanto, as características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas no desenrolar de sua existência através da mediação do outro (SÈVE, 1989, *apud* JACQUES, 2003, p. 162).

A identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade, expressando uma singularidade construída na relação com outros seres humanos. Essa singularidade vai sendo construída ao longo da vida do sujeito, o qual é agente de sua história pessoal e social. Em outras palavras, como sujeito inserido num contexto histórico e social, em que vive, é desse contexto que decorrem as suas possibilidades e alternativas de identidade. Mas o sujeito

também tem um papel ativo na determinação e apropriação desse contexto, por isso ele se configura, ao mesmo tempo, como personagem e autor de sua história (LAURENTI; BARROS, 2000).

Ciampa (1994), psicólogo social brasileiro, em sua obra fala do ser humano em movimento, pois para ele a identidade pode ser compreendida como um processo cujo movimento é o aspecto central. Por isso, enquanto processo, a identidade vai sendo construída ao longo da vida. Segundo o autor “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação” (CIAMPA, 1994, p.74).

De acordo com o mesmo autor, a identidade é constituída por uma multiplicidade de papéis. Durante a sua vida, o sujeito vive diferentes papéis sociais, que lhe são impostos desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo na medida em que se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. Ele pode desempenhar o papel de filho, de pai, de marido, de professor, etc, que são partes constitutivas da sua identidade. De modo que a identidade é composta por “diferentes personagens”, ou seja, é um “universo de personagens” já existentes e de outros ainda possíveis, mas configurando uma “totalidade”, que se apresenta passível de constante transformação, dentro da qual podem coexistir elementos contraditórios. Porém, o ser humano é um ser ativo, que se apropria da realidade social e que atribui um sentido pessoal às significações sociais; em seu universo de significados ele cria o mundo e cria sentido para o mundo em que vive. Ele pode traçar caminhos, mudar sua rota, alterar sua predestinação pelas ações que realiza junto com outros seres humanos; por isso, ele deve ser visto como “fazendo-se”, em constante “transformação”, e não como “feito” e “acabado” (LAURENTI; BARROS, 2000). Assim, as identidades são construções plásticas, móveis, fluidas e dinâmicas.

A leitura de outros autores contemporâneos, no entanto, nos revela diferentes abordagens do conceito de identidade. Como podemos constatar, a questão da construção da identidade apresenta-se como uma temática extremamente complexa, embora atual, bastante estudada e tema de muitos trabalhos científicos, como nos revela a revisão bibliográfica. A complexidade em questão fica ainda mais

em evidência ao lermos as obras de outros autores, como Silva (2000), Woodward (2000), Hall (2000) e Bauman (2005).

De acordo com Woodward:

A questão da identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, nos contextos das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais (WOODWARD, 2000, p.67).

Woodward (2000), Silva (2000) e Hall (2000) analisam a questão da identidade a partir de uma perspectiva que difere daquela anteriormente exposta. Estes autores, dentro da teoria social e cultural contemporânea, analisam a construção da identidade pessoal e cultural como produto das relações sociais, dentro de uma perspectiva linguística, ou seja, como atos de linguagem, inseridos numa cadeia de significados e representações, propiciada pela língua. Segundo os mesmos, a perspectiva linguística, ou discursiva, da construção da identidade é inspirada e embasada na obra do linguista suíço Ferdinand de Saussure e do psicanalista francês Jacques Lacan. Esses autores nos falam da identidade como um fenômeno social e culturalmente construído e reconstruído, que sofre transformações, ao longo da vida dos sujeitos, mas que é marcado pela diferença. Todos eles enfatizam a oposição identidade-diferença e sua interdependência.

Para Silva (2000), a definição da palavra identidade parece ser fácil, a princípio, uma vez que essa palavra pode parecer autossuficiente. Segundo este autor, a identidade pode ser definida como aquilo que se é. Já a diferença, seria aquilo que não se é. Porém, o autor aponta a estreita dependência que existe entre identidade e diferença. A partir daí tecemos a concepção de que somos, por exemplo, brasileiros e falantes da língua portuguesa em contraposição àquilo que não somos --- falantes nativos da língua inglesa. Silva aponta que tais afirmações a respeito da identidade não fariam sentido em um mundo no qual imperasse a homogeneidade de identidades. Identidade e diferença, então, caminham juntas, pois ao afirmarmos o que somos, negamos aquilo que não somos.

Este mesmo autor afirma que tanto a identidade quanto a diferença são produzidas, sendo fruto das relações culturais e sociais. A identidade brasileira seria,

então, o resultado da criação de variados atos linguísticos, que definem nossa identidade como sendo diferente das demais. Portanto, identidade e diferença são o resultado de um processo de produção da linguagem, do discurso, e estão sujeitas a relações de poder.

Ainda de acordo com Silva (2000), quando afirmamos nossa identidade e nossa diferença, as operações de incluir e excluir estão presentes, uma vez que dizer o que se é implica também em dizer o que não se é. Daí decorrem as declarações “pertencer e não pertencer”, ligando a identidade à separação entre nós e eles. Observa o autor que o processo de classificação faz parte da vida social, sendo que a sociedade produz e usa as classificações para ordenar o mundo social. Estas classificações são formadas a partir do ponto de vista da identidade e da diferença.

Woodward (2000), autora norte-americana, também ressalta em sua obra a importância da diferença na construção da identidade. Segundo ela, uma é construída em contraposição à outra, ou seja, são conceitos interligados e interdependentes, mas não opostos. De acordo com a autora:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença --- a simbólica e a social --- são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos --- nós/eles; eu/outro (WOODWARD, 2000, p.39).

A autora nos informa que as identidades são construídas relativamente a outras identidades, relativamente ao “outro” ou ao “forasteiro”, isto é, relativamente “ao que não é”. Ela esclarece que essa construção aparece comumente sob a forma de oposições binárias e, segundo a mesma, a teoria linguística saussureana sustenta que as oposições binárias --- a forma mais extrema de marcar a diferença --- são essenciais para a produção de significado. A mesma autora também esclarece que a marcação da diferença é o componente-chave em qualquer sistema de classificação. Diz-nos ela, com base nos estudos de Émile Durkheim, que é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que

o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais (WOODWARD, 2000).

Hall (2006), sociólogo e culturalista jamaicano que estudou e viveu na Inglaterra, revela em sua obra que considera o conceito de identidade demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea, apesar da questão estar sendo extensamente discutida na teoria social. Ele nos fala das mudanças pelas quais passou a conceituação de identidade nos últimos séculos, a partir do período do Iluminismo, passando pela modernidade até chegar ao que ele chama de “modernidade tardia”. Como Silva e Woodward (2000), ele também analisa o fenômeno da identidade dentro de uma abordagem linguística, discursiva, constituído a partir de identificações do sujeito e marcado pela diferença.

Segundo Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional --- isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2000, p.109).

Segundo Hall (2006), as sociedades pós-modernas estão passando por muitas mudanças e transformações, o que afeta e transforma as identidades pessoais dos indivíduos, o que leva o autor a questionar a concepção de identidade como algo estável e definido, como se supunha no passado, nos mostrando uma outra dimensão das identidades, ou seja, a sua permanente transformação e reconstrução, com características de fragmentação e fluidez.

Hall (2006) distingue três concepções muito diferentes de identidade na história da humanidade:

### 1. Do sujeito do Iluminismo, cuja identidade baseava-se

[...] numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotada das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que com ele nascia e se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo --- contínuo ou “idêntico” a ele --- ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 2).

### 2. Do sujeito sociológico, cuja identidade era reflexo e resultado da complexidade do mundo moderno e

[...] cujo núcleo interior não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos --- a cultura --- dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão [...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade (HALL, 2006, p.2).

### 3. Do sujeito pós-moderno, sujeito da pós-modernidade ou modernidade tardia. Este sujeito é visto como um sujeito “fragmentado”, devido às mudanças e transformações da sociedade atual, que sofre os efeitos da globalização e da “compressão espaço-tempo”, as quais afetam a identidade do sujeito, de modo que o mesmo não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. O autor nos diz “A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p.2).

O sujeito apresenta uma identidade móvel ou cambiante, definida historicamente e não biologicamente. Segundo Hall (2006), o sujeito pós-moderno pode assumir identidades diversas em momentos diferentes de acordo com as identificações realizadas. Essas identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, podem ser contraditórias e sujeitas a deslocamentos. Segundo Hall, a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em seu artigo “Quem precisa da Identidade?” (2000), o autor apresenta a crítica a respeito da ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Ele salienta que o sujeito humano antes pensado como um ser centrado está passando, então, por um descentramento, tendo suas bases sujeitas a mudanças. O autor considera a identidade um processo nunca completado, uma vez que ela pode ser sustentada ou abandonada, identidade “móvel”, e, desta forma, nunca definitiva, uma vez que há sempre uma falta, mas não uma totalidade ou completude.

Outro autor contemporâneo, bastante conhecido, que tem se dedicado ao estudo da identidade é Zygmunt Bauman, sociólogo polonês exilado e radicado na Grã-Bretanha. Atualmente, é professor emérito da Universidade de Varsóvia (Polônia) e da Universidade de Leeds (Inglaterra). No livro “Identidade” (2005), resultado de uma longa entrevista concedida ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, Bauman considera o tema como um assunto de extrema importância, muito em evidência na atual sociedade e, ao mesmo tempo, um dilema e um desafio.

No livro acima citado, Bauman fala sobre a questão da identidade como um conceito-chave para o entendimento da natureza em transformação da vida social na contemporaneidade, que ele denomina “era da modernidade líquida” ou “era líquido moderna”. O sociólogo utiliza estas expressões para se referir à atual sociedade em que as mudanças e transformações ocorrem muito rapidamente, em alta velocidade, fazendo com que os indivíduos sintam-se possuidores de uma identidade “móvel” ou com “muitas identidades”, resultantes de identificações realizadas frente a inúmeras situações de vida com que têm que se defrontar, exigindo-lhes estar sempre em movimento. Disso resulta o que ele denomina “indivíduo fragmentado”, portador de identidades várias e muitas vezes contraditórias.

De acordo com ele,

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais --- mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

[...] A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente (BAUMAN, 2005, p.21-22).

O autor acima citado faz uma análise crítica dos conceitos de identidade pessoal e identidade nacional. Ele próprio polonês de origem judaica, ex-professor de Sociologia Geral na Universidade de Varsóvia, teve sua obra e trabalhos censurados pelo governo da Polônia por razões políticas em 1968, perdendo a cidadania e o seu emprego na universidade. Ele sentiu na pele o exílio da própria terra natal, sentindo o que significa o drama da identidade indefinida, vivenciando o



significado dos conceitos de “inclusão” / “exclusão”, “de pertencimento” / “não pertencimento” e do “sentimento de deslocado nacionalmente”, uma vez que foi excluído da cidadania polonesa na época. A partir de 1968 emigrou para outros países e hoje vive na Grã-Bretanha, onde durante 20 anos atuou como professor titular de Sociologia na Universidade de Leeds. Ele é autor de muitos livros e escreveu sobre a questão da identidade pessoal e identidade nacional, como submetidas a relações de poder e de estado, assim como escreveu sobre as “comunidades sociais de vida e de destino”.

Nas palavras do autor:

É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta” e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. Dos dois tipos, o primeiro me foi negado --- tal como o foi e será para um número cada vez maior de meus contemporâneos. Se não tivesse sido negado, dificilmente lhe ocorreria indagar-me sobre a minha identidade. ... A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria --- e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultura (BAUMAN, 2005, p.17).

Bauman continua:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age --- e a determinação de se manter firme a tudo isso --- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Para o mesmo autor, na atual “sociedade líquido moderna” os indivíduos constroem “identidades em movimento”, lutando para se juntar aos grupos igualmente móveis e velozes que procuram, constroem e tentam manter vivos por um momento. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p.33).

Segundo o autor, estamos vivendo num mundo de individualização em demasia, e, segundo as tendências atuais, o indivíduo tende a substituir uma identidade única e fixa por uma rede de conexões. Daí a dificuldade de assumir e

manter compromissos de modo mais seguro como no passado. Os sujeitos contemporâneos sentem que devem estar em movimento, quase na obrigação de se manterem em alta velocidade, como que equilibristas. Em nossa “época líquido moderna”, no atual mundo de mudanças muito rápidas, o indivíduo flexível, desimpedido e mutável é visto com bons olhos e estar fixo, ou seja, ser identificado de modo inflexível e sem alternativa, é algo malvisto.

No presente trabalho, a concepção de identidade adotada será a do sujeito pós-moderno, que inserido em uma sociedade moderna e mutável, sofre os impactos da globalização e se transforma com isso.

## **2.2 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: articulações e interdependência**

A língua é fruto de um processo de construção histórica e social. Ela é um sistema social, um código desenvolvido e utilizado para a transmissão de pensamentos, ideias e interações entre os indivíduos. Ela é um código aceito, convencionalmente, por toda uma comunidade e, como tal, pertence ao coletivo, a todos, e não a cada um individualmente.

A língua é um patrimônio social, que integra as relações humanas, através da qual o conhecimento de um povo, de uma cultura, pode ser preservado e transmitido a outras gerações no decorrer do tempo, perpetuando sua história (LESSA, 2010).

O caráter social da língua é facilmente percebido quando levamos em conta que ela existe antes mesmo de nós nascermos. Cada um de nós já encontra a língua formada e em funcionamento, pronta para ser usada. E, mesmo quando a pessoa deixa de existir, a língua subsistirá independentemente de nós. A língua pertence a todos os membros de uma comunidade; por isso faz parte do patrimônio social e cultural de cada coletividade (BETANIA, 2010, p. 01).

A língua é caracterizada por aspectos culturais, sendo influenciada por eles e torna-se um elemento constituinte das expressões culturais de uma nação (SANTANA, 2012).

A cultura pode ser entendida como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p.55), regido pela língua. É por meio desta que a cultura se

constitui, é difundida e transmitida às gerações futuras. Não há cultura sem língua e nem língua sem o suporte de uma cultura. A cultura é uma produção humana, produto de uma coletividade, resultante do acúmulo de conhecimentos e experiências de gerações. Ela passa por modificações, acréscimos e enriquecimento contínuo, num processo dinâmico e coletivo.

Já falamos anteriormente do ser humano como um ser cultural e social. Ao nascer, o ser humano já nasce numa cultura, num contexto sócio-histórico, numa sociedade, na qual se fala uma determinada língua. É através da língua que a cultura é constituída e difundida, dando ao ser humano acesso ao universo simbólico. A vida em sociedade é possível e mediada pela língua, sendo esta constitutiva do sujeito. É através da língua que o sujeito pode expressar seus pensamentos e sentimentos, além de poder expressar-se e comunicar-se com seus semelhantes através das relações sociais (COELHO; MESQUITA, 2013). Desta forma, a língua permite que o indivíduo seja inserido na sociedade e na cultura, seja aceito pelo seu grupo social e desempenhe seu papel sócio-histórico, permitindo que ele se constitua como sujeito, inserindo-o nos seus diversos papéis sociais e, permitindo ainda, que ele tenha contato com diferentes culturas, ideias, identidades e alteridades.

Por sua vez, a linguagem consiste na capacidade humana de compreender e utilizar um sistema de sinais convencionais e símbolos convencionados -- a língua -- que permite atos de comunicação entre os seres humanos.

A linguagem manifesta-se em todas as atividades sociais e culturais, constituindo a base da transmissão cultural, dos sistemas de valores e das tradições que caracterizam a sociedade humana. É uma capacidade natural que não carece de justificação. Está de tal modo ligada à experiência do Homem que é impossível imaginar a vida sem ela, uma vez que constitui um instrumento essencial para aceder aos pensamentos e conhecimentos. Pressupõe um sistema codificado, que quando está enraizado e é próprio de uma determinada comunidade, se traduz numa Língua (ASHA, 1982).

Existem vários tipos de linguagem, como a nossa própria, a linguagem dos surdos-mudos, a dos sinais de trânsito, a linguagem matemática, etc.

Podemos facilmente observar que as pessoas comumente utilizam as palavras língua, linguagem e fala para designar a mesma realidade, mas do ponto de vista linguístico esses termos não devem ser confundidos. No entanto, a

distinção entre esses termos tem caráter metodológico, uma vez que esses conceitos revelam aspectos diferentes de um processo mais amplo, que é o da comunicação humana, condição indispensável para a vida em sociedade.

A língua e a linguagem são indissociáveis e possibilitam a comunicação humana, que faz parte da vida das pessoas e sustenta a vida social. Segundo Geraldi (2011), a linguagem é um dentre os inúmeros mecanismos que nos tornam o que somos. Ela é um elemento essencial para a construção de nossas identidades, pois nascemos e habitamos um mundo regido pela linguagem, sendo esta adquirida e internalizada na relação entre os indivíduos, nas interações sociais. Portanto, a linguagem tem papel fundamental para o ser humano construir sua história e adquirir o patrimônio cultural de seu povo, uma vez que é ela quem medeia a sua realidade. Vemos, então, que a identidade do sujeito é construída por meio da língua, da linguagem e da cultura; assim, língua, linguagem, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados.

Segundo Geraldi (2011), falar “é construir uma representação do mundo para si e para os outros”, sendo a linguagem constitutiva dos sujeitos que a falam. Desta forma, a linguagem nos torna o que somos. Para Santana (2012), a língua é um dos elementos que são adquiridos devido à integração dos indivíduos com seu grupo social ou comunidade linguística. Ela é um fator de identificação de uma nação, expressa a união de um povo e, por ser um fator de unificação, propicia a criação de uma consciência nacional. A identidade nacional faz com que o sujeito sinta a sensação de pertencimento a uma dada nação. Segundo Hall (2006), as culturas nacionais são uma das principais fontes de identidade cultural. Para ele, identidade cultural e identidade nacional são conceitos interligados e mesclados. Para esse autor, a identidade cultural é uma representação e uma expressão do sentimento de pertencimento a uma cultura nacional (língua, lugar, eventos, símbolos, história comuns), forjada pelo poder e pela força política para a criação de uma nação, para unificar os diferentes habitantes de uma nação.

Hall (2006) menciona que não nascemos com nossas identidades culturais, uma vez que elas são formadas e transformadas em um sistema de representação cultural. Para ele, uma nação é uma comunidade simbólica que gera um sentimento

de identidade e lealdade. A identidade cultural e nacional produz sentidos sobre a nação, sendo estes constitutivos da identidade de um povo.

De acordo com Silva (2000), o processo de formação da identidade cultural e nacional tem na língua um dos seus elementos centrais; esta, juntamente com os símbolos de uma nação, tendem a fixar uma identidade. O autor afirma que juntamente com a imposição de uma língua nacional, única e comum, como nos mostra a história da criação das nações modernas, encontra-se a criação de símbolos nacionais de uma nação, como seu hino, bandeira e brasões. A língua, os símbolos nacionais e os mitos fundadores --- momentos que nos remetem a acontecimentos de um passado épico, heroico e monumental --- verdadeiros ou não, formam a base da identidade nacional.

Ao abordar a questão da identidade nacional Hall (2006), assim como Silva (2000), menciona a existência de “comunidades imaginadas”, cuja finalidade é criar laços imaginários e “ligar” as pessoas, com o objetivo de criar um sentimento de terem algo em comum. Ambos nos falam sobre a produção de sentidos com os quais nos identificamos, seja através da narração de histórias ou de memórias de um povo, que levam à construção de identidades. Os membros de uma nação compartilham, então, dessas narrativas. Para Hall, ocorre uma ênfase nas origens e nas tradições de um povo, que parecem imutáveis. Essas tradições, inclusive, podem não ser tão recentes e podem também ser inventadas, na busca de incutir valores e padrões de comportamento a uma nação. Dessa forma, o discurso nacional, constrói identidades. Ao falar a língua comum de uma nação, os indivíduos sentem-se mais completos e fazendo parte de um grupo, de uma nação (KALVA; FERREIRA, 2011).

Da mesma forma que Hall (2006) nos fala que a identidade está em constante formação e transformação, Silva (2000) nos diz que o processo de produção da identidade está sujeito a forças que tendem a fixar e estabilizar as identidades, assim como a forças que tendem a descentrá-las. Porém, para ambos os autores a fixação da identidade não é uma possibilidade. Um dos processos responsáveis pela desestabilização das identidades, e comentado por Silva, seria o hibridismo, que ocorre quando povos de culturas distintas entram em contato. Isto permite o contato entre diferentes identidades, deslocando as originais e fazendo-as passarem por

uma transformação. Como exemplo da instabilidade identitária, esse autor menciona o ato de viajar, que nos obriga a nos sentirmos estrangeiros e nos posiciona no lugar do outro, proporcionando-nos a sensação de não nos sentirmos em casa.

Muito se tem questionado a respeito da ameaça que o ensino da língua inglesa, tão disseminado atualmente, pode apresentar às línguas locais de outros povos, ou mesmo às suas identidades culturais e nacionais, uma vez que, apesar de extremamente necessário para a comunicação e a interação entre povos diferentes, esse idioma ainda carrega um histórico de imperialismo (KALVA; FERREIRA, 2011).

Informa-nos Graddol (1997, *apud* KALVA; FERREIRA, 2011), que o uso cada vez maior desse idioma em todo o mundo afeta as línguas locais, mas também pode-se observar que o próprio inglês é influenciado pelas mesmas. Daí surge uma variedade híbrida, que favorece a construção de novas identidades, mesclando a língua local e a língua inglesa. Kalva e Ferreira (2011) mencionam a necessidade de não se supervalorizar o inglês do modo como é falado por pessoas nativas, mas sim a necessidade de se valorizar as diversas formas de falar e se expressar em inglês.

Os nossos alunos aprendizes de inglês como língua estrangeira, apresentam a sua identidade cultural e nacional bem definida, construída em seu imaginário, como exposto anteriormente. Sua língua, cultura e tradições nacionais fazem com que se sintam pertencentes a um lugar comum. Mas, como se sentirão esses jovens numa experiência de intercâmbio cultural, ao viajarem para outros países, para morar no exterior em busca da aprendizagem e domínio de uma língua, no caso a língua inglesa, longe do seu círculo familiar e de amizades? Em terras estrangeiras eles terão que enfrentar situações inusitadas até então para eles, terão que enfrentar a diversidade cultural, a “diferença”, serão “forasteiros”, “estrangeiros”, em outras terras fora do Brasil. Em geral, esse tipo de situação leva o sujeito a se conscientizar agudamente da sua identidade pessoal, profissional e cultural, da sua nacionalidade, tornando-o consciente da sua condição de ser “diferente”, de ser o “outro” nesse novo ambiente, de não dominar a língua ou, talvez, dominá-la, mas não com a fluência necessária e desejável. Esse tipo de situação, normalmente, suscita nas pessoas reflexões críticas sobre a “diferença” e a “alteridade” em um ambiente novo, estranho, diferente do da sua terra natal.

Com base em nossos estudos, podemos supor que jovens intercambistas, ao viajarem para o exterior, ao entrarem em contato com uma outra cultura e conviverem com a mesma e o seu povo durante algum tempo para aprenderem um novo idioma, através das relações que esse processo lhes proporcionará, sofrerão algum tipo de impacto, seja positivo ou negativo, através dessa sua vivência no exterior, o que repercutirá e afetará sua identidade original.

### **2.3. A IDENTIDADE E A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA**

Estudos sobre a identidade social e cultural de estudantes em relação ao processo de ensino e aquisição de uma segunda língua, no caso a língua inglesa, têm sido objeto de atenção por parte de muitos pesquisadores nas últimas décadas. Entretanto, de modo geral, são conhecidos e frequentes os estudos nos quais os autores têm pesquisado a influência, os efeitos e as consequências de fatores da identidade dos estudantes sobre a motivação e sucesso da aprendizagem da língua alvo, como constatamos nos trabalhos de Norton (2006), entre outros. Estudos nessa linha de pesquisa são numerosos e fáceis de serem encontrados. No entanto, raros na literatura são aqueles que, inversamente, têm pesquisado os desafios, dificuldades, consequências e transformações que os estudantes enfrentam e com os quais têm de lidar em sua estadia no exterior e o que isso pode acarretar e significar para a identidade em construção e formação dos jovens, que viajam de várias partes do mundo para estudar inglês como segunda língua em países como os Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, e outros (OSBORNE, 2012).

Em consonância com os objetivos da presente pesquisa, interessa-nos o estudo das repercussões e impacto da vivência no exterior sobre a identidade de jovens estudantes intercambistas, que viajam em busca da aquisição ou aperfeiçoamento da língua inglesa.

Como já vimos, a temática da identidade é altamente complexa e difícil, uma vez que a identidade é apresentada como um construto multifacetado, que compreende diferentes dimensões ou aspectos, de modo que nos limitaremos a focar aspectos identitários sociais e culturais de jovens estudantes que viajam ao exterior em programas de intercâmbio cultural.

Os aspectos sociais e culturais da identidade de um indivíduo são estreitamente interligados e interdependentes com a língua falada pelo mesmo, conforme apresentado em itens anteriores (vide itens 2.1 e 2.2). Segundo Santana (2012), a língua comunica elementos culturais de um povo e pode determinar e influenciar a percepção da realidade. Isso quer dizer que diferentes percepções da realidade podem variar de acordo com diferentes línguas. Algumas podem propiciar a expressão de pensamentos e sentimentos que não são propiciados por uma outra língua. Além disso, os indivíduos são “moldados” pela sua língua, uma vez que esta é constituinte do sujeito (SANTANA, 2012). Isso posto, podemos nos questionar que influências pode um sujeito sofrer ao ir viver em um outro país em que se fala e se “vive” uma outra língua. Se a língua é impregnada de elementos culturais de uma nação e de um povo, quão suscetível à influência dessa cultura poderá ser um jovem que assimilar a língua e permanecer em contato direto com a mesma durante um período de sua vida?

Um estudo conduzido por Osborne (2012) sobre os fatores que afetam a formação da identidade de jovens durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua, no caso o inglês, em contexto de um país no exterior, nos mostra que durante a sua estadia, os estudantes normalmente defrontam-se com muitos desafios, situações estressantes e problemas não imaginados pelos mesmos antes de embarcarem para a sua viagem. Dependendo das circunstâncias e características de personalidade, alguns saberão lidar melhor do que outros com os acontecimentos. Mas os estudantes terão que superar dificuldades e adaptar-se ao novo ambiente para poderem atingir os seus objetivos de dominar um outro idioma em terra estrangeira. Por outro lado, também as instituições que se dispõem a receber esses estudantes estrangeiros têm que enfrentar e superar dificuldades relacionadas com aspectos identitários e culturais dos mesmos.

O impacto da aquisição de uma segunda língua sobre a identidade social e cultural de um indivíduo varia conforme o contexto em que a aprendizagem ocorre. No caso do jovem estudante que embarca para uma viagem de estudos no exterior, a estadia e a vivência no seio de um outro povo e outra cultura despertarão nele uma aguda consciência “de quem ele é”, isto é, de sua identidade pessoal, social e cultural (OSBORNE, 2012). Esse sentimento de autoconsciência e de que ele é



“diferente”, ou seja, a consciência da sua diferente nacionalidade, língua e cultura, afetará diretamente o seu sentimento de identidade, pois o colocará diretamente em contato com a “diferença”, ou seja, o colocará no papel de “estrangeiro”, o fará vivenciar o papel de “forasteiro” e de “deslocado” no exterior, o que lhe era desconhecido enquanto vivia na sua terra natal. Woodward (2000) e Silva (2000) também nos falam sobre esse tema e do sentimento de pertencimento ou não pertencimento decorrente desse tipo de situação, e que não acometia o sujeito antes, quando este ainda estava “em casa”, rodeado pela família em seu contexto social original e acolhedor.

Os trabalhos que encontramos na literatura sobre a vivência de jovens estudantes no exterior nos mostram que os mesmos defrontam-se com situações novas e dificuldades, que têm que enfrentar e superar, o que exigirá que lancem mão dos seus próprios recursos e capacidade de adaptação. Normalmente, os jovens embarcam para o exterior cheios de sonhos, de entusiasmo e de esperanças, porém com pouco conhecimento do povo e da cultura do país onde viverão 24 horas por dia, durante 7 dias por semana, durante vários meses. Os que tiverem a felicidade de encontrar um ambiente e contexto de acolhimento e suporte afetivo, talvez com alguns novos amigos, terão melhores condições de superar as dificuldades e adversidades que normalmente surgirão; outros, menos favorecidos, poderão passar por sérias provações (CARLSON *et al.*, 1991; OSBORNE, 2012; PAIGE, 2010; FRY, 2010; SCHIWETER, 2012; KUNERT, 2012). Mas, considerando-se que a identidade de um indivíduo está em constante construção e desconstrução, dependendo das identificações realizadas pelo mesmo durante a sua vida (HALL, 2006), podemos supor que experiências vividas por estudantes durante sua estadia de estudos no exterior poderão acarretar mudanças, ou seja, transformações, positivas ou negativas, em sua identidade social e cultural, pois o ser humano está sempre “em movimento” (CIAMPA, 1994).

#### **2.4 INTERCÂMBIO CULTURAL: experiência no exterior**

A atual fase da humanidade, conhecida como fase pós-moderna, a era da globalização, de rápidas transformações e mudanças tecnológicas, está sendo considerada a era das informações e das comunicações. Na chamada “sociedade líquido moderna”, em que tudo acontece rapidamente, em “alta velocidade”, na qual

ocorre o fenômeno da “compressão espaço-tempo”, em virtude da diminuição das distâncias e quebra de fronteiras físicas e culturais, assim como, também, devido às facilidades de comunicação decorrentes do uso da Internet e das mídias instantâneas, as pessoas veem-se exigidas a agirem de forma flexível, a estarem sempre “sintonizadas”, a se ligarem a várias “redes sociais” ou “tribos” virtuais e serem capazes de se comunicarem rapidamente em mais de um idioma, além da sua língua materna (BAUMAN, 2005; HALL, 2006). Para se sentirem “cidadãos do mundo” e da “aldeia global”, para poderem se comunicar mais prontamente e facilmente com indivíduos de várias outras partes do globo, os sujeitos sentem que necessitam ter a habilidade de falar e se expressar em mais de um idioma, de preferência em inglês. Isso é um “*must*” da atualidade globalizada.

Em decorrência dessas situações, estamos presenciando a rápida disseminação do inglês como uma língua “global” ou “internacional”, conforme já amplamente exposto anteriormente nos itens 1.3 e 1.4 desta dissertação. Atualmente, os jovens brasileiros mostram-se mais conscientes da necessidade de aprimoramento da sua cultura geral e qualificação de seus conhecimentos, em especial da necessidade de aquisição de uma segunda língua, no caso a língua inglesa.

No Brasil, colonizado pelos portugueses, foi implantada e predomina a língua dos colonizadores, o português, único idioma oficial e dominante em nosso território. No Brasil, de norte a sul, fala-se a língua portuguesa, diferentemente de muitos países, como, por exemplo, na Europa, em que são comuns o bilinguismo ou plurilinguismo. Nesses países, até para se obter um emprego simples é necessário que o indivíduo domine mais de um idioma.

Embora as escolas brasileiras, públicas ou privadas, ofereçam em seus currículos o ensino de “línguas estrangeiras”, em geral o ensino da língua inglesa, sabemos que o mesmo não é suficiente para que os jovens adquiram fluência e proficiência nesse idioma e se qualifiquem como exige a sociedade atual, altamente competitiva. Em decorrência dessas situações, estamos presenciando a rápida disseminação do inglês como a “língua franca”, que rege o processo da globalização. Mesmo aqueles que não concordam com esse fenômeno não

desejam “ficar de fora” e correrem o risco de serem excluídos da atual sociedade globalizada.

Nas últimas décadas os jovens brasileiros vêm cada vez mais procurando experiências de intercâmbio cultural no exterior. Paralelamente, podemos observar a expansão de agências especializadas em oferecer serviços para a organização e planejamento desse tipo de atividade, providências para inscrição em cursos no exterior, hospedagem, ou para arrumar trabalho para o período em que lá permanecerem. Algumas instituições de ensino superior também vêm fomentando esse tipo de atividade, através de programas de mobilidade internacional, inclusive, oferecendo bolsas de estudo no exterior para alunos que se sobressaíam nos estudos ou que sejam aprovados em exames de seleção para intercâmbio oferecido pelas mesmas. Algumas universidades brasileiras atualmente também promovem pós-graduação tipo “sanduíche”, em que o universitário realiza parte do seu trabalho de pesquisa, dissertação ou tese, no Brasil e uma outra parte complementar em algum outro país do exterior. Em dezembro/2012, o Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2012) lançou o programa “Inglês sem Fronteiras”, dentro do qual são oferecidos cursos de língua inglesa a universitários brasileiros a fim de que seja promovida e fomentada a aquisição e domínio de uma segunda língua que lhes permita virem a participar do programa “Ciência sem Fronteiras”, cujo objetivo é o intercâmbio cultural e científico com conceituadas instituições e universidades de outros países.

A preocupação com a aprendizagem da língua inglesa não acomete apenas os jovens brasileiros, mas é um fenômeno mundialmente constatado. Nos países da Europa Ocidental, no Japão, na Índia, em Cingapura, na China e outros, os pais têm a preocupação de fazerem seus filhos aprenderem esse idioma, uma vez que o mesmo facilita o acesso a um mundo de informações e novos conhecimentos, atualmente veiculados através do mesmo, na Internet ou por outros meios, ou preparando-os para uma melhor formação profissional e para que futuramente possam vir a ser admitidos em conceituadas instituições de ensino superior (SEIDLHOFER, 2003; SILVA, 2012; LONGARAY, 2009). É, também, sobejamente conhecido o fato de que o domínio da língua inglesa favorece a inserção dos jovens

no mercado de trabalho, assim como a obtenção de melhores empregos e ascensão profissional, como podemos constatar em nossa própria sociedade.

Como já amplamente exposto no item 2.2 desta pesquisa, a língua é um patrimônio social e um elemento constituinte das expressões da cultura de um povo. Através da mesma o conhecimento e cultura de um povo podem ser preservados e transmitidos a outras gerações. De acordo com Santana (2012), a língua é um fator social constitutivo de cada ser humano. Através da língua, cada indivíduo, assim como a sua comunidade linguística, adquire um modo particular e peculiar de perceber o mundo e seu entorno. A língua é um elemento essencial para a construção da identidade de um indivíduo e está intrinsecamente ligada à cultura do seu povo; adquirida na interação e integração com os indivíduos de um grupo social ou comunidade linguística nos torna o que somos (GERALDI, 2011).

Considerando que a identidade do indivíduo é o resultado de um processo histórico-social, dinâmico, mutável, em contínua construção e transformação ao longo da vida, conforme amplamente discutido no item 2.1 do presente estudo, supomos que uma experiência de intercâmbio cultural no exterior, em outra cultura e país, terá repercussões na formação e construção da identidade dos jovens estudantes intercambistas.

A experiência de intercâmbio cultural no exterior propicia a experiência de viver em um outro país, proporcionando a aquisição de uma outra língua e de entrar em contato com uma cultura diferente, com crenças, valores e hábitos diferentes, permitindo, assim, ao jovem entrar em contato com a diversidade cultural, com as diferenças, assim como desenvolver o respeito para com as mesmas. Ao mesmo tempo, isso propicia que se conscientize da sua própria cultura, dos seus próprios valores e crenças, através da vivência da diferença, do sentimento de “forasteiro” ou de “não pertencimento” em terras estrangeiras (WOODWARD, 2000). Conforme já exposto no item 2.1 do presente estudo, Woodward (2000), Silva (2000) e Hall (2000) ressaltam a importância da “diferença” na construção das identidades e nos mostram como os conceitos de identidade e alteridade são interligados e interdependentes.

A experiência de viver no exterior, apoiando-se em seus próprios recursos pessoais, abre novas perspectivas e oferece desafios que precisam ser enfrentados, exige a superação de dificuldades, exigindo capacidade de adaptação, força interior e fortalecimento emocional. Esse tipo de experiência faz com que o indivíduo repense os seus próprios conceitos, a sua língua, o seu sentimento de pertença, a sua própria identidade, frente a alternativas de vida, de conceitos e de valores com que irá se defrontar (OSBORNE, 2012). É difícil passar por uma experiência desse tipo sem receber “marcas” dessa passagem, sem assimilar algo de novo da nova cultura vivenciada. Novas experiências, novas perspectivas, novas amizades, novos sonhos, novas possibilidades, novas percepções, novas identificações, muito provavelmente deixarão marcas na personalidade e na identidade do jovem em formação.

Na presente pesquisa entrevistamos jovens que tiveram essa experiência de intercâmbio cultural e, mediante entrevistas individuais, coletamos as suas vivências e recordações para aprendermos com as mesmas e entender as possíveis repercussões e impacto do intercâmbio cultural na identidade dos mesmos.

Esclarecemos que os jovens estudantes aqui escolhidos como sujeitos da pesquisa e que frequentam a instituição na qual este trabalho foi conduzido, são, em sua grande maioria, egressos de escolas de redes públicas de ensino. Muito dificilmente esses jovens teriam condições de vivenciar uma experiência em outro país se tivessem que depender de seus próprios recursos financeiros. Desta forma, o programa de intercâmbio ao qual têm acesso representa um recurso de grande valor para esses estudantes, uma vez que torna essa vivência possível para os mesmos. Embora os que se candidatam às vagas do programa de intercâmbio busquem o aprimoramento do idioma inglês, as possibilidades de ganho real que têm esses jovens vão muito além da mera aquisição de um segundo idioma.

## **2.5 INTERCULTURALIDADE E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS**

Estamos vivendo em um mundo no qual os rápidos avanços tecnológicos propiciam às pessoas fantásticas facilidades de comunicação e de transporte, permitindo às mesmas deslocarem-se rapidamente, seja por razões de negócios, de trabalho, em busca de melhores condições de vida, ou de lazer. Fronteiras físicas

geográficas ou culturais podem ser transpostas em curtíssimos períodos de tempo ou quase instantaneamente, como nunca antes registrado na história da humanidade, aproximando os diferentes povos, com a redução das distâncias espaço-temporais, gerando o efeito denominado “compressão espaço-tempo”, de que nos fala Hall (2006). Isso coloca os países do globo em conexão e interação constante, favorecendo as trocas e contatos entre as diferentes culturas e povos, as emigrações e colocando os indivíduos frente à diversidade cultural, à hibridização e à alteridade. Em consequência, os intercâmbios culturais entre as diferentes sociedades, notavelmente acentuados nas últimas décadas, devido aos fatores acima mencionados, induzem, facilitam, afetam e fomentam transformações na identidade dos sujeitos expostos a essas situações.

Em função do atual panorama mundial, os inevitáveis intercâmbios culturais, comerciais e políticos entre as diferentes sociedades colocam em pauta a questão da interculturalidade, que passou a ser tema de interesse e de estudos não somente dos cientistas sociais, mas, também, de outras áreas de estudo, inclusive, da Pedagogia e da Educação. Os textos mais recentes de conhecidos autores das Ciências Sociais e da Educação, da atual era pós-moderna, tais como Bauman (2005), Canclini (2003, 2005), Candau (2008, 2012), Hall (2006), Ortiz (1994), Santos (2006), Woodward (2000) e outros, refletem o espírito da época, discutem e analisam os efeitos dos fenômenos da mundialização e globalização e suas relações e ligações com as questões da identidade, da diferença e alteridade, do “outro”, da diversidade cultural, da “construção/desconstrução” da identidade dos indivíduos, da interculturalidade, dos “direitos à igualdade”, dos “direitos à diferença” e outros afins.

Abordaremos aqui a questão da interculturalidade porque a consideramos estreitamente relacionada ao tema da presente pesquisa, a qual trata do estudo das repercussões do intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem da língua inglesa sobre a identidade de jovens estudantes. Dentro do atual contexto mundial, acima brevemente esboçado, o conceito de interculturalidade tem se destacado e sido usado para indicar propostas de convivência democrática entre diferentes culturas na busca de uma integração, mas sem a anulação de sua diversidade cultural (FLEURI, 2003).

Segundo os estudiosos do assunto, como consequência das situações mundiais anteriormente apresentadas, ocorrem “trocas”, “mistura” e “proximidade” entre os diferentes povos e culturas, as quais não têm como serem evitadas. Embora essa situação seja complexa e possa gerar tensões e conflitos sociais e culturais, gerando ambivalência frente à “diferença”, ao “outro”, ao “estrangeiro”, esforços estão sendo envidados por movimentos sociais e políticos, em nível nacional e internacional, para o desenvolvimento de uma perspectiva intercultural, a qual busca a aceitação e respeito pela “diferença”, pelos costumes, valores e crenças diferentes, na busca de uma convivência pacífica e democrática para todos.

Fleuri nos fala que “O amadurecimento da sensibilidade para com os temas das diferenças culturais e da interculturalidade é uma conquista recente” (FLEURI, 2003, p.18).

Canclini (2005) nos fala do fenômeno da globalização e da ambivalência do mundo globalizado no atual panorama cultural mundial, de um lado com tendências de integração em práticas mercadológicas e ideologias homogeneizantes e, de outro lado, com a evidência da fragmentação do planeta e suas diversidades culturais, o que aponta para a necessidade de diálogo entre essas diferentes civilizações. Segundo o mesmo autor, é importante distinguir interculturalidade de multiculturalidade. Esta refere-se à interação na qual há justaposição de culturas. As diversidades culturais são constatadas e aceitas, muitas vezes até mesmo alimentadas por políticas de simples aceitação. Por outro lado, na interculturalidade não ocorre a justaposição e, sim, a aglutinação, o diálogo entre os diferentes e as diferenças. Para o autor, na interculturalidade há diálogo e negociação entre as diferenças e não apenas trocas passivas de elementos culturais (CANCLINI, 2003).

Para Walsh, a interculturalidade é:

[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.

Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.

Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados.

Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade.

Uma meta a alcançar (WALSH, 2001, *apud* CANDAU, 2008, p.52).

Dentro dessa perspectiva intercultural é que foi criada a “Declaração sobre raça e os preconceitos raciais”, apresentada, aprovada e proclamada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em sua 20ª reunião realizada em Paris em novembro de 1978 (FLEURI, 2003).

De acordo com essa declaração:

[...] todos os povos e todos os grupos humanos, qualquer que seja a sua composição ou a sua origem étnica, contribuem conforme sua própria índole para o progresso das civilizações e das culturas, que, na sua pluralidade e em virtude de sua interpretação constituem o patrimônio comum da humanidade.

A declaração reconhece “o direito de todos os grupos humanos à identidade cultural e ao desenvolvimento da sua própria vida cultural no contexto nacional e internacional” (UNESCO, 1978, *apud* FLEURI, 2003, p.18).

A declaração acima citada foi um dos primeiros textos a propor os conceitos fundantes da educação intercultural, segundo Fleuri (2003), que nos esclarece que o tema da diferença e da identidade cultural aparece com muita força no campo da educação.

Segundo Candau (2008), a perspectiva intercultural defende e quer promover uma educação voltada para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. De acordo com essa autora, que defende a abordagem educacional intercultural, o diálogo intercultural é imprescindível para a luta pelos direitos humanos e uma convivência pacífica entre os povos.

A história da humanidade tem nos mostrado a dificuldade dos diversos povos em lidarem com as diversidades culturais, étnicas, raciais, de gênero, religiosas, e outras, levando alguns a desencadearem guerras e manobras de dominação e exploração, com a alegação de superioridade racial em relação a outros. Após as trágicas consequências das duas guerras mundiais, foi criada a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, reiterada pela Declaração de Viena de 1993, para reafirmar e consagrar o compromisso universal de respeito à dignidade



do ser humano e proteção de seus direitos, sempre proclamados, mas nem sempre respeitados (BELLINHO, 2009).

A Declaração dos Direitos Humanos é uma criação recente da Idade Moderna, na busca e defesa de um mundo regido pela harmonia entre os povos, para proteger os seres humanos e proclamar a sua “igualdade”, ou seja, que têm direitos iguais. Porém, atualmente, os diferentes grupos étnicos, raciais, sociais, de gênero e outros, clamam não somente pela “igualdade de direitos”, mas também pelo seu “direito à diferença”, isto é, pelo seu direito de ser diferente, sem deixar de lado o seu “direito à igualdade”.

Dentro desse contexto complexo, consideramos de grande importância para a formação dos jovens estudantes de hoje, cidadãos e possíveis dirigentes sociais e políticos, quiçá futuros governantes, que recebam uma educação dentro da perspectiva intercultural. A experiência cultural no exterior para jovens, dentro de um programa educacional intercultural poderá propiciar aos mesmos entrarem em contato com essa diversidade da qual falamos, podendo promover a aceitação e o desenvolvimento do respeito pela “diferença”, pela diversidade de valores, crenças e comportamentos.

Certamente que uma educação intercultural talvez soe idealista e utópica no presente, além de ser de difícil e complexa implementação na prática, mas muito importante de ser pensada, discutida e planejada para as jovens gerações, pois é hoje que devemos plantar as sementes do que será colhido amanhã. Isso é um grande desafio para a educação, pois na prática irá exigir muito investimento e uma reconstrução da dinâmica educacional, tal como a conhecemos na atualidade aqui em nosso país (CANDAU, 2008). Entretanto, apesar das dificuldades e desafios que a educação intercultural apresenta, ela tem sido tema de muitos debates entre educadores no Brasil e no exterior, assim como tema de muitos artigos acadêmicos.

De acordo com Candau (2008), a educação na perspectiva intercultural seria voltada para educar para o reconhecimento do “outro”, da “diferença”, para o diálogo entre os diferentes grupos socioculturais, visando a construção de uma sociedade democrática, plural, humana, pacífica, harmoniosa, que articule políticas de

igualdade com políticas de identidade. Isso pode soar utópico, porém não impossível de ser alcançado a longo prazo, no futuro.

## **CAPÍTULO 3**

### **O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO**

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

O nosso objetivo, conforme já apresentado anteriormente, é estudar possíveis mudanças e repercussões na identidade de jovens estudantes desencadeadas pela experiência de imersão em uma outra cultura, em contato com uma outra realidade e uma outra língua.

Numa primeira fase, realizamos uma extensa pesquisa bibliográfica para fundamentação do nosso trabalho. Pesquisamos sobre cultura, sobre o ser humano como ser social e cultural, aquisição e utilização de um segundo idioma, no caso o inglês como “língua internacional” na atual sociedade globalizada, assim como sobre a temática da identidade do ser humano, sua conceituação, formação e transformação. Na segunda fase, selecionamos jovens estudantes intercambistas com vivência de imersão cultural em países de língua inglesa para entrevistá-los e estudarmos a sua experiência e repercussões da mesma na sua personalidade.

Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida com a participação de estudantes graduandos, os sujeitos da pesquisa, de duas unidades de uma Faculdade de Tecnologia, situadas nas cidades de Piracicaba e Americana, interior do estado de São Paulo. A unidade de Piracicaba conta atualmente com 835 alunos e a de Americana com 1995 alunos, provenientes, em sua grande maioria, das classes média e média-baixa, residentes não apenas em Piracicaba e Americana, mas também em cidades próximas, de acordo com dados da Secretaria Acadêmica da unidade de Piracicaba. A instituição pertence a uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, que administra muitas unidades de escolas técnicas de nível médio e faculdades de tecnologia, que oferecem cursos superiores tecnológicos, em muitos municípios do estado de São Paulo. Apenas alunos graduandos das unidades de Piracicaba e Americana participaram da pesquisa.

A pesquisadora, por sua vez, é docente da instituição em questão e leciona a disciplina Língua Inglesa para vários cursos superiores de tecnologia na unidade de Piracicaba. Estes cursos têm a duração de três anos.

Desde 2010 essa instituição vem oferecendo o Programa de Intercâmbio Cultural, financiado pelo Governo de São Paulo, que oferece bolsas de estudo no exterior, em países de língua inglesa e espanhola, para alunos formandos e docentes das instituições indicados pela direção das unidades.

O referido Programa de Intercâmbio Cultural tem como objetivo incentivar o aprimoramento da formação acadêmica e facilitar o ingresso no mercado de trabalho, propiciando a aprendizagem de uma segunda língua como instrumento que permita maior acesso à informação e à comunicação, abrindo possibilidades futuras para os jovens, em nível nacional, internacional e global.

O programa oferecido pela instituição contempla alunos concluintes dos cursos superiores existentes na sua unidade que apresentem o melhor desempenho acadêmico até o semestre vigente para a participação no processo seletivo do programa. É oferecida uma vaga por semestre e o aluno formando selecionado será contemplado com um curso de imersão de língua inglesa ou espanhola. Para aqueles que optam pela língua inglesa, os mesmos podem ser enviados aos Estados Unidos, Inglaterra ou Nova Zelândia.

Alunos que desejem participar do processo seletivo precisam ainda apresentar perfil condizente com o programa, ou seja, necessitam concluir a graduação no semestre em que se inscrevem no processo seletivo para o intercâmbio, devem apresentar frequência mínima de 75% nas aulas durante a graduação, não podem apresentar nenhum registro de advertência ou pena disciplinar, além de não poderem já ter usufruído de bolsas e/ou programas de intercâmbio promovidos anteriormente pela instituição. Cinco alunos são selecionados no processo seletivo, sendo que um é considerado classificado e os outros quatro permanecem em lista de espera. O aluno que participar da seleção terá o direito de permanecer durante quatro semanas em um curso intensivo de língua inglesa ou espanhola em uma escola internacional e será alocado em classe

condizente com seu nível atual de conhecimento no idioma, avaliado pela escola que irá frequentar.

O estudante poderá permanecer hospedado em casa de família ou em residência estudantil, de acordo com o país para o qual será enviado. Com relação à alimentação, ele ainda terá o direito à meia pensão durante a semana e à possibilidade de pensão completa aos finais de semana, dependendo da rotina da família ou da residência estudantil onde será alojado. O aluno também receberá uma ajuda de custo para gastos locais e terá seu transporte aéreo e traslados necessários bancados pela instituição de ensino superior. O intercambista ainda terá suas despesas com transporte, para o deslocamento entre escola e acomodação, pagas pela faculdade de origem e receberá seguro saúde enquanto permanecer no exterior.

Neste estudo participaram apenas estudantes intercambistas que fizeram cursos em países de língua inglesa. Os jovens graduandos, convidados a participarem como sujeitos da pesquisa, são, em sua maioria, egressos de escolas da rede pública de ensino. Muito dificilmente estes jovens teriam condições de ter esse tipo de experiência em outro país se tivessem que depender de seus próprios recursos financeiros. Desta forma, o Programa de Intercâmbio, ao qual têm acesso, representa um recurso de grande valor para esses estudantes, uma vez que torna essa experiência possível para os mesmos. Embora os que se candidatem às vagas do programa busquem o aprimoramento do idioma inglês, as possibilidades de ganho real que têm esses jovens vão muito além da mera aquisição de um segundo idioma.

A intenção inicial era trabalhar somente com alunos da unidade de Piracicaba, que foram beneficiados pelo programa de Intercâmbio Cultural da Instituição (I.C.I.) na qual a pesquisa foi conduzida. Entretanto, devido à dificuldade de obtermos um número significativo de sujeitos e dificuldades de localização de alunos que se encontram hoje já formados e, muitas vezes, residindo em cidades e estados diversos, decidimos contatar também estudantes da unidade de Americana, a fim de obtermos um número mais expressivo de entrevistados. Dentre os estudantes desta última unidade, que se prontificaram a colaborar com nossa pesquisa, alguns foram beneficiados com o intercâmbio cultural através do programa Ciência Sem Fronteiras

(C.S.F.). Este programa, instituído em 2012 pelo Ministério da Educação e Cultura, propicia aos participantes a oportunidade de participarem de ambiente acadêmico em universidades do exterior cursando alguns créditos de disciplinas correlacionadas aos seus cursos de graduação no Brasil. Para tanto, tais alunos desfrutam de uma estadia mais longa nos países para onde são enviados. Os alunos participantes que viajaram pelos programas anteriormente citados, foram todos enviados para países de língua inglesa.

Ao todo dezessete (17) estudantes participaram da presente pesquisa, dos quais onze (11) são ligados à unidade de Piracicaba e seis (6) são da unidade de Americana. Dos sujeitos, nove (9) são do sexo masculino e oito (8) do sexo feminino.

**QUADRO 1 - DADOS GERAIS DOS PARTICIPANTES**

Partic.	Unid.	Idade	Gênero	Ano do Intercâmbio	País de destino	Tempo Estadia	Ensino Fund/Médio	Programa Intercâmbio
P1	Pi	21	M	2011	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P2	Pi	21	F	2011	E.U.	1 m.	E.Pu/E.Pa	I.C.I.
P3	Pi	37	M	2011	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P4	Am	34	M	2011	E.U.	5 m.	E.Pa	C.S.F.
P5	Pi	27	M	2011	E.U.	1 m.	E.Pu/E.Pa	I.C.I.
P6	Am	19	F	2011	E.U.	5 m.	E.Pa	C.S.F.
P7	Pi	20	F	2012	E.U.	1 m.	E.Pu/E.Pa	I.C.I.
P8	Pi	39	M	2012	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P9	Pi	38	F	2013	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P10	Pi	22	F	2013	ING.	1 m.	E.Pa	I.C.I.
P11	Pi	23	F	2013	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P12	Pi	21	F	2013	E.U.	1 m.	E.Pu	I.C.I.
P13	Pi	24	F	2014	E.U.	1 m.	E.Pa	I.C.I.
P14	Am	23	M	2014	E.U.	8 m.	E.Pa	C.S.F.
P15	Am	21	M	2014	E.U.	6 m.	E.Pu	C.S.F.
P16	Am	27	M	2014	E.U.	8 m.	E.Pu	C.S.F.
P17	Am	21	M	2014	ING.	8 m.	E.Pu	C.S.F.

Fonte: Elaboração da autora

**LEGENDA:**

P = participante

Unid.= unidade

Pi = Piracicaba

Am = Americana

M = masculino

F = feminino

E.U. = Estados Unidos

ING.= Inglaterra

E.Pu = Escola Pública

E.Pa = Escola Particular

I.C.I. = Intercâmbio Cultural da Instituição

C.S.F.= Ciência Sem Fronteiras

m = mês/meses

**QUADRO 2 - SÍNTESE DOS DADOS GERAIS DOS PARTICIPANTES**

Total de Participantes	17
Unidade/Piracicaba	11
Unidade/Americana	6
Faixa etária	19 a 39 anos
Sexo Masculino	9
Sexo Feminino	8
Ano/Intercâmbio e nº de alunos que viajaram	2011 (6); 2012 (2); 2013 (4); 2014 (5)
Destino/nº alunos	E.U.(15); ING.(2)
Cursou E. Pu.	9
Cursou E. Pa.	5
Cursou E.Pu/E.Pa.	3
Programa de Intercâmbio e nº de intercambistas	I.C.I.(11); C.S.F.(6)

Fonte: Elaboração da autora

**LEGENDA:**

E.Pu.= Escola Pública  
E.Pa.= Escola Particular

E.U. = Estados Unidos  
ING. = Inglaterra

I.C.I. = Intercâmbio Cultural da  
Instituição  
C.S.F. = Ciência Sem Fronteiras



### 3.2 A PESQUISA QUALITATIVA

Os fenômenos sociais, culturais, educacionais, psicológicos, políticos e econômicos, ou seja, aqueles que englobam relações de caráter humano e social, constituem o objeto de estudo de áreas de conhecimento agrupadas sob a expressão Ciências Sociais (GODOY, 1995a). Devido às características próprias do objeto de estudo das mesmas, os pesquisadores sociais desenvolveram métodos de pesquisa que diferem dos métodos de pesquisa das Ciências Naturais, que utilizam métodos quantitativos para o estudo e pesquisa dos fenômenos naturais. As Ciências Sociais privilegiam os métodos de pesquisa qualitativa, embora os métodos quantitativos também possam ser utilizados em estudos sociais. Inicialmente utilizada no seio da Antropologia e da Sociologia na segunda metade do século XIX, a pesquisa qualitativa passou a ser cada vez mais utilizada e elaborada principalmente por pesquisadores norte-americanos na primeira metade do século XX. A partir das décadas de 1960 e 1970, ou seja, nos últimos 50 anos, a mesma vem ganhando espaço também em outras áreas, como a Psicologia, a Educação e a Administração de Empresas. Atualmente, “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995b, p.21).

De acordo com Godoy (1995a), tanto a abordagem quantitativa como a qualitativa constituem esforços cuidadosos para a obtenção e descoberta de novas informações e/ou relações e para a verificação e ampliação do conhecimento existente. No entanto, elas possuem métodos diferentes de trabalho, o que resultou no embate entre duas visões metodológicas no tocante à realização de pesquisa científica: de um lado o Positivismo (pesquisa quantitativa) e de outro, o Interpretacionismo (pesquisa qualitativa). No entanto, embora esses métodos difiram quanto à forma e à ênfase de trabalho, alguns “experts” do assunto esclarecem que esses dois tipos de pesquisa não são antagônicos e nem se excluem, podendo, em alguns estudos, ser utilizados complementarmente para enriquecimento da pesquisa (GODOY, 1995b).

Esclarece-nos Godoy que:

Em linhas gerais, numa pesquisa quantitativa, o pesquisador conduz seu trabalho a partir de um plano estabelecido “a priori”, com hipóteses claramente especificadas e variáveis operacionalmente definidas. Preocupa-se com a medição objetiva e a quantificação dos resultados. Busca a precisão evitando distorções na etapa de análise e interpretação dos dados, garantindo, assim, uma margem de segurança em relação às referências obtidas. (GODOY, 1995a, p. 58).

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995a, p.58).

Marconi e Lakatos (2002) afirmam que a pesquisa social é um processo que se vale da metodologia científica para a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. É importante ressaltar que nas Ciências Sociais há uma identidade entre pesquisador e objeto de estudo, pois nessa área a pesquisa lida com seres humanos que, por diversas razões, têm um “substrato comum” de identidade com o investigador. Desta forma, o observador e o objeto da pesquisa são da mesma natureza (MINAYO; GOMES, 2012). Atualmente, a abordagem qualitativa é um dos mais utilizados posicionamentos metodológicos para se realizar pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, pois estuda o ser humano considerando seu caráter ativo, como sujeito que interpreta o mundo continuamente. Os métodos qualitativos consideram o ser humano distinto dos demais objetos e requerem uma metodologia que leve em conta tal diferença. De acordo com este modo de pensar, a vida é tida como uma atividade que se realiza no contato com as pessoas, as quais interagem entre si, interpretam o mundo e constroem sentidos. (OLIVEIRA, 2008).

A pesquisa qualitativa, segundo Dornyei (2007, *apud* LONGARAY, 2009), vale-se de procedimentos de coleta de dados que geram dados abertos e não numéricos, os quais são geralmente analisados por métodos não estatísticos. Neste tipo de pesquisa, o sentido das coisas está em casos individuais e, uma vez que os indivíduos são diferentes, a pesquisa qualitativa prevê possibilidades múltiplas de significados que podem ser revelados a partir das individualidades dos sujeitos.

Ainda conforme Dornyei, a pesquisa qualitativa apresenta certas características típicas, que são apresentadas a seguir:

a) O estudo realizado, assim como as perguntas da pesquisa são mantidos em aberto para que novos detalhes possam ser incorporados durante a investigação;

b) Esse tipo de pesquisa lida com dados que podem incluir entrevistas, textos e imagens, sendo que os dados geralmente recebem tratamento textual;

c) A pesquisa se dá em ambiente no qual não houve nenhuma situação de manipulação;

d) O estudo leva em conta opiniões subjetivas, experiências e sentimentos individuais, uma vez que baseia-se nos significados e interpretações que as pessoas atribuem às situações vividas;

e) As amostragens são bem menores que as utilizadas em estudos de natureza quantitativa e a pesquisa desenvolvida é de caráter interpretativo, sendo o pesquisador o principal responsável pela interpretação subjetiva dos dados.

Por sua vez, Ludke e André, baseando-se em Bogdan e Biklen (1982, *apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986) também falam de algumas características essenciais que identificam a pesquisa qualitativa:

a) A mesma tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

b) A pesquisa qualitativa é descritiva e a palavra ocupa lugar de destaque nessa abordagem, tanto na coleta de dados como na apresentação dos resultados.

c) O pesquisador preocupa-se com o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida e tenta compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos sujeitos participantes.

d) O pesquisador preocupa-se mais com o processo do que com o produto da pesquisa. A obtenção dos dados descritivos ocorre no contato direto com a situação estudada.

e) O pesquisador utiliza o enfoque indutivo na análise dos dados coletados e não se preocupa em estabelecer hipóteses *a priori*, a serem confirmadas ou negadas. Ele parte de questões ou focos de interesse amplos que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da sua investigação.

Para Minayo e Gomes (2012), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares e, nas Ciências Sociais, ocupa-se com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ela trabalha com fenômenos humanos que envolvem motivos, aspirações, crenças e valores, assim como atitudes. Esses fenômenos fazem parte da realidade social, uma vez que o ser humano age e pensa sobre o que faz e interpreta suas ações de acordo com sua realidade. Assim, as autoras afirmam que o mundo das relações humanas, das representações e intencionalidade é o objeto da pesquisa qualitativa. Esse objeto dificilmente pode ser representado por números e indicadores quantitativos. Ainda segundo essas mesmas autoras, a abordagem qualitativa aprofunda-se no universo dos significados, sendo que esse nível de realidade, por não ser visível, necessita ser exposto e interpretado pelo pesquisador.

As autoras acima citadas falam em um ciclo da pesquisa qualitativa, que se inicia com uma fase exploratória, na qual primeiramente deve-se delimitar o objeto de pesquisa e os procedimentos necessários para a entrada no campo. Nessa fase o pesquisador define e delimita o objeto, desenvolve-o teórica e metodologicamente, coloca hipóteses e pressupostos, escolhe e descreve instrumentos de operacionalização do trabalho, pensa o cronograma e faz os procedimentos exploratórios para a escolha do espaço e da amostra. A segunda fase, de acordo com as autoras, é o trabalho de campo. Esta etapa combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os sujeitos pesquisados, assim como o levantamento de material documental. Essa fase constitui-se em um momento relacional e prático de extrema importância. Por fim, as autoras mencionam a terceira fase da pesquisa, que envolve a análise e o tratamento do material empírico e documental. Esta última etapa refere-se ao

conjunto de procedimentos para valorizar, compreender e interpretar os dados, assim como articulá-los com a teoria de fundamentação do projeto.

Os dados, compreendidos e interpretados de acordo com a teoria utilizada, representam uma contribuição importante e contextualizada para o pesquisador. De acordo com as autoras anteriormente mencionadas, o ciclo de pesquisa não se fecha, uma vez que toda pesquisa produz conhecimento e gera novos questionamentos.

Considerando os objetivos da pesquisa por nós realizada em nossa dissertação, verificamos que a mesma enquadra-se no quesito de uma pesquisa qualitativa por buscar uma compreensão sobre a identidade humana, que é um fenômeno complexo e de natureza subjetiva. O estudo por nós desenvolvido lida com a interpretação de fenômenos sociais, uma vez que nossa intenção é entender a experiência de vivência internacional vivida por seres humanos. Na presente pesquisa o nosso interesse é sobre a temática da identidade e as inter-relações com experiências vividas no exterior em países de língua inglesa por jovens estudantes brasileiros. Desejamos entender:

a) como a experiência no exterior, para a aprendizagem do idioma inglês, pode afetar os jovens estudantes que fazem intercâmbio cultural?

b) por que os jovens sentem que essa experiência os afeta e é, em geral, transformadora para eles?

Procuramos, assim, captar e compreender os reflexos e possíveis repercussões dessa situação sobre os mesmos.

Os sujeitos do presente estudo, alunos de graduação, são pessoas que interpretam seus mundos e suas vivências, assim como compartilham suas experiências e atividades. O resultado desta pesquisa consiste no produto da análise e interpretação realizadas pela pesquisadora com base nos dados coletados através das entrevistas realizadas com os sujeitos. Através da sua fala, os participantes intercambistas revelam os significados e sentidos de suas experiências

no exterior, em curso de imersão para o aprendizado e aprimoramento da língua inglesa e os reflexos e repercussões das mesmas em suas vidas e personalidades.

### **3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS**

#### **3.3.1 A ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS**

Uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas na pesquisa qualitativa é a entrevista. Ela é considerada uma técnica privilegiada de comunicação e, considerando-se a coleta de informações sobre um determinado tema científico, ela é a ferramenta mais utilizada no trabalho de campo do pesquisador social. A entrevista consiste em uma conversa entre duas ou mais pessoas, realizada por iniciativa do entrevistador a fim de obter informações relevantes para o tema em questão (MINAYO; GOMES, 2012).

Marconi e Lakatos (2002) definem a entrevista como sendo o encontro entre duas pessoas com a finalidade de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto. Essas informações são obtidas por meio de uma conversa profissional. De acordo com as autoras mencionadas, a entrevista é um dos procedimentos usados na investigação social para realizar a coleta de dados, o qual pode ser utilizado no diagnóstico ou tratamento de um problema social.

Através da entrevista, numa interação face a face, o entrevistador tem acesso verbal à informação necessária. Muitos autores consideram a entrevista o principal instrumento da investigação social, pois quando realizada por um pesquisador experiente, apresenta-se superior a outros sistemas de coleta de dados. As autoras enfatizam que a entrevista é um importante instrumento não só nos vários campos das ciências sociais, mas também em muitos outros setores de atividades. As entrevistas são conversas que têm uma finalidade e caracterizam-se pela forma como se organizam, podendo variar conforme os propósitos do investigador.

Fontana e Frey (2005, *apud* LONGARAY, 2009), classificam as entrevistas em três tipos principais, que são: a) estruturadas; b) semiestruturadas; c) não estruturadas.

a) Entrevistas estruturadas são aquelas em que o entrevistador segue um roteiro pré-estabelecido com as perguntas a serem feitas.

b) Entrevistas semiestruturadas são as que combinam perguntas fechadas e abertas. Nestas entrevistas, o entrevistado pode discorrer sobre o assunto sem se prender à pergunta formulada.

c) Entrevistas não estruturadas dão ao entrevistado a liberdade de desenvolver o tema da forma que achar mais adequada. As questões, nesse caso, são abertas e permitem uma exploração de forma mais ampla.

Para Ludke e André (1986), entrevistas que permitem esquemas mais livres são mais adaptadas ao ambiente educacional, pois permitem mais flexibilidade no momento da entrevista. Segundo essas autoras, entrevistas mais fechadas e estruturadas, são mais apropriadas quando se deseja obter informações sobre questões eleitorais ou sobre produtos de mercado, uma vez que possibilitam a obtenção de informação de uma grande população em um curto prazo de tempo.

Os dados obtidos pelas entrevistas podem ser de duas naturezas:

a) os primeiros são os que o pesquisador poderia conseguir por meios de documentação;

b) os segundos, aqueles que dizem respeito a informações construídas durante o diálogo com o entrevistado. Neste último caso, as informações fornecidas tratam de reflexão do próprio sujeito sobre a realidade vivenciada e são objetos principais da pesquisa qualitativa. Tais dados subjetivos só podem ser conseguidos através da contribuição do entrevistado (MINAYO; GOMES, 2012).

A realização de entrevistas oferece várias vantagens, tais como:

a) a possibilidade de elas poderem ser aplicadas a todos os seguimentos da população;

b) o fornecimento de uma melhor amostragem da população geral;

c) a possibilidade do entrevistador repetir, esclarecer e reformular as perguntas;

- d) a oportunidade para a avaliação de atitudes e condutas;
- e) a oportunidade de obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais;
- f) a possibilidade de acesso a informações precisas e a possibilidade de quantificação dos dados (MARCONI; LAKATOS, 2002).

A preparação da entrevista, sendo uma importante fase da pesquisa, demanda tempo para que o entrevistador tenha em mente de forma clara a informação de que necessita. Para tanto, a entrevista deve ser cuidadosamente planejada em termos do que se deseja obter; deve-se organizar de antemão o roteiro com as perguntas importantes; deve-se conhecer previamente quem se deseja entrevistar para que se saiba o grau de familiaridade que a pessoa possui com o assunto a ser tratado e deve-se estabelecer local e hora para que a entrevista seja realizada (MARCONI; LAKATOS, 2002).

De acordo com a bibliografia consultada, algumas normas devem ser seguidas para se obter um maior êxito nas entrevistas. Marconi e Lakatos (2002) apontam o contato inicial como uma fase importante na qual o pesquisador entra em contato com o entrevistado para explicar a finalidade da pesquisa, sua relevância e ressaltar a necessidade de colaboração. As autoras também mencionam a necessidade de o pesquisador discorrer um pouco sobre o seu trabalho para o entrevistado e dizer-lhe como seu depoimento pode contribuir para a pesquisa em questão. Da mesma forma, deve-se explicar ao entrevistado os motivos pelos quais a pesquisa será realizada, justificar a escolha do entrevistado e garantir anonimato e sigilo a respeito dos dados obtidos. As autoras ressaltam a importância de se estabelecer um clima descontraído para se conduzir a conversa e a necessidade do entrevistado ficar à vontade para falar da forma mais espontânea possível. Elas ressaltam também a importância de a entrevista terminar conforme começou, ou seja, em um ambiente de cordialidade.

O registro dos dados obtidos pode ser feito de forma manual ou através do uso de um gravador, se consentido pelo informante, sendo muito importante que seja feito o registro das respostas com as mesmas palavras usadas pelo



entrevistado, além de anotar gestos, atitudes e inflexões de voz (MARCONI; LAKATOS, 2002).

Os sujeitos da pesquisa merecem ser tratados com extremo cuidado, a fim de que qualquer ameaça a sua integridade seja afastada (FONTANA; FREY, 2005, *apud* LONGARAY, 2009). Conforme estes últimos autores, ao se realizar entrevistas deve-se ter em mente a preocupação ética. Para tanto, deve-se levar em consideração o consentimento informado, o direito à privacidade e a proteção contra possíveis danos. O consentimento informado visa fornecer ao entrevistado detalhes sobre a pesquisa para que o mesmo se proponha a participar da investigação. Neste caso, o pesquisador apresenta um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao participante. Através desse documento, o sujeito da pesquisa é informado e esclarecido a respeito da investigação a ser conduzida e pode tomar sua decisão de forma justa sobre a sua participação ou não. O Termo de Consentimento é uma proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, uma vez que os dois estão assumindo responsabilidades. O termo deve ser elaborado em linguagem acessível ao entrevistado e deve ser entregue a ele em duas vias, que serão assinadas pelo participante e pelo pesquisador, ficando cada um com a sua.

Na presente pesquisa foi utilizado o tipo de entrevista semiestruturada. As perguntas elaboradas foram previamente determinadas, permitindo, entretanto, que as respostas dos sujeitos da pesquisa fossem relativamente livres. As perguntas formuladas foram agrupadas ao redor dos seguintes eixos temáticos, que compõem o nosso principal objeto de estudo:

- a) sentimentos de pertença e não pertencimento ao meio
- b) ganhos em desenvolvimento pessoal e profissional
- c) identificações realizadas
- d) questões de identidade e diferença

Foi prevista a possibilidade de serem acrescentadas questões não previstas se julgadas necessárias, de acordo com as respostas obtidas, assim como foi prevista a possibilidade de permitir-se ao entrevistado(a) discorrer sobre o tema indagado. A escolha da entrevista semiestruturada foi feita com o objetivo de se

alcançar uma melhor compreensão das questões pesquisadas. Isso permitiu a realização das perguntas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, como também a relativização das mesmas. Portanto, aos sujeitos entrevistados foi concedida plena liberdade para responderem as questões e a pesquisadora também teve abertura para propor novos questionamentos, caso achasse isso relevante para uma maior compreensão do assunto abordado.

### **3.3.2 A COLETA DE DADOS**

Para a presente pesquisa organizamos um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas que visavam coletar dados sobre aspectos importantes da experiência dos sujeitos no exterior, tentando captar em profundidade a percepção ou opinião dos mesmos e o impacto dessa experiência sobre a identidade dos jovens; o mesmo é apresentado a seguir.

#### **ENTREVISTA:**

- 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?
- 2) Para que país viajou? Quando foi?
- 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?
- 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?
- 5) Como sentiu-se recebido/a e tratado/a?
- 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?
- 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?
- 8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?
- 9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?
- 10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?
- 11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?
- 12) Gostaria de comentar algo mais?

As três (3) primeiras perguntas do roteiro destinavam-se à coleta de dados gerais. As questões de n<sup>os</sup> quatro (4) a dez (10), foram direcionadas para a coleta de dados relacionados aos eixos temáticos pré-estabelecidos: a) sentimentos de pertença e não pertencimento ao meio; b) ganhos em desenvolvimento pessoal e profissional; c) identificações realizadas; d) questões de identidade e diferença. As duas (2) últimas foram direcionadas a captar o ânimo e disposição dos estudantes em relação ao intercâmbio realizado e para finalizar a entrevista.

Os dados foram coletados em entrevistas individuais conduzidas pela própria pesquisadora. No total foram coletados dados de dezessete (17) participantes de ambos os sexos, cujas idades variaram entre vinte e um (19) e trinta e nove (39) anos na época do intercâmbio.

Inicialmente, a pesquisadora fez um levantamento prévio nas duas instituições envolvidas para descobrir quais foram os participantes do Programa de Intercâmbio para países de língua inglesa nos últimos anos, assim como seus contatos. A seguir, os alunos selecionados foram contatados pessoalmente pela mesma, via telefone ou e-mail.

Dos contatados, onze (11) alunos eram da unidade de Piracicaba e seis (6) alunos da unidade de Americana. Os estudantes de Piracicaba receberam a viagem através do programa de Intercâmbio Cultural da Instituição (I.C.I.) anteriormente mencionada e os outros seis (6) de Americana, do programa Ciência Sem Fronteiras (C.S.F.). Destes últimos, quatro (4) ainda encontravam-se no exterior e deveriam permanecer nos países onde estavam por mais alguns meses, uma vez que o período proporcionado pelo programa Ciência Sem Fronteiras é de maior duração do que o outro. Considerando que estes últimos já estavam residindo lá por alguns meses e mostraram-se interessados em participar da pesquisa, prontificando-se a responder às perguntas de nossa entrevista por escrito, decidimos incluí-los em nosso estudo, devido à dificuldade de encontrarmos um número maior de participantes e por considerarmos seus relatos relevantes. Das dezessete (17) entrevistas realizadas, onze (11) foram agendadas e realizadas mediante acordo de horário nas dependências da unidade de Piracicaba. Duas (2) ocorreram via telefone, uma vez que os sujeitos encontravam-se residindo fora da cidade. Os

quatro (4) restantes, que ainda encontravam-se no exterior, responderam as questões da entrevista via e-mail.

Todos os estudantes foram previamente informados sobre o propósito da pesquisa antes de serem entrevistados e mostraram-se solícitos e interessados em participar. Devemos ressaltar que, em qualquer estudo que utilize a técnica da entrevista, alguns cuidados devem ser tomados, como:

- a) respeito do entrevistador para com o entrevistado, sendo que o primeiro deve cumprir o horário e o local marcados de acordo com a conveniência de ambos;
- b) garantia de sigilo e anonimato com relação ao conteúdo das informações fornecidas e dados pessoais do sujeito;
- c) obtenção da concordância de participação na pesquisa, mediante esclarecimento prévio.

Esclarecemos, também, que em nossos registros anotamos a idade real que os participantes tinham na época em que viajaram pelo programa e não a idade atual na ocasião do contato. Assim, se na ocasião da entrevista o sujeito tinha 25 anos de idade, mas tinha viajado dois anos antes, em 2013, registramos a idade de 23 anos, por considerarmos importante a fase de vida do jovem na qual foi realizado o intercâmbio.

O registro das informações coletadas durante as entrevistas foi manual. As mesmas tiveram duração média de 30 minutos e transcorreram de modo informal e agradável. Os relatos foram posteriormente transcritos o mais fielmente possível à fala do entrevistado e digitados para análise do conteúdo. O trabalho de coleta de dados e realização das entrevistas estendeu-se de agosto/2014 ao final do primeiro semestre de 2015.

Os dados gerais dos sujeitos da pesquisa, ou seja, cidade da unidade de ensino, idade, gênero, ano de intercâmbio, país de destino, tempo de estadia, rede de ensino fundamental e médio cursados (se pública ou privada) e programa de intercâmbio provedor da bolsa de estudos recebida (Intercâmbio Cultural da

Instituição/I.C.I. ou Ciência Sem Fronteiras/ C.S.F.) são expostos nos Quadros 1 e 2 anteriormente apresentados.

### **3.4 DADOS COLETADOS**

Os dados coletados consistem no material obtido através das entrevistas realizadas com os intercambistas, as quais são apresentadas na íntegra no Apêndice 1. Tal material é apresentado, analisado e discutido no Capítulo 4. Trechos significativos das entrevistas foram selecionados e são analisados e discutidos à luz do referencial teórico adotado.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

O intercâmbio cultural realizado por jovens estudantes como complemento da educação formal e para o aprendizado de uma segunda língua, na maioria dos casos a língua inglesa, em cursos de imersão em países anglófonos, vem, cada vez mais, se intensificando em nosso país nos últimos anos, principalmente entre jovens das classes mais abastadas. Isso tem sido considerado como uma oportunidade única para os jovens expandirem a sua visão de mundo e de entrarem em contato com a diversidade cultural e a diferença, para crescimento e maturidade pessoais, assim como preparação para uma vida profissional com maiores oportunidades de trabalho e de desempenho profissional em uma sociedade cada vez mais competitiva e globalizada.

A nossa pesquisa nos revelou, também, que o governo do estado de São Paulo e o governo federal já despertaram para a importância dessa questão, o que resultou na implementação de bolsas de estudo por órgãos governamentais para essa finalidade e fomento de intercâmbio cultural no exterior de estudantes de nível superior, através da concessão de bolsas a estudantes que se destacam nos estudos, conforme já anteriormente exposto sobre o programa de Intercâmbio Cultural da Instituição (I.C.I.) na qual foi desenvolvido o presente estudo, o qual é mantido pelo governo estadual, e o programa Ciência Sem Fronteiras (C.S.F.), do governo federal, do Ministério da Educação e Cultura (M.E.C., 2012). Todos os estudantes que participaram da presente pesquisa foram agraciados com bolsas concedidas pelo governo estadual ou federal.

#### 4.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, a partir das informações coletadas através das entrevistas realizadas, apresentamos a análise e discussão do conteúdo do material, observando a sequência das questões da entrevista utilizada. Esclarecemos que os participantes **P14**, **P15**, **P16** e **P17**, responderam as questões da entrevista via e-mail, uma vez que ainda se encontravam no exterior, razão pela qual os trechos apresentados de sua fala encontram-se no tempo presente, enquanto que os dos

outros participantes encontram-se no tempo passado. Ressaltamos ainda que os depoimentos dos participantes da pesquisa foram transcritos procurando expressar a oralidade dos mesmos.

**Pergunta 1: Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

**Pergunta 2: Para que país viajou?**

**Pergunta 3: Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

A análise de conteúdo das três (3) primeiras questões revelou que todos os participantes que se inscreveram para viajar pelo Intercâmbio Cultural da Instituição foram motivados a se inscrever pelo desejo de melhorar e aperfeiçoar o seu conhecimento do idioma inglês e suas habilidades linguísticas, assim como também revelou que estavam ansiosos e desejosos de conhecer uma outra cultura, conhecer pessoas novas e diferentes e enfrentar novos desafios pessoais durante a viagem ao exterior. Os estudantes que se inscreveram para viajar através do programa Ciência sem Fronteiras foram motivados a se inscrever não somente pelo desejo de viajar para o exterior e entrar em contato com outra cultura e melhorar o seu inglês, mas, também, para cursar créditos acadêmicos em outras universidades estrangeiras como complemento aos seus estudos superiores, parte integrante da sua experiência no exterior. Além disso, captamos informações sobre as bolsas de estudo concedidas, o país de destino, assim como a duração da estadia e características da hospedagem. Esses dados constam dos Quadros 1 e 2, já apresentados no item 3.1.

Apresentamos a partir de agora e discutimos trechos selecionados e significativos das respostas dos participantes às perguntas de nº4 a nº10, específicas para os nossos objetivos, apresentadas em sequência. Como foram entrevistados 17 intercambistas, apresentamos trechos de respostas de vários deles para cada pergunta, alternando os entrevistados, de modo a poder apresentar um pouco da fala de todos eles no conjunto. No final de cada trecho de fala colocamos o nome da cidade, do estado e do país em que cada estudante realizou o seu

intercâmbio, possibilitando uma ideia clara do local onde cada um viveu a sua experiência.

Em seguida à apresentação dos trechos selecionados das entrevistas seguem a análise e discussão do material com base no referencial teórico adotado para a compreensão do processo de “construção / desconstrução” da identidade.

**Pergunta 4: Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

**P2:** No começo me senti perdida e com medo, pois não consegui falar com meus familiares durante a viagem, mas no dia seguinte fiquei mais calma e fui me sentindo melhor à cada dia. Posso dizer que depois que passou o medo, eu me senti muito confortável. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P6:** No início me senti um pouco perdida, mas foi rápida a adaptação e passei a me sentir muito confortável. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Fiquei até surpreso, pensei que os norte-americanos me receberiam de forma fria, como sempre costumamos dizer que são. Mas, ao contrário, a recepção foi calorosa, isso me fez sentir bem confortável. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P9:** No início foi meio estranho, porque não estava acostumada com a língua, mas com o passar dos dias acabei adquirindo a rotina e nas últimas semanas já me sentia totalmente incorporada ao país. (Boston, Massachusetts, Estados Unidos).

**P10:** Nos primeiros dias o desconforto é inevitável, principalmente se for a primeira viagem fora do país, como foi o meu caso. Mas depois eu fui me familiarizando com os locais e também com as pessoas. (Londres, Inglaterra, GB.).

**P14:** Eu nunca tinha saído de casa antes, portanto, não sabia como ia ser e estava muito apreensivo, mas ao chegar estava vivendo um sonho que sempre imaginei, me senti muito confortável e me adaptei rapidamente à mudança. Foi muito mais fácil do que imaginava. (Nova Orleans, Luisiana, Estados Unidos).

**P16:** Num primeiro momento a língua e o fato de não conhecer ninguém assusta um pouco, mas como sempre quis vir para os Estados Unidos me sinto super confortável. (Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos).

As respostas à pergunta acima revelam que a maioria dos estudantes experienciou “sentimentos de desconforto” e medo no início de sua chegada ao país de destino, mas com a explicação de que houve adaptação após algum tempo e, em seguida, esses estudantes passaram a sentir-se melhor e mais “confortáveis”, diminuindo a sua angústia frente ao desconhecido.



Pela fala dos entrevistados podemos apreender o sentimento de ser “estrangeiro em terra alheia”, de “forasteiro”, do “diferente”, da “diferença” cultural, do sentimento de “nós e os outros” em sua chegada a um outro país, a uma outra cultura, o país de destino para o intercâmbio; mas, também fica evidente o processo de “movimento”, a “fluidez”, a “transformação” da identidade dos jovens, ao comentarem sobre a sua adaptação e ao “sentirem-se em casa”, após decorrido algum tempo de convivência com a outra cultura.

Esses fenômenos vividos e descritos pelos intercambistas são apresentados e discutidos nas obras dos pesquisadores do tema da identidade por nós estudadas e apresentadas em itens anteriores (vide itens 2.1, 2.2 e 2.3). Ciampa (1994) nos fala do “homem em movimento”, de sua constante transformação e que a identidade vai sendo construída ao longo da vida. Hall (2000) nos fala do processo de “construção/ desconstrução” da identidade humana, das “identificações” realizadas e integradas que compõem a identidade do ser humano ao longo da sua vida, num “contínuo e constante devir”, porém nunca completado. Woodward (2000) também discute, entre outros, o conceito da “diferença” e ressalta a importância da mesma na formação da identidade. Segundo esta autora, a identidade é construída por meio da marcação da diferença, isto é, uma é construída em contraposição à outra, são conceitos interligados e interdependentes, mas não opostos.

#### **Pergunta 5: Como sentiu-se recebido/a ou tratado/a?**

**P1:** Fui muito bem tratado, tanto pela família que me hospedou, como também pelas outras pessoas com quem tive contato. Senti-me um membro da família e até passei a chamar a mulher de mãe. Tomava o café da manhã e jantava com a família. Cheguei a ir à missa com eles também. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P3:** Sempre fui muito bem tratado, as pessoas sempre receptivas e educadas. (Chicago, Illinois, Estados Unidos).

**P4:** De início, durante a estadia com meu primeiro *host*, sentia-me muito sozinho e isolado, mais por falta de jeito dele se relacionar do que por minhas iniciativas de socializar. Ele não era uma pessoa desagradável, só desajeitada socialmente. Porém, o casal que me recebeu na maior parte do tempo sempre me tratou com total respeito e sempre se mantinha preocupado com meu conforto emocional. Eram muito curiosos sobre o Brasil, sobre as diferenças culturais, sobre os meus pontos de vista sobre vários assuntos. (Batávia, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P5:** Me senti muito bem recebido, tratado como uma visita, quase parte da família de fato, na casa de família onde residi. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P6:** Fui muito bem recebida e tratada. Os americanos não são tão calorosos quanto os brasileiros, mas me trataram muito bem. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Na região sul dos Estados Unidos as pessoas são calorosas ao receber turistas. Talvez por causa da forte influência latina. Me senti muito bem, não houve nenhum constrangimento, nenhum contratempo. Simplesmente me receberam educadamente e até de forma hospitaleira como costumamos receber as pessoas. O tratamento sempre foi cordial e amável, tanto na hospedagem como na escola onde fiz aulas de Inglês. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P10:** Fui muito bem recepcionada pela família que me hospedou e também em todos os outros locais. (Londres, Inglaterra, GB.).

**P13:** Não me senti bem recebida e tratada pela família. Achei o casal muito seco, o homem, principalmente, muito grosseiro. Pelas pessoas da cidade e da escola, senti-me bem recebida e tratada. (Boston, Massachusetts, Estados Unidos).

**P15:** Me senti extremamente confortável. As pessoas que me ajudaram desde o primeiro dia são extremamente atenciosas. Sou tratado muito bem por todas as pessoas que conheço aqui. (Colchester, Vermont, Estados Unidos).

Segundo Silva (2000), tanto a identidade quanto a diferença são produzidas, sendo fruto das relações culturais e sociais. De acordo com o autor, a identidade brasileira seria, então, o resultado da criação de variados atos linguísticos, que definem nossa identidade como sendo diferente das demais. Desse modo, identidade e diferença são o resultado de um processo de produção da linguagem e do discurso.

De acordo com o mesmo autor, quando afirmamos nossa identidade e nossa diferença as operações de incluir e excluir estão presentes, uma vez que dizer o que se é implica também em dizer o que não se é. Daí decorrem as declarações “pertencer e não pertencer”, ligando a identidade à separação entre “nós e eles”. O autor esclarece que o processo de classificação faz parte da vida social, sendo que a sociedade produz e usa as classificações para ordenar o mundo social. Estas classificações são formadas a partir do ponto de vista da identidade e da diferença.

Entretanto, os trechos de fala anteriormente apresentados nos mostram, também, como a “boa acolhida” e a “recepção calorosa” suavizaram o choque cultural dos jovens em terra estranha, estabelecendo como que uma “ponte” de afetividade, preparando o terreno para o desenvolvimento de futuras identificações e

para a assimilação da língua e cultura do “outro”. Esse movimento é especialmente notável na fala do **P1**, que relata que foi tão bem acolhido e tratado que sentiu-se como um membro da família, a ponto de chamar a anfitriã de “mãe”. O **P5** também foi tão bem recebido e tratado que sentiu-se quase parte da família. É claro que houve exceção, como no caso do **P13**, que não foi feliz com os seus anfitriões, mas, de modo geral, predominaram os sentimentos de bom acolhimento e recepção agradável entre a maioria dos intercambistas.

**Pergunta 6: O que esperava obter com essa experiência? Em termos pessoais?**

**Em termos profissionais?**

**P4:** Esperava mais em termos profissionais, na minha formação como estudante. Acabei por encontrar o que esperava, imagino. Por outro lado, acabei trazendo muito mais em termos pessoais do que jamais imaginava trazer. O casal que me recebeu tornou-se tão amigo que ao final da minha estadia consideravam-me parte da família. Conheci suas duas filhas, passei feriados com eles, conheci a história da família e do país através deles e sinto-me muito grato de ter tido a oportunidade de conhecê-los. (Batávia, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P6:** Esperava desenvolver minhas habilidades com a língua, conhecer pessoas novas e me abrir, me adaptar a uma nova cultura, além de buscar minha independência. Encontrei tudo o que procurava e mais. Descobri que consigo me adaptar relativamente rápido, que podia me divertir mesmo estando sozinha, que poderia tomar conta de mim mesma, tinha 19 anos quando fui morar nos Estados Unidos, e que precisamos aproveitar todas as oportunidades que aparecem para nós, pois você nunca sabe quando algo maravilhoso vai te acontecer. Profissionalmente, posso dizer que melhorei minha fluência na língua, passei a escrever melhor e aprendi muito sobre técnicas de discurso público, graças a um dos cursos da minha grade; atualmente posso fazer apresentações para várias pessoas e antes do intercâmbio era muito tímida. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Esperava de algum modo aprender muito. Eu queria e sentia a necessidade de vivenciar outra cultura. Tudo foi novo, foi a primeira viagem internacional. Em termos pessoais foi transformador. Em termos profissionais, enquanto profissional de logística, pude ver a estrutura logística dos Estados Unidos, a interligação entre modais, os investimentos que foram realizados há décadas, dos quais o Brasil ainda é carente. A comparação foi inevitável. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P10:** Eu esperava um amadurecimento tanto pessoal quanto profissional, já que estava longe de todas as pessoas que fazem parte da minha vida e rotina. Com certeza a mudança mais significativa foi o desenvolvimento da minha independência. (Londres, Inglaterra, GB.).

**P11:** Meu objetivo era ter contato com pessoas de outras culturas para entender nossas diferenças e, também, apresentar a cultura do Brasil. Em termos pessoais, fiz muitas amizades e conquistei muita maturidade, apesar de ter ficado apenas por

um mês no país. Em termos profissionais, melhorei muito os meus *skills* na língua inglesa e, como nunca havia trabalhado antes do intercâmbio, um dos principais motivos da minha primeira contratação foi justamente essa experiência no exterior. Encontrei justamente aquilo que procurava! Tive muita troca de informações, formei amigos e realizei um sonho de poder viver um pouco a cultura de um outro país. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P14:** Eu obtive tudo e muito mais do que esperava; cresci muito como pessoa, amadureci muito; com certeza vai trazer um grande impacto positivo pra minha vida profissional e o que eu ganhei foi um presente que nunca vou esquecer. (New Orleans, Luisiana, Estados Unidos).

**P16:** Está tudo sendo melhor do que eu imaginava. Meu inglês melhorou muito. Consigo me comunicar muito bem com qualquer pessoa em inglês. Conheci muitas pessoas legais e importantes para minha *social network*. Estou estudando muito, nunca estudei tanto na minha vida, e tendo contato com professores reconhecidos na área. (Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos).

A fala dos estudantes nos revela que os inúmeros benefícios resultantes da sua experiência de estudos no exterior vão muito além do desenvolvimento dos seus conhecimentos e habilidades na língua inglesa. Os jovens nos falam do impacto e das repercussões disso sobre a sua identidade e as transformações decorrentes e vividas. Eles sentem que, em contato com outra cultura e amizades diversas, desenvolveram-se também como pessoas, como futuros profissionais, tiveram uma ampliação de sua consciência intelectual, cultural, intercultural e global, em consonância com os relatos de experiências de viagens de estudos realizadas por jovens norte-americanos que viajaram em intercâmbio cultural para diferentes países da Europa Ocidental, apresentados em estudos de Schwieter e Kunert (2012), Osborne (2012), Paige e Fry (2010) e Carlson *et al.* (1991). Além disso, a fala dos estudantes, de modo geral, revela a satisfação e, às vezes, o encantamento, não somente pelos progressos nas suas habilidades linguísticas e no domínio do idioma inglês, mas também pelos contatos pessoais que tiveram com os “outros”, ou seja, as amizades que fizeram com pessoas de outra cultura. Isso nos remete a ideias e trabalhos de Candau (2008) e Fleuri (2001) sobre a importância da “educação intercultural” e suas possíveis consequências sócio-políticas no atual mundo globalizado (vide itens 1.5 e 2.5).

Woodward (2000), Silva (2000) e Hall (2000), dentro da teoria social e cultural contemporânea, nos apresentam a construção da identidade pessoal e cultural como produto das relações sociais. Isso fica evidente na fala dos jovens. Hall (2000),

considera a identidade do sujeito pós-moderno um construto “móvel”, “cambiante”, historicamente definido e não biologicamente, num constante e contínuo processo de “construção/desconstrução”, de acordo com as identificações realizadas pelo sujeito segundo as suas experiências de vida. Isso pode ser claramente constatado nos relatos apresentados dos jovens, ao falarem de como essas experiências contribuíram para o processo de “construção/desconstrução” da sua identidade e como, também, lhes trouxeram mudanças pessoais, culturais e profissionais, ou seja, como a sua identidade foi “transformada”.

**Pergunta 7: O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

**P2:** Fiz amigos brasileiros e estrangeiros e com alguns deles ainda me correspondo. Conheci lugares maravilhosos. Consegui me virar muito bem por lá, sabia ir para qualquer lugar. Posso dizer que a viagem inteira foi positiva para mim, tirei bastante proveito dela. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P6:** Conheci um grande número de pessoas e fiz muitas amizades. A chance de me virar sozinha e visitar um outro país foram muito marcantes, toda a experiência em si foi marcante para mim. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Tudo foi incrível. Conheci uma cidade privilegiada até para os padrões norteamericanos. Em apenas 28 dias foi perceptível a minha melhora no entendimento e na pronúncia da língua inglesa. Uma experiência marcante foi que no 26º dia, ao passar no caixa do supermercado, fiz uma confusão na hora de pagar as compras; apresentei o cartão, mas uma parte eu desejava pagar em dinheiro. A moça do caixa não gostou, ficamos discutindo por um ou dois minutos. Ao final pensei “há um mês eu seria incapaz de discutir com essa moça”. Acho que progredi alguma coisa. A briga foi insignificante, mas o fato de conseguir argumentar com a moça do caixa foi marcante. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P10:** O rápido desenvolvimento da língua inglesa em um curto período, o desenvolvimento da minha independência, como já citado anteriormente, pois lá você não tem seus pais, amigos, enfim, pessoas que possam te ajudar a resolver determinadas questões. (Londres, Inglaterra, GB).

**P11:** O intercâmbio me proporcionou contato com pessoas de vários países diferentes e com culturas bastante distintas. Pudemos fazer várias trocas de informações. Meus *hosts* sempre foram muito atenciosos comigo e me ajudaram muito na pronúncia; nós ficávamos treinando por horas e isso nem fazia parte do programa, realmente, faziam por prazer. Além disso, foi muito interessante, pois percebi que aqui no Brasil temos o receio de não sermos bem aceitos nos Estados Unidos e isto é totalmente desnecessário, pois os americanos se interessam muito pelos nossos costumes e a todo lugar que ia sempre tinha pessoas bastante empolgadas em fazer contato com estrangeiros brasileiros. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P14:** Todas as experiências que estou tendo estão sendo as melhores e mais marcantes que já tive e uma das coisas que mais me marca e alegra são as pessoas maravilhosas que estou conhecendo de todo o mundo e inclusive do meu próprio país, tive que sair do Brasil para conhecer mais sobre meu próprio país, conhecer mais sobre minha cultura, o quão diverso meu país é, aprender mais sobre minha própria língua, o quão diversificada ela pode ser dentro do mesmo país e que esse preconceito ignorante que tinha e muitos têm sobre norte e nordeste não passa de uma babaquice, que temos pessoas maravilhosas, inteligentes e com muita coisa pra nos ensinar e aprender também. (Nova Orleans, Luisiana, Estados Unidos).

**P16:** As pessoas que conheci marcaram minha vida para sempre. É isso que levarei daqui. Pude viajar, conhecer lugares lindos, viver a cultura americana o tanto quanto pude, assisti jogos de basquete, baseball, futebol americano. Mas as pessoas é o que mais marcou. (Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos).

**P17:** Conhecer pessoas de diferentes partes do mundo, ou mesmo outros brasileiros de diferentes partes do Brasil com certeza foi algo muito bom. A troca de experiências é muito positiva. (Derby, Inglaterra, GB).

Os trechos de fala selecionados em resposta à pergunta nº7 nos revelam o impacto cultural e a ampliação de consciência intercultural e global pelos quais passaram os intercambistas e as repercussões sobre os mesmos. Eles nos falam do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, da ampliação da sua cultura geral, do seu desenvolvimento pessoal e afirmação da sua independência, do seu amadurecimento, do desenvolvimento de sua autoconsciência, assim como de sua visão de mundo.

É evidente a repercussão disso tudo na identidade dos jovens. Ressaltamos o movimento de crescimento e desenvolvimento pessoal e o processo de transformação pelo qual passaram, tal como podemos constatar nos estudos realizados por pesquisadores norte-americanos anteriormente citados.

A fala dos participantes nos mostra como a experiência de estudo no exterior foi significativa, enriquecedora e marcante para os jovens intercambistas. A experiência ficou registrada para sempre em suas mentes, afetando o processo de “construção/ desconstrução” da sua identidade.

Nos trechos de fala anteriormente apresentados fica também evidente a importância dos ganhos em desenvolvimento pessoal, das amizades feitas, das trocas de informação, de quebra de preconceitos, enfim, do “dialogismo”, ou seja, do

diálogo com os “outros”, representantes de diferentes culturas e povos distintos, que ressaltamos também nos trechos a seguir:

**P11:** O intercâmbio me proporcionou contato com pessoas de vários países diferentes e com culturas bastante distintas. Pudemos fazer várias trocas de informações.

**P14:** Todas as experiências que estou tendo estão sendo as melhores e mais marcantes que já tive e uma das coisas que mais me marca e alegra são as pessoas maravilhosas que estou conhecendo de todo o mundo e inclusive do meu próprio país [...]

**P17:** Conhecer pessoas de diferentes partes do mundo, ou mesmo outros brasileiros de diferentes partes do Brasil, com certeza foi algo muito bom.

Isso nos remete novamente à questão da importância da “educação intercultural”, tão bem defendida nos artigos de Candau (2008) e de Fleuri (2001), a qual tem como um dos seus objetivos favorecer a aceitação da “diferença”, o “dialogismo”, a eliminação de preconceitos, a abertura a diferentes modos de vida e de expressão no mundo (vide itens 1.5 e 2.5). Precisamos considerar esses jovens como atores e agentes de futuras transformações sociais na direção de uma sociedade e de um mundo mais aberto ao diálogo com os “outros”, com os “diferentes”, assim como no sentido de uma educação para a “autonomia” e “emancipatória”, já que voltaram mais reflexivos, críticos e independentes. Além disso, eles também agiram como embaixadores da nossa cultura “lá fora”, como pudemos perceber através de alguns relatos dos entrevistados, como por exemplo, o do **P4**, que mencionou que em sua interação com seus anfitriões e colegas teve a oportunidade de falar sobre seu país, difundindo nossos costumes e diferenças culturais. Certamente, os intercambistas propiciaram aos amigos de outras línguas e culturas que lá encontraram o mesmo impacto que experimentaram nos seus contatos com uma outra realidade cultural.

**Pergunta 8: O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

**P1:** A minha experiência negativa foi ter me perdido algumas vezes na cidade e o fato de ter encontrado muitos brasileiros. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P2:** Graças a Deus não me aconteceu nada de negativo. Apenas a saudade da família que é difícil de aguentar mesmo, mas como falava com eles por telefone todos os dias, foi tranquilo. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P4:** Todas as dificuldades foram nos momentos iniciais da minha estadia, eu diria durante o primeiro mês. Tive uma falta de suporte e atenção nos momentos iniciais da estadia, mas as sensações estavam misturadas com o desconforto da adaptação a um novo dia a dia, sendo todas as pessoas totais desconhecidos. A falta de locomoção inicialmente foi um grande desconforto também. (Batávia, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P7:** Achei o intercâmbio muito curto. (Califórnia, Estados Unidos).

**P8:** Experiências negativas foram algumas, embora todas foram solucionadas. A primeira situação desagradável aconteceu no primeiro dia. Estávamos fazendo turismo pela cidade, acompanhados de um guia da escola de inglês onde estávamos matriculados. Ao tomar um lanche, por um erro do caixa, paguei por dois lanches; não sabia o que fazer, mas não queria deixar passar. Reclamei com o guia e ele resolveu imediatamente. Outra questão negativa foi o problema de saúde do professor na casa de quem eu me hospedei. Mas eu simplesmente telefonei para um número de emergência que todos nós recebemos ao chegar. Em minutos, o diretor da escola enviou um carro para me levar para outra hospedagem. Como disse, situações negativas ocorreram, mas nada grave e tudo foi prontamente resolvido. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P9:** Não tive nada de negativo, apenas no começo foi difícil acostumar com a comida... – risadas - muita pimenta, mas consegui superar e minha *host family* sempre estava fazendo o que me agradava. (Boston, Massachussets, Estados Unidos).

**P12:** A única coisa negativa que aconteceu e me marcou foi logo no primeiro dia que cheguei, pois não conseguia me comunicar com minha família, mas a senhora que me recebeu lá foi muito simpática, me ajudou e então não tive mais experiências ruins. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P14:** Sinceramente, não consigo achar um ponto ou experiência negativa, tudo o que passei e estou passando aqui, mesmo os fatos que podem ser considerados ruins pela maioria, foram muito bons pra mim, cresci e amadureci muito com eles. (Nova Orleans, Luisiana, Estados Unidos).

**P15:** Nada ruim me aconteceu, acho que a saudade da família e dos amigos é o que mais permanece durante a experiência. (Colchester, Vermont, Estados Unidos).

De modo geral, os estudantes negam ou amenizam as situações negativas que viveram, por considerarem que as coisas boas excederam as negativas, que conseguiram superar. **P1** menciona como fato negativo, além de ter se perdido na cidade, ter encontrado muitos outros brasileiros. Entendemos que isto decorre da expectativa do intercambista de aproveitar ao máximo o seu curto tempo de imersão na cultura estrangeira para adquirir o novo idioma. Assim sendo, o encontro com pessoas do seu próprio país, falando português, desvia o foco do aprendizado da



língua inglesa. Outros estudantes, como **P2**, **P12**, **P15**, relatam terem sentido saudade e falta da família, ou seja, sofreram por se sentirem de um certo modo “desprotegidos”, longe dos seus entes queridos e da sua “zona de proteção e conforto”, situação que conseguiram dominar e controlar. Outros, como **P4** e **P8** admitem terem se deparado com algumas “situações negativas”, alguns desafios, que lhes exigiram que utilizassem ou desenvolvessem recursos próprios para superação dos mesmos, o que lhes conferiu um sentimento de amadurecimento, de desenvolvimento pessoal e sentimento de “ser capaz de cuidar de si mesmo”. Por outro lado, **P14** considerou que tudo foi bom, pois até as situações negativas trouxeram-lhe algo de bom, pois serviram-lhe como estímulo e desafio para seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

Os relatos nos mostram a flexibilidade dos jovens em seu “processo de formação” e “transformação” de sua identidade, ou seja, “processo de construção/ “desconstrução” da mesma. Os jovens se mostram como sujeitos ativos da sua história de vida, enfrentando desafios, realizando as “negociações” possíveis nas circunstâncias da sua individualidade sócio-histórica frente ao caminho que escolheram.

**Pergunta 9: Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

**P1:** Antes da viagem eu era uma pessoa insegura e receosa. Após a experiência senti-me mais autônoma, além de ter um sentimento de superação pelo investido no programa e pelos resultados positivos que obtive. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P2:** Sim, com certeza. Antes eu me via como uma pessoa parcialmente independente. Agora sei que sou capaz de fazer tudo que preciso. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P5:** A minha experiência no exterior realmente me mudou e abriu minha mente. Sei que vivo num mundo pequeno com mentalidades diferentes. Uma experiência no exterior é importantíssima para quem deseja trabalhar num mundo globalizado. Do ponto de vista do intercâmbio me acrescentou sobre a forma de lidar com americanos e como pensam. Como pessoa me manteve cada vez mais “acordado para a vida”. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P6:** Com certeza! Era muito tímida e tinha muito medo de fazer qualquer coisa sozinha. Tinha muito medo que devido a essas características nada nunca fosse acontecer comigo. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Sim, é uma experiência transformadora. Antes, eu particularmente, como pessoa, me via ou me sentia no mundo de forma mais retraída, tímida, imaginando que pessoas de outros países fossem muito diferentes de nós. Contudo, essa ideia mudou, as pessoas, enquanto seres humanos têm, de modo geral, as mesmas necessidades, os mesmos sentimentos e as mesmas reações em situações análogas. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P11:** Sim, apesar de ter sido um tempo bastante curto. Pelo fato de eu sempre ter morado com meus pais eu nunca tinha sido totalmente responsável por mim e esta oportunidade me proporcionou a possibilidade de eu ter que correr atrás de tudo sozinha, desde a emissão do passaporte até conseguir me localizar na cidade em que fiquei hospedada. Com certeza, adquiri muita maturidade durante o tempo em que fiquei fora, inclusive na questão de conviver com diferenças culturais. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P12:** Acredito que a maturidade que consegui viajando para fora me ajudou a crescer profissionalmente e a ter uma mente mais aberta. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P15:** Completamente! Ter uma abrangência do entendimento de “mundo” é bem melhor quando se olha fora do próprio país e convive com a realidade de outro país, em um lugar diferente do qual você está acostumado. Acredito que minha visão, tanto política quanto social, melhorou ainda mais com essa experiência. (Colchester, Vermont, Estados Unidos).

**P16:** Muito! Você amadurece ainda mais e vê o mundo com outros olhos. Morar fora é uma experiência inesquecível e que eu recomendo demais. (Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos).

Segundo os autores estudados para a fundamentação teórica da temática da identidade, esta não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade, expressando uma singularidade construída na relação com outros seres humanos. Todo sujeito está inserido num contexto sócio-histórico, do qual decorrem as suas possibilidades e alternativas de identidade. A identidade de um sujeito é construída ao longo da sua vida, sendo ele o agente ativo de sua história pessoal e social.

Vemos na fala dos intercambistas o relato das “transformações” pelas quais passaram em decorrência de sua experiência no exterior. Os trechos acima apresentados, de **P1**, **P2**, **P5**, **P6**, **P8**, **P11**, **P12**, **P15** e **P16**, atestam as “transformações” vivenciadas. Mas eles buscaram ativamente por esse intercâmbio, esforçaram-se para ter essa experiência de entrar em contato com outro povo, outra cultura, outros valores, outras crenças, o que os torna sujeitos ativos de sua história de vida. As experiências que viveram lhes proporcionaram oportunidades que nem

sequer imaginavam, pois lhes “abriram a mente”, lhes proporcionaram uma “nova visão de mundo”, foi uma “experiência transformadora” e “única”. Os jovens expressam o quanto foram afetados e transformados por essa experiência, admitindo que voltaram diferentes do que eram quando partiram, ou seja, eles têm consciência de que a sua identidade passou por um “processo de transformação” em decorrência da sua permanência no exterior em contato com uma outra cultura. Em outras palavras, eles estão nos falando do processo de “construção/desconstrução” de sua identidade, utilizando o linguajar técnico de Hall (2000; 2006).

**Pergunta 10: Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente?**

**Em que aspectos?**

**P2:** Voltei uma pessoa diferente pelo fato de querer conhecer outros países, quem sabe até morar em algum deles. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P5:** Sou uma pessoa totalmente diferente. A cada viagem, posso dizer. Cada vez que retorno à Americana vejo que estou numa cidade extremamente provinciana e num país conformado. Talvez tenha me tornado muito crítico em relação a certos aspectos da nossa cultura. Me tornei diferente ao enxergar um mundo melhor e possível. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P6:** Não consigo me imaginar como sendo a mesma pessoa. Sou totalmente diferente agora, muito mais aberta, madura, flexível e controlada. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Me vejo um indivíduo um pouquinho mais completo. Sim, voltei uma pessoa diferente. O impacto do intercâmbio é indelével, principalmente no fato de que desperta o desejo de fazer outras viagens. Mas a maior diferença mesmo é bem forte no aspecto humano. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P9:** Sempre quando temos contatos com outras culturas mudamos um pouco, aprendemos a respeitar o modo de vida de cada um, a olhar com outros olhos o porquê de determinados comportamentos e sem dúvida passei a admirá-los. Quando descobri que ia para os Estados Unidos fiquei apreensiva, mas depois achei que não teria outro lugar melhor pra ter ido, adorei e se tiver oportunidade voltarei com certeza. (Boston, Massachussets, Estados Unidos).

**P11:** Eu me vejo como uma pessoa que tem uma característica a mais. Voltei mais confiante em mim mesma, poderia dizer que realizada, porém com sede de voltar e aprender muito mais. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P12:** Sim, voltei mais madura e a maturidade que consegui viajando para fora me ajudou a crescer profissionalmente e ter uma mente mais aberta. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P15:** Imagino que irei voltar mais crítico, no sentido de compreender uma situação melhor e começar a “pensar fora da caixa”. Além disso, todo o conhecimento que eu adquiri servirá para futuros empreendimentos e carreiras na minha vida. (Colchester, Vermont, Estados Unidos).

**P17:** Eu me sinto mais experiente e é uma experiência que somente quem mora em outro país pode ter. Você tem âmbito para comparar as vantagens de cada país, por exemplo, pois você sentiu na pele tudo isso, ao contrário de se limitar apenas a informações vindas de meios de comunicação. Com isso você aprende a valorizar o que há de melhor em cada lugar em que vive. (Derby, Inglaterra, GB).

Os estudantes nos falam como se sentem e afirmam enfaticamente que foram afetados e “transformados” pela sua viagem de estudos no exterior. Os jovens não somente desenvolveram seus conhecimentos do idioma inglês e da cultura do país em que ficaram, como também relataram sentimentos de desenvolvimento pessoal e profissional, enfrentamento e superação de desafios, amadurecimento pessoal, aumento da autoconfiança e independência, crescimento acadêmico, aumento do interesse por outras culturas e ampliação da consciência intercultural e global, à semelhança do que vemos relatado em trabalhos dos pesquisadores norte-americanos anteriormente já mencionados, Schwieter e Kunert (2012), Osborne (2012), Paige e Fry (2010) e Carlson *et al.* (1991), assim como de algumas pesquisadoras brasileiras já citadas, Barcelos (1999), Rezende (2006); Rezende e Laai (2006) e Sade Resende (2009), que também estudam a questão da identidade relacionada ao intercâmbio cultural e à aprendizagem da língua inglesa.

Por exemplo, os estudantes nos informam:

**P2:** Voltei uma pessoa diferente [...]

**P5:** Sou uma pessoa totalmente diferente.

**P6:** Não consigo me imaginar como sendo a mesma pessoa.

**P8:** Me vejo um indivíduo um pouquinho mais completo.

**P12:** Sim, voltei mais madura [...]

**P15:** Imagino que irei voltar mais crítico [...]

Os jovens nos falam do desenvolvimento de suas capacidades pessoais de reflexão, de crítica, de autonomia e de emancipação, que nos remetem às propostas da Educação Sociocomunitária a qual propõe estratégias educacionais que visam transformações sociais amplas através de “ações educacionais de impacto social para além da escola” (GROPPO, 2013, p. 20).

Woodward (2000) nos fala em sua obra que as identidades são fruto das relações sociais e construídas relativamente a outras identidades, relativamente ao “outro” ou ao “forasteiro”, ou seja, relativamente “ao que não é”. Todo sujeito vive inserido num contexto sócio-histórico e é desse contexto que decorrem as suas possibilidades e alternativas de identidade. Assume-se, assim, que a mudança de ambiente e de contexto de vida desencadeia mudanças e transformações na identidade dos sujeitos. Cada ser humano é sujeito ativo de sua própria história de vida, dentro de sua realidade sócio-histórica e vai construindo a sua identidade num processo constante de “construção/desconstrução” num contínuo devir, mas que nunca atinge a completude, por estar sempre sujeito e passível de sofrer novas transformações, ou seja, de desconstrução e reconstrução em decorrência de mudanças no meio e contexto em que vive. Os relatos de **P2, P5, P6, P8, P9, P11, P12, P15 e P17**, são exemplos vivos do que foi lido nas obras sobre identidade dos autores que fundamentam a presente pesquisa.

O ser humano é um ser ativo, que se apropria da realidade social, cria o seu mundo e cria sentido para o mundo em que vive. Ele pode traçar caminhos, mudar sua rota, alterar sua predestinação pelas ações que realiza junto com outros seres humanos. Desse modo, ele deve ser visto como “fazendo-se”, em constante “transformação”, e não como “feito” e “acabado”. Dentro dessa atual visão, as identidades são consideradas construções plásticas, móveis, fluidas e dinâmicas.

Para Bauman (2005), na atual sociedade ocidental em que vivemos, por ele denominada “sociedade líquido moderna” por causa das rápidas mudanças tecnológicas e de encurtamento de distâncias, devido ao fenômeno da “compressão espaço-tempo”, os indivíduos constroem “identidades em movimento”, lutando para se juntar aos grupos igualmente móveis e velozes que procuram, constroem e tentam manter vivos por um momento. Assim, vemos os jovens estudantes ligando-se às novas amizades de várias e distintas nacionalidades, amigos conhecidos no exterior, esforçando-se para manter seus contatos e grupos de amigos, tentando mantê-los vivos por algum tempo. Segundo Bauman, estamos vivendo num admirável mundo novo, de oportunidades fugazes e de seguranças frágeis, que propicia “identidades em movimento” e inviabiliza identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, que não mais funcionam (BAUMAN, 2005).

Os relatos dos intercambistas, já apresentados, exemplificam a concepção de identidade do sujeito pós-moderno, que está inserido em uma sociedade moderna e mutável, sofre os impactos da globalização e se transforma com isso.

Finalizando, apresentamos os dados coletados com as duas últimas questões da entrevista:

**Pergunta 11: Recomenda a experiência a colegas? Por quê?**

**P2:** Com certeza recomendo, pois é uma experiência sem igual e importante para nossa vida, tanto profissional quanto pessoal. (San Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P3:** Sim, pois é uma experiência única e fantástica. (Chicago, Illinois, Estados Unidos).

**P4:** Recomendo completamente. Ver outras formas de organização do espaço público e privado, do dia a dia, dos costumes, viver outras estações do ano, conhecer novas pessoas, fáceis e difíceis, nos fazem valorizar o tempo que gastamos com quem amamos e amadurecer em termos interpessoais e intrapessoais. (Batávia, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P6:** Sim, recomendo. Acho que todos deveriam tentar sair de sua zona de conforto, é assim que descobrimos quem realmente somos e quão longe podemos ir. (Rosendale, Nova Iorque, Estados Unidos).

**P8:** Sim, recomendo muito. Eu recomendo o intercâmbio, seja ele nos moldes que fiz ou não, como uma forma “forçada” do indivíduo ter que conviver com outra cultura, ter a experiência de se expor a múltiplas situações que exigem atitudes diferentes, além do acúmulo de conhecimento sobre a língua, a cultura, os lugares e as circunstâncias da viagem. (Fort Lauderdale, Flórida, Estados Unidos).

**P9:** Recomendo sim, de olhos fechados. Já tive algumas colegas que antes de ir me perguntaram como era e se compensaria passar por toda a burocracia pra ir e sempre digo que compensa tudo, porque é uma experiência única e como dizemos nos grupos de intercambistas “só dizem que a infância é a melhor fase da vida quem nunca foi intercambista”. (Boston, Massachussets, Estados Unidos).

**P10:** Com certeza, não só pela oportunidade de conhecer uma nova cultura, mas principalmente pelo crescimento que essa experiência nos proporciona. (Londres, Inglaterra, GB).

**P11:** Recomendo muito a todos que conheço. Ter uma experiência de intercâmbio faz com que a pessoa desenvolva sua independência, responsabilidade, tolerância com as diferenças, respeito e conhecimento, muito conhecimento. (Seattle, Washington, Estados Unidos).

**P12:** Recomendo a experiência a todos. É uma experiência incrível e uma oportunidade única. (São Francisco, Califórnia, Estados Unidos).

**P14:** Recomendo essa experiência sim, pra todo mundo, pois foi uma das melhores oportunidades da minha vida, uma experiência única, que todo mundo devia ter na vida, pra aprender a enxergar o mundo com outros olhos, que tem muito mais coisas importantes no mundo e realidades muito diferentes da sua própria, aprender a aceitar diferenças, respeitar mais ao próximo e agregar um riquíssimo conhecimento cultural e intelectual. (Nova Orleans, Luisiana, Estados Unidos).

**P15:** Absolutamente, é uma experiência única na vida. Além dos benefícios profissionais, há também os benefícios sociais. Uma nova língua no currículo, assim como a total experiência de intercâmbio são fundamentais para um futuro bem sucedido. (Colchester, Vermont, Estados Unidos).

**P17:** Com toda certeza. É muito bom, pois você sai do seu “círculo comum”. Tudo é muito novo e a experiência do novo faz você aprender a lidar com diversas situações importantes na vida. (Derby, Inglaterra, GB.).

As respostas acima revelam o quão significativa, apreciada e marcante foi a experiência vivida pelos intercambistas. Revelam também o alcance do impacto dessa experiência sobre a identidade dos mesmos, o quanto se sentiram beneficiados e como voltaram enriquecidos, pessoalmente, intelectualmente, culturalmente e profissionalmente. Voltaram mais conscientes da sua própria realidade e da sua cultura, assim como de outras realidades e diferentes culturas. É visível na fala dos jovens a “transformação” pela qual passaram, na forma de ampliação da sua consciência pessoal, profissional, intercultural e global, e a contribuição que tudo isso certamente acarretará para os futuros profissionais de amanhã.

#### **Pergunta 12: Gostaria de comentar algo mais?**

Em resposta a esta pergunta a maioria expressou o quanto valeu a pena a experiência e expressou gratidão às instituições que lhes proporcionaram essa oportunidade inesquecível. Alguns deixaram claro que jamais poderiam ter arcado com as despesas de uma viagem ao exterior como essa que realizaram, por falta de recursos financeiros próprios e esclareceram que somente uma bolsa de estudos como a que receberam poderia proporcionar-lhes tal experiência.

## 4.2 COMENTÁRIOS

Os relatos dos participantes da presente pesquisa nos revelam que, além dos pontos positivos e benefícios que a experiência de estudar no exterior pode trazer à vida de qualquer estudante, considerando-se os aspectos profissionais e pessoais, certamente as lembranças acompanharão os intercambistas pelo resto das suas vidas.

Constatamos que as experiências adquiridas pelos jovens fora de seu próprio país extrapolaram o desenvolvimento da mera aquisição de uma segunda língua, no caso a língua inglesa, propiciando aos mesmos desenvolvimento cultural, pessoal e profissional, desenvolvimento da autoconfiança, crescimento em maturidade, além do aumento do círculo de amizades interculturais, desenvolvendo o gosto por futuras viagens e pelo contato com culturas e valores diversos dos seus, assim como desenvolvendo o respeito pela “diferença”, pelo “outro”, e pela diversidade cultural.

Conforme constatado pela análise dos relatos dos sujeitos desta pesquisa a experiência adquirida, na maioria das vezes, favoreceu ou desencadeou uma grande mudança no modo de pensar e agir dos estudantes, uma vez que estes voltaram enriquecidos com novos conhecimentos e com sua visão de mundo modificada ou ampliada. Podemos dizer que a experiência do intercâmbio para eles foi extremamente significativa e ficou evidente pelos seus relatos que ao retornarem a sua terra natal não eram mais a mesma pessoa de antes da partida.

A análise dos relatos dos intercambistas coloca em evidência o “movimento”, a “fluidez”, a “dinâmica” do processo de “construção/desconstrução” da identidade dos jovens estudantes, fenômenos estudados por alguns dos autores por nós pesquisados e já previamente mencionados neste trabalho. Fica evidente pelo conteúdo apresentado e pela análise e discussão realizadas que os jovens intercambistas voltaram bastante diferentes de quando partiram e plenamente conscientes dessas mudanças.

As falas dos estudantes nos oferecem um panorama geral do impacto e da “transformação” pela qual passaram em decorrência da sua experiência no exterior e como sua identidade foi afetada e transformada nesse processo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa consistiu na investigação das repercussões da experiência de intercâmbio cultural no exterior para a aprendizagem da língua inglesa sobre a identidade de jovens graduandos.

Iniciamos nosso estudo tecendo considerações sobre o ser humano como um ser social e cultural, criador da linguagem falada e escrita, o que o distingue dos outros animais. Discorreremos sobre a importância e o papel da linguagem na constituição do sujeito e na transmissão do cabedal cultural de um povo às novas gerações, perpetuando seu conhecimento e sua história. Também destacamos como cultura, sociedade, língua e comunicação se articulam e se entrelaçam na construção e formação da identidade do sujeito. Vimos que o sujeito é “atravessado” pela linguagem, que o constitui e o acompanha do nascimento à morte, permeando todos os seus atos e permitindo-lhe interagir e comunicar-se com os outros e com o mundo. A linguagem é fundamental para a expressão da identidade cultural e territorial de um povo e para o processo de construção/desconstrução da identidade dos indivíduos. Ela sustenta toda a vida social e cultural humana, propiciando as interações sociais. Língua e cultura são dinâmicas e são o produto de seres sociais, os quais, por sua vez, estão em constante processo de interação e passam por transformações ao longo do tempo.

Atualmente, vivemos numa era de grandes inovações tecnológicas e transformações sociais e culturais. Os grandes avanços tecnológicos da atual fase pós-moderna da humanidade possibilitaram encurtar distâncias e superar fronteiras com a Internet e a mídia instantânea, colocando em contato diferentes culturas e povos. Neste cenário, caracterizado como a era da comunicação e da globalização, tem-se destacado como língua internacional o inglês, assim como outrora o foram o latim e o francês.

Atualmente, a presença maciça da língua inglesa pode ser observada e constatada em todas as esferas da atividade humana, no mundo do trabalho, da comunicação, das tecnologias e do entretenimento. Nos dias atuais, o conhecimento

desse idioma favorece o acesso ao mercado de trabalho e inserção em uma sociedade globalizada.

O Brasil é um país em que predomina o idioma português, que é a sua língua oficial. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394 de 20/12/1996, é obrigatório o ensino de uma língua estrangeira a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio nas escolas do país. Geralmente, as escolas têm optado pelo ensino da língua inglesa. No entanto, o ensino da mesma nas escolas públicas brasileiras tem sido considerado deficiente e não cumpre o papel de preparar devidamente os jovens na aquisição de uma segunda língua moderna, considerada necessária para uma educação mais ampla. Nas escolas particulares a situação é um pouco melhor, mas devido à projeção do idioma inglês como atual “língua internacional” ou “língua franca” o interesse e procura por intercâmbios culturais e cursos de imersão para a aprendizagem da mesma em países anglófonos é cada vez maior. Nos dias atuais, o domínio do idioma inglês é considerado um recurso importante que favorece a inserção do indivíduo na sociedade globalizada, com as vantagens de expansão cultural e profissional que isso acarreta.

O governo federal e o governo estadual de São Paulo estão atentos a isso e nos últimos anos têm fomentado e implantado programas de incentivo à aquisição e aperfeiçoamento da língua inglesa por parte de jovens estudantes, oferecendo cursos e bolsas de estudo para estudantes universitários brasileiros. Com essa finalidade foi criado, em 2012, o programa Inglês sem Fronteiras (MEC, 2012), que depois foi ampliado para Idiomas sem Fronteiras, resultado do trabalho conjunto do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria de Educação Superior (SESu) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo principal objetivo é incentivar o aprendizado do idioma inglês e outros idiomas entre estudantes brasileiros, de modo a prepará-los para futuros intercâmbios científicos com conceituadas universidades de países estrangeiros através do programa Ciência Sem Fronteiras, visando o desenvolvimento cultural, tecnológico e científico do país. Assim, vemos estudantes brasileiros de faculdades e universidades beneficiando-se desses programas e intercâmbios culturais subsidiados pelos governos federal e estadual. Caso os próprios alunos tivessem que arcar com os

custos de sua viagem e manutenção no exterior, possivelmente uma grande maioria estaria impossibilitada de realizar o intercâmbio.

Em nosso estudo sobre as repercussões da experiência de intercâmbio cultural no exterior na identidade de jovens estudantes, os sujeitos do estudo foram alunos de uma Faculdade de Tecnologia do estado de São Paulo, os quais foram agraciados com bolsas de estudo do governo. A análise dos dados obtidos através da entrevista realizada com os mesmos, conforme já apresentada no Capítulo 4, nos revela o impacto e as percepções dos estudantes decorrentes da sua experiência no exterior. O intercâmbio coloca os jovens em contato com um universo cultural distinto do seu original e os mesmos se deparam com uma nova forma de perceber o mundo, já que encontram formas de se expressar diversas das que utilizariam em seu país e em sua língua materna.

Sabemos que o sujeito é constituído pela sua cultura e o estudante e aprendiz de uma língua estrangeira em curso de imersão, ou numa outra instituição universitária no exterior, é exposto a novas situações culturais e sociais que afetam sua identidade. Os jovens que partem para um intercâmbio cultural já têm sua identidade própria construída a partir de aspectos culturais agregados ao processo de aquisição de seu idioma materno, mas na interação com novos valores e com uma nova cultura eles se transformam e reconstróem seus conceitos, sendo sua identidade redefinida ao longo do processo. As identidades pessoais estão em um contínuo processo de construção/reconstrução e sofrem a influência das interações sociais e dos indivíduos com os quais interagem. Desse modo, a identidade dos estudantes sofre o impacto de novos contatos e enfoques culturais, novas interações e novos valores. Isso nos é revelado pela fala dos estudantes entrevistados. Ao serem confrontados com uma realidade cultural distinta da sua os alunos acabam por absorvê-la e interagir nesse novo contexto, o que os leva a se redefinirem como sujeitos, assim como, também, a influenciarem aqueles com quem se relacionarão por meio do novo idioma.

Os relatos dos estudantes entrevistados nos mostram claramente que eles voltaram mudados, transformados, diferentes de quando partiram. Revelam como no país de destino, inicialmente, sentiram-se “perdidos”, “estrangeiros em terra alheia”, “forasteiros”, sentiram a diferença entre “nós e os outros”, mas à medida que iam se

adaptando e se identificando com a cultura local também iam assimilando a mesma e passando por um processo de transformação e reconstrução de sua identidade. Em consequência da experiência vivida pelos intercambistas, conforme apresentado no Capítulo 4, fica evidente que os benefícios obtidos vão muito além do desenvolvimento dos conhecimentos da língua inglesa e de suas habilidades linguísticas ou da obtenção de créditos acadêmicos. Eles nos revelam a transformação da sua identidade em consequência do intercâmbio realizado.

De acordo com Fleuri:

A interação com uma cultura diferente contribui para que uma pessoa ou um grupo modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, na medida em que lhe possibilita compreender ou assumir pontos de vista ou lógicas diferentes de interpretação da realidade ou de relação social (FLEURI, 2001, p.53).

Os jovens intercambistas, de modo geral, relatam que se desenvolveram como pessoas, como futuros profissionais, tiveram uma ampliação da sua consciência intelectual, cultural, intercultural e global. Ressaltam, também, as novas amizades que fizeram com pessoas dos locais onde se hospedaram e estudaram, assim como com jovens de muitas outras nacionalidades e mesmo também brasileiros de outros estados que lá encontraram e como isso foi significativo para eles. Segundo os mesmos, a experiência vivida no exterior lhes proporcionou situações que nem sequer imaginavam, pois foi “transformadora e única”, “abriu-lhes a mente”, proporcionando-lhes uma “nova visão de mundo”, problematizando alguns preconceitos e desenvolvendo neles a capacidade de reflexão e crítica, a aceitação e o respeito pelo “diferente”, pelo “outro” e pela “diversidade cultural”, em consonância com os princípios de uma educação transformadora e emancipatória presentes tanto na perspectiva intercultural quanto na sociocomunitária, que visam o desenvolvimento da alteridade e autonomia dos educandos, a partir das articulações das linguagens como construção do conhecimento, apreensão e transformação do mundo.

As experiências relatadas pelos jovens nos remetem às ideias de Candau (2008) e Fleuri (2003), que defendem uma educação na perspectiva intercultural, a qual é considerada de grande importância na atual era da globalização em que as facilidades de transporte rápido e comunicação favorecem os deslocamentos de

indivíduos de diferentes nacionalidades através do globo, em emigrações, imigrações e migrações. Para Candau, a educação intercultural visa:

[...] promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2008, p.52).

Segundo Candau (2008), o exercício do diálogo intercultural é necessário para a luta pelos direitos humanos, questão complexa, mas importantíssima para uma convivência harmoniosa entre os diferentes povos e culturas e, com certeza, para a almejada paz mundial. De acordo com a autora, a promoção de uma educação intercultural em perspectiva crítica e emancipatória, que respeite e promova os direitos humanos e articule questões relativas à igualdade e à diferença é uma questão complexa e polêmica, que enfrenta muitos desafios e tensões. Mais que isso, no momento presente é algo utópico, especialmente em nosso país, mas não impossível de ser alcançado no futuro. Para isso, nos diz a autora, é muito importante o reconhecimento e promoção do diálogo intercultural, ou seja, entre os diferentes saberes, conhecimentos e práticas dos diferentes grupos culturais, assim como é fundamental a promoção de experiências de interação com os “outros”, para que sejam experimentados diferentes modos de viver e expressar-se.

Vemos que a experiência proporcionada pelo intercâmbio cultural dos jovens é de grande valor e pode proporcionar situações como as defendidas pela autora acima, as quais, a longo prazo, visam a promoção de transformações sociais. Daí a importância sócio-política atribuída à questão do intercâmbio cultural por educadores como Schwieter e Kunert (2012), Osborne (2012), Paige e Fry (2010) e Carlson *et al.* (1991), entre outros, que há anos vêm se dedicando a estudar os efeitos de temporadas de estudo no exterior sobre a personalidade de estudantes dos Estados Unidos, onde desde há muitos anos já existe essa prática de jovens universitários realizarem intercâmbios no exterior (*short-term study abroad*) viajando para países da Europa.

Uma vez que a educação Intercultural preconiza o reconhecimento e valorização do outro, das diferenças culturais e sociais, assim como a abertura para o diálogo e a negociação com culturas diferentes, podemos conjecturar que o ensino / aprendizagem de línguas estrangeiras, como o inglês, pode estimular e motivar os estudantes a buscarem o contato com outras culturas, povos, costumes e crenças, alargando o seu horizonte de compreensão da realidade. Por outro lado, a busca por contatos com culturas diversas pode motivar os estudantes a buscarem não somente um programa de intercâmbio cultural, mas, também, aulas de línguas estrangeiras. Desta forma, podemos supor que a busca por uma educação intercultural favorece o ensino de línguas em nosso país, como canais ou recursos de comunicação com a diversidade cultural.

A partir do estudo realizado, podemos constatar as repercussões e alcance que uma experiência de intercâmbio cultural para a aprendizagem da língua inglesa no exterior, em países anglófonos, pode propiciar aos jovens de nosso país, uma vez que isso favorece aos mesmos uma ampliação cognitiva, intelectual, cultural e intercultural e a apreensão de uma realidade diversa da sua.

Vimos que a aprendizagem da língua inglesa, em curso de imersão no exterior é impactante e única, segundo os entrevistados. Porém, o ensino da mesma em cursos de idiomas em nosso próprio país, quando de boa qualidade e bem conduzido, também poderá abrir para os aprendizes novas dimensões intelectuais, sociais e práticas, propiciando-lhes novas percepções e experiências com uma outra realidade cultural e social, colocando-os em contato com a diversidade cultural e global, tão importante nos tempos atuais de globalização da civilização.

O aumento da procura de intercâmbio cultural por jovens em nosso país revela que a percepção dos benefícios decorrentes dessa singular experiência se faz presente entre os mesmos, de modo geral, assim como para o próprio governo federal e estadual, que através de programas próprios (Inglês sem Fronteiras; Idiomas sem Fronteiras; Ciência sem Fronteiras) vem incentivando o ensino do inglês e outros idiomas, fomentando e visando propiciar uma educação intercultural para nossos estudantes.

Podemos considerar que nossos intercambistas são como embaixadores de sua cultura e agentes de futuras transformações sociais no sentido de uma

sociedade e de um mundo mais abertos ao diálogo com os “outros”, com os “diferentes”, que têm no horizonte a construção de um mundo melhor.

Finalizando, por acreditarmos que os resultados obtidos com a presente pesquisa sejam de interesse para estudantes e docentes que atuam em áreas relacionadas à nossa temática, temos a intenção de compartilhar os resultados obtidos através da promoção de palestras, principalmente na instituição em que o trabalho foi desenvolvido, assim como através da publicação de artigos derivados da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ASHA – American Speech and Hearing Association (1982). Disponível em: <<http://www.asha.org/docs/html/RP1982-00125.html>> Acesso em: 10/06/2014.
- ASSIS-PETERSON, Ana Antonia; COX, Maria Inês Pagliani. Inglês em tempo de globalização: para além do bem e do mal. **Revista Calidoscópico**. Unisinos – RS. v.5, n.1. p. 5-14, jan/abr 2007. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio>>. Acesso em 06/08/2014.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. A cultura de aprender línguas (inglês) de alunos do curso de Letras. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. (org.). **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas: Ed. Pontes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: conversações com Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BELLINHO, Lilith Abrantes. **Uma evolução histórica dos direitos humanos**, 2009. Disponível em <<http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/lilith-abrantes-bellino.pdf>>. Acesso em 27/10/2014.
- BETANIA, Nadia (2010). **Língua e linguagem**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/lingua-e-linguagem-3201224.html>>. Acesso em 20/07/2014.
- BORGES, Anselmo. **Homem: animal que fala**, 2011. Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content\\_id=1815617&seccao=Anselmo%20Borges&tag=Opini%E3o%20-%20Em%20Foco&page](http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1815617&seccao=Anselmo%20Borges&tag=Opini%E3o%20-%20Em%20Foco&page)>. Acesso em 14/08/2014.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20/12/1996**.
- BRUMFIT, Christopher. Teaching English as a world language. In: **Individual Freedom in Language Teaching. Helping Learners to Develop a Dialect of their Own**. Oxford, OUP, 2001.
- BUENO, Ivonte; MORAIS, Waleska Cristina. O ensino de língua inglesa em contexto globalizado: expectativas e desafios vivenciados pelos discentes. Goiás: 2007. Disponível em: <[http://www.ceped.ueg.br/anais/lledip/pdfs/o\\_ensino\\_de\\_lingua\\_%20inglesa\\_em\\_%20contexto\\_%20globalizado.pdf](http://www.ceped.ueg.br/anais/lledip/pdfs/o_ensino_de_lingua_%20inglesa_em_%20contexto_%20globalizado.pdf)>. Acesso 05/06/2014.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef; SOUZA, Jesus Barbosa. **Produção de textos e usos da linguagem**. São Paulo: Ed. Saraiva, 1998.
- CANCLINI, Nestor. **Globalização imaginada**. São Paulo, Iluminuras, 2003.



CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n.37, jan./abr., 2008, p.45-55.

\_\_\_\_\_. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: **Educação Social**, Campinas, v.33, n.118, p.235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em 20/01/15.

CARDOSO, Nadja Núbia Ferreira Leite. A perspectiva intercultural e crítica no ensino de inglês instrumental: uma reflexão sobre língua, cultura e identidade. **Revista Pindorama**. Eunápolis/BA, ano 3, n. 3, p.124-138, 2012. Disponível em: <[www.revistapindorama.ifba.edu.br](http://www.revistapindorama.ifba.edu.br)>. Acesso em 25/06/ 2014.

CARLSON, Jerry. S.; BURN, Barbara, B.; USEEM, John; YACHIMOWICZ, David; BARBER. Ed. by BARBER, Elinor G. & BURN, Barbara B. **Study abroad: the experience of American undergraduates in Western Europe and the United States**. Council on International Educational Exchange, 1991.

CARNEIRO, Neri de Paula. **Uma antropologia da cultura III: Cultura: a criação humana**. 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/uma-antropologia-da-cultura-iii-cultura-a-criacao-humana/13430/>>. Acesso em: 04/03/2013.

CHAUÍ, Marilena. A Linguagem. In: CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**, São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CIAMPA, Antonio da Costa. A identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia social: o homem em movimento**. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua Cultura e Identidade. **Revista EntreLetras**, Araguaína/TO, v.4, n.1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br/index.php/entreltras>>. Acesso em: 07/07/2014.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. 2ª ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

DI LUCCIO, Flavia. **Do Iluminismo à web semântica: reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua**. 2010. 165f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ PUC - RJ, 2010.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

ECO, Umberto. **Em busca da língua perfeita**. São Paulo: EDUSC, 2002.

ENCARTA WORLD ENGLISH DICTIONARY online, 2007. Disponível em <<http://en.softonic.com/s/encarta-english-dictionary-2012-full-version-free-download>>. Acesso em: 08/01/2014.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Educação, Sociedade & Cultura**, nº 16, 2001, p.45-62.

\_\_\_\_\_. Intercultura e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. Maio/jun/jul/ago. nº 23, p.16-33, 2003.

F.M.I. – Fundo Monetário Internacional. **Globalization: threats or opportunity**. IMF Publications, 2000. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 18/07/ 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERALDI, João Wanderley. Linguagem e identidade: breve nota sobre uma relação constitutiva. **Revista Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 49, p. 9-19, jan/jun, 2011. Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>. Acesso em: 17/05/2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.2. Mar/Abr. 1995a, p.57-63.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3. Mai/Jun. 1995b, p.20-29.

GROPPO, Luís Antonio. Adorno e a Educação Sociocomunitária: diálogos e proposições. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, nº 49, p.19-34, mar. 2013.

HALL, Stuart. Nascimento e Morte do Sujeito Moderno. In: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: JACQUES, M.G.C.J.*et al.* **Psicologia Social Contemporânea**, Petrópolis: Ed.Vozes, 8ª ed, 2003.

KALVA, Julia Margarida; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Inglês como língua franca e a concepção de identidade nacional por parte do professor de inglês: uma questão de formação. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v.8, n.2, p.165-176, jul./dez. 2011.

LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari N. Ferrari. Identidade: questões conceituais e contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. Universidade Estadual de Londrina - UEL, v.2, n.1, p.24-47, jun.2000. Disponível em: <[www.uel.br/ccb/psicologia/revista/TevTov2n13.htm](http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/TevTov2n13.htm)>. Acesso em 28/04/2014.

LESSA, Luisa Galvão. A importância da língua no mundo social e cultural. **Linguagem e cultura**. Maio, 2010. Disponível em: <<http://luisalessa.blogspot.com.br>>. Acesso em 22/05/2014.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LONGARAY, Elisabete Andrade. **Globalização, anti-imperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna**. 2009. 249f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, J. C. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Série Ideias: os desafios enfrentados no cotidiano escolar, Secretaria de Estado da Educação, Governo do Estado de São Paulo, Fundação para o desenvolvimento da Educação, nº 28, p.111-122, março, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira D. R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 31<sup>a</sup> ed., 2012.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. (MEC 2012). Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/inglesa/pt-br/historico>>. Acesso em 18/05/2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. Cascavel, v.2, n.3, p.1-16, 2008. Disponível em: <[www.unioeste.br/travessias](http://www.unioeste.br/travessias)>. Acesso em: 15/05/2014.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo, Brasiliense, 2006.

OSBORNE, Deborah. **Factors in international student identity formation: processes and challenges**. Sino-US English Teaching. Park University, Parkville, USA. April 2012, Vol. 9, No. 4, 1035-1044.

PAIGE, Michael; FRY, Gerald W. **Beyond immediate impact: study abroad for global engagement** (SAGE). College of Education and Human Development. University of Minnesota, August 30, 2010.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. A LDB e a Legislação Vigente sobre o Ensino e a Formação de Professor de Língua Inglesa. In: STEVENS, C.M.T. **Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

\_\_\_\_\_. **Aquisição em memórias de falantes e de aprendizes de línguas estrangeiras**. Relatório de projeto de pesquisa/ AMFALE, 19f, 2007. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/amfale2.htm>>. Acesso em 08/11/2015.

PAZZINATO, Alceu L.; SENISE, Maria Helena. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ática, 2002.

PROENÇA, Maria Gladis Sartori; TENO, Neide Araújo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.1, n.3, p.132-145, set./dez.2011.

RESENDE, Liliane Assis Sade. **Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos**. 2009. 305f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2009.

REZENDE, Claudia Barcellos. “Como tábula rasa”: intercâmbio no exterior e construção de identidade juvenil. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas juvenis**. Rio de Janeiro: PUC/Mauad, 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos; LAAI, Tatianna de. **Deslocamento e identidade juvenil em intercâmbio escolar no exterior**. In: Encontro anual da ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 30., Caxambu, MG, 2006.

SABADIN, Marlene Neri. **O ensino de inglês em uma escola pública municipal do oeste paranaense: um estudo de caso etnográfico**. 2006. 190f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, PR, 2006.

SANTANA, Joelton Duarte de. Língua, cultura e identidade: A língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português. **Revista: Linha d'Água**, São Paulo, n. 25 (1), p. 47-66, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37367>>. Acesso em: 25/06/2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 48, p.11-32, jun. 1997.

SANTOS, Eliana Santos de Souza. O Ensino da Língua Inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n.01, p.1-7, dez. 2011.

SANTOS, José L. dos. **O que é cultura**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; SANTOS, Protásio César dos; HARDT, Leticia Peret Antunes; JORDÃO, Ana Carolina. Turismo e Intercâmbio: contribuições para a formação discente nos cursos de graduação das instituições de ensino superior de São Luís, Maranhão. **Revista de Cultura e Turismo**, ano 8, n.2, p.57-85, jul. 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SCHMITZ, John Robert. **Globalização, a língua inglesa e o Brasil**. 2001. Pagina pessoal do autor. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/Globalização.html>>. Acesso em: 10/07/2014.

SCHWIETER, John W.; KUNERT, Sarah, J. Short-term study abroad and cultural sessions: issues of L2 development, identity and socialization. In: MILLER, P.C.; WATZE, J.; MANTERO, M. **Readings in Languages Studies, vol. 3: Critical Language Studies: focusing on identity**. p.587-604. N. York: International Society for Language Studies. Inc. 2012.

SEIDLHOFER, Barbara. **A concept of international English and related issues: from real English to realistic English?** Language Policy Division, Council of Europe, Strasbourg, 2003.

SILVA, Joyce Moraes. **Implicações culturais e didáticas do inglês como língua internacional: o livro didático**. 2012. 226f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante; GOES, Maria Cecilia Rafael de (Orgs.). **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Understanding identity**. London: Arnold, 2002.

WORLD HERITAGE ENCYCLOPEDIA. **English as a lingua franca**. Disponível em: <[www.worldheritage.org](http://www.worldheritage.org)>. Acesso em: 12/08/ 2014.

## **APÊNDICE A – Entrevistas realizadas com os 17 participantes da pesquisa**

### **Entrevista P1**

Idade: 21 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

Procurei o programa de intercâmbio porque queria melhorar meu inglês.

**2) Para que país viajou? Quando foi?**

Fui para Seattle, nos Estados Unidos, em 2011.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Passei um mês na cidade. Fiquei hospedado na casa de uma família filipina que já morava nos Estados Unidos há algumas décadas. Durante o tempo que fiquei lá, frequentei uma escola de idiomas em período integral. As aulas eram das 8h da manhã às 4h da tarde.

**4) Como sentiu-se num outro país ? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Me senti confortável, apesar das dificuldades com o idioma. Me deslocava na cidade com facilidade e me sentia seguro nela.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Fui muito bem tratado pela família com quem fiquei, posso dizer que me sentia um membro da família – até passei a chamar a senhora da casa de mãe, ela também preparava lanche para mim e um outro estudante que estava na casa levamos para a escola. Tomava café da manhã e jantava com a família, cheguei a ir à missa com eles. Também me senti acolhido por todas as pessoas com quem tive contato.

**6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Minha primeira expectativa era melhorar o inglês.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Uma experiência marcante foi a minha participação em uma peça de teatro que realizei com os colegas na escola de inglês.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Algo negativo foi eu ter me perdido algumas vezes na cidade e ter encontrado muitos brasileiros.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Antes da viagem, eu era uma pessoa insegura e receosa. Depois da experiência, passei a me sentir mais autônomo, além de sentir também um sentimento de superação por ter investido no programa e pelos resultados positivos que obtive.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Hoje me sinto uma pessoa capaz de enfrentar desafios que antes não sentia segurança para enfrentar. Gostaria de morar lá para sempre.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Recomendo a experiência do intercâmbio sempre que posso.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Acredito que o maior ganho que tive foi o cultural, pelos contatos, amigos de diferentes nacionalidades que tive oportunidade de conhecer. Outra coisa que queria comentar é que toda essa experiência não poderia ter sido possível se eu tivesse que arcar eu mesmo com os custos financeiros.



## Entrevista P2

Idade: 21 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental realizado em escola pública e o médio em escola particular.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Me inscrevi para concorrer ao Intercâmbio Cultural, pois é uma oportunidade excelente para melhorar minha desenvoltura no idioma oferecido, agregando algo a mais em meu currículo e na minha vida e pelo fato de poder conhecer outro país, outras culturas, que eu não teria condições de conhecer por mim mesma.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Fui para São Francisco, Califórnia. Fui em 2011.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Fiquei em São Francisco durante um mês. Fiquei hospedada em uma *host family*. Frequentei escola em período parcial, totalizando 18 horas semanais.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

No começo me senti perdida e com medo, pois não consegui falar com meus familiares durante a viagem, mas no dia seguinte fiquei mais calma e fui me sentindo melhor a cada dia. Posso dizer que depois que passou o medo, eu me senti muito confortável.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Excelentemente, muito bem.

### 6) O que esperava/imaginava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Eu imaginava que iria ser muito difícil ficar em um país diferente, que não conhecia nada nem ninguém. Pensei que eu me sentiria sozinha. Mas esperava que eu estivesse enganada e eu estava, pois fiquei hospedada em uma *host family* muito acolhedora, com outros intercambistas que me ensinaram como usar o transporte público de lá e me receberam muito bem. Em termos pessoais eu esperava conhecer culturas diferentes, fazer novos amigos, saber me virar melhor sozinha e perder o medo de me comunicar em inglês. Em termos profissionais eu esperava melhorar meu desenvolvimento no idioma inglês, que antes de viajar era básico e depois que voltei foi para intermediário. E posso dizer que alcancei todas as minhas expectativas.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Fiz amigos brasileiros e estrangeiros, e com alguns deles eu ainda mantenho contato. Conheci lugares maravilhosos. Consegui me virar muito bem por lá, sabia ir para qualquer lugar. Posso dizer que a viagem inteira foi positiva para mim, tirei bastante proveito dela.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Graças a Deus não me aconteceu nada de negativo. Apenas a saudade da família que é difícil de aguentar mesmo, mas como falava com eles por telefone todos os dias, foi tranquilo.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sim, com certeza. Antes eu me via como uma pessoa parcialmente independente. Agora sei que sou capaz de fazer tudo que preciso.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Voltei uma pessoa diferente pelo fato de querer conhecer outros países, quem sabe até morar em algum deles.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Com certeza recomendo, pois é uma experiência sem igual e importante para nossa vida, tanto profissional quanto pessoal.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Obrigada!

### Entrevista P3

Idade: 37 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

Queria aprender e aprimorar os conhecimentos em língua inglesa

**2) Para que país viajou? Quando foi?**

Fui para os Estados Unidos, Chicago, em outubro de 2011.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Fiquei lá por 28 dias e fiquei hospedado em casa de família. Frequentei a escola em tempo integral.

**4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Nos primeiros dias fiquei inseguro para ir até à estação de trem, embarcar, mas depois de uma semana já me senti tranquilo.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Fui muito bem tratado e recebido, as pessoas foram sempre receptivas e educadas.

**6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Esperava que fosse uma experiência fantástica e realmente foi. Em termos pessoais foi significativa a vivência com pessoas de diferentes culturas e países, pois na escola frequentavam alunos de diferentes nacionalidades, tive contato com pessoas da China, Espanha, Peru, Colômbia e Turquia.

Profissionalmente esperava aprimorar os conhecimentos em língua inglesa.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Foram o aprendizado e conhecer pessoas de diferentes culturas.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Não tenho nada a relatar.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

A experiência foi ótima e tenho vontade de repetir.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Vejo que foi importante para o crescimento cultural, voltei com mais vontade de repetir a experiência por mais tempo, pois 28 dias não foram suficientes para aprender o idioma e também conhecer outros lugares da cidade e do país.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Sim, pois é uma experiência única e fantástica.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Fiquei muito grato pela oportunidade e com certeza aproveitei ao máximo.

## Entrevista P4

Idade: 34 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola particular.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Me interessei pela oportunidade de morar e estudar no exterior, pela cultura, pela experiência e pela oportunidade de aperfeiçoamento profissional.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Fui no segundo semestre de 2011, para Batávia, estado de Nova Iorque, Estados Unidos.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Não há como obter um visto de estudante para os Estados Unidos sem ser por período integral, portanto estudei período integral. Dos cinco meses que morei lá, um mês eu morei com um professor, *staff*, da faculdade, que era solteiro e dispunha de uma casa com dois quartos vagos, os quais ele alugava para alunos. Nos quatro meses restantes, eu me alojei com um casal de professores da mesma faculdade, que também tinham mais condições emocionais de receber-me.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Eu já tinha tido uma experiência anterior, portanto, não foi novidade. Senti-me muito mais confortável do que imaginei, embora a falta de minha esposa fosse constante. Fui com um inglês fluente, o que me foi de grande valia. Mas no geral, as pessoas do convívio diário, de fora do círculo social, tendiam a ser menos receptivas do que as do convívio social. Acredito que o fato de ter estado lá como bolsista fez muitos dos preconceitos e resistências dos americanos com os estrangeiros - a mim, neste caso - se abrandarem. Por isso acho que tive uma experiência atípica dos outros estudantes estrangeiros.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

De início, durante a estadia com meu primeiro *host*, sentia-me muito sozinho e isolado, mais por falta de jeito dele se relacionar do que por minhas iniciativas de socializar. Ele não era uma pessoa desagradável, só desajeitada socialmente, e hoje temos uma boa relação e conversamos com certa frequência. Porém, o casal que me recebeu na maior parte do tempo sempre me tratou com total respeito e sempre se mantinha preocupado com meu conforto emocional. Eram muito curiosos sobre o Brasil, sobre as diferenças culturais, sobre os meus pontos de vista sobre vários assuntos. Sempre me senti extremamente acolhido durante essa fase.

### 6) O que esperava/imaginava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Esperava mais em termos profissionais, na minha formação como estudante. Acabei por encontrar o que esperava, imagino. Por outro lado, acabei trazendo muito mais em termos pessoais do que jamais imaginava trazer. O casal que me recebeu tornou-se tão amigo que ao final da minha estadia, consideravam-me parte da família. Conheci suas duas filhas, passei feriados, conheci a história da família e do país através deles, e sinto-me muito grato de ter tido a oportunidade de conhecê-los.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Passei 5 dias na cidade de Nova Iorque sozinho. Viajei à Inglaterra para visitar um amigo. Vi neve pela primeira vez, embora fosse tão pouco volumosa para os padrões locais. Conheci Washington, DC, e o local da batalha mais decisiva da Guerra da Cessão, em Gettysburg, Pensilvânia. Vivi o dia a dia de uma típica família norte-americana. Fui a encontro de carros. Vi a estátua da liberdade e o Ponto-Zero, no World Trade Center. Pisei onde John Lennon foi assassinado. Tirei um cochilo no Central Park, andei no metrô de Wall Street até o Harlem. Visitei uma exposição dos Escombros do World Trade Center. Conheci Rochester. Visitei as Cataratas do Niágara e fui até os pés da queda d'água, e o mais marcante foram as amizades que duram até hoje.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Todas as dificuldades foram nos momentos iniciais da minha estadia, eu diria durante o primeiro mês. Tive uma falta de suporte e atenção nos momentos iniciais da estadia, mas as sensações estavam misturadas com o desconforto da adaptação a um novo dia a dia, sendo todas as pessoas totais desconhecidos. A falta de locomoção inicialmente foi um grande desconforto também.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sim. Acreditava que os problemas nos Estados Unidos eram menos graves que no Brasil, se é que existiam de alguma forma. Achei que jamais seria acolhido como fui. Não acho que tive grandes mudanças em minha personalidade, e sim na forma como que penso a vida.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Passei a gostar menos do Brasil, passei a tentar ser o mais correto possível, até ao ponto em que posso ser prejudicado por ser mais honesto. Lamento profundamente viver num país onde possamos ser prejudicados por sermos honestos.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê**

Recomendo completamente. Ver outras formas de organização do espaço público e privado, do dia a dia, dos costumes... viver outras estações do ano, conhecer novas pessoas - as fáceis e as difíceis - nos fazem valorizar o tempo que gastamos com quem amamos. Nos faz amadurecer em termos interpessoais e intrapessoais.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Gostaria de agradecer ao Banco Santander, que me concedeu a bolsa de estudos, à (nome da instituição), que organizaram o convênio e o intercâmbio entre as duas faculdades, em especial ao professor Osvaldo Succi, que foi a mente por trás do acordo, ao lado de James Goodwin, pela GCC - Genesse Community College. Também, nos momentos vagos, tentava escrever e documentar algumas experiências em um blog que talvez lhe seja útil. Obrigado por me estimular as boas recordações e boa sorte no seu trabalho.

## Entrevista P5

Idade: 27 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental realizado em escola pública e o ensino médio em escola particular.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Sempre tive interesse em outras culturas. Me inscrevi porque se tratava de uma grande oportunidade para me desenvolver culturalmente em relação aos Estados Unidos e creio que atingi este objetivo.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Viajei em abril de 2011 para São Francisco, Califórnia. O intercâmbio foi destinado aos Estados Unidos para o aperfeiçoamento em língua inglesa.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Fiquei na cidade pelo período de um mês, em casa de família. A escola era financiada pelo (nome da instituição) em período parcial, na parte da manhã.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Me senti totalmente confortável, até mesmo porque já tinha experiência anterior em outros países.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Me senti muito bem recebido, tratado como uma visita - quase parte da família de fato - na casa de família onde residi.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Eu já possuía grande domínio da língua inglesa. Procurei realmente fazer novas amizades, conversar com as pessoas da cidade, conhecer melhor a cultura. Esperava encontrar um povo fechado e adaptado às facilidades do capitalismo, incluindo *fast food* e a fácil aquisição de bens. Encontrei um povo californiano totalmente aberto e disposto a aprender sobre o Brasil, em forma, e preocupado com a saúde. Fiz diversas amizades. Esse era meu objetivo em termos pessoais. Profissionalmente, mantive o que vinha fazendo, trabalhar em idioma inglês em contato constante com profissionais nativos do idioma. O curso acrescentou de forma a formalizar o conhecimento que eu já possuía, contribuindo para minhas experiências internacionais no currículo.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Para mim, a experiência positiva mais marcante foi a receptividade do pessoal local em falar comigo até mesmo na rua procurando saber sobre mim e interessado no Brasil. A estrutura do país também me chamou muito a atenção, sendo muito organizado.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Achei negativo o grande número de mendigos na rua, mesmo para um país considerado como primeiro nível.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Não foi minha primeira experiência no exterior, mas lembro que minha experiência da primeira vez realmente me mudou e abriu minha mente. Sei que vivo em um mundo pequeno com mentalidades diferentes. Uma experiência no exterior é importantíssimo para quem deseja trabalhar num mundo globalizado. Vivo essa experiência hoje mesmo, treinando um inglês que está vivendo no Brasil e trabalha na mesma empresa. Ao lidar com o inglês existe uma série de aspectos de relacionamento interpessoal a serem considerados. Do ponto de vista do programa do intercâmbio me acrescentou sobre como a forma de lidar com americanos e como pensam. Como pessoa me manteve cada vez mais "acordado para a vida".

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Sou uma pessoa totalmente diferente, à cada viagem, posso dizer. Cada vez que retorno a Americana vejo que estou numa cidade extremamente provinciana e num país conformado. Talvez tenha me tornado muito crítico em relação a certos aspectos da nossa cultura. Me tornei diferente ao enxergar um mundo melhor e possível.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Sempre recomendo, principalmente para que deixemos de ser pessoas imutáveis. A vida é uma constante mudança, e isso a torna interessante.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Não sei o que comentar.



## Entrevista P6

Idade: 19 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola particular.

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

Sempre tive vontade de estudar fora do país e ter a chance de conhecer outras culturas. Como não tinha condições de fazer o intercâmbio por conta própria, decidi me inscrever no programa de bolsas de estudos.

**2) Para que país viajou? Quando foi?**

Fui para os Estados Unidos. Morei na cidade de Rosendale, Nova Iorque, e estudava em Stone Ridge, Nova Iorque. Fui em agosto de 2011.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Fiquei 5 meses. Aluguei um quarto na casa de um casal de professores da universidade onde estudava. Cursava 12 créditos, período integral.

**4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Em um primeiro momento foi um pouco desconfortável, mas minha adaptação foi muito rápida e em meados de setembro já estava me sentindo em casa - cheguei nos Estados Unidos em meados de agosto de 2011.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Fui muito bem recebida e tratada. Os americanos não são tão "calorosos" quanto os brasileiros, mas me trataram muito bem.

**6) O que esperava/imaginava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Esperava desenvolver minhas habilidades com a língua - profissional -, conhecer pessoas novas e me abrir, me adaptar a uma nova cultura, além de buscar minha independência. Encontrei tudo o que procurava e mais. Descobri que consigo me adaptar relativamente rápido, que podia me divertir mesmo estando sozinha, que poderia tomar conta de mim mesma, tinha 19 anos quando fui morar nos Estados Unidos, e que precisamos aproveitar todas as oportunidades que aparecem para nós, pois você nunca sabe quando algo maravilhoso vai te acontecer. Profissionalmente, posso dizer que melhorei minha fluência na língua - já falava fluentemente - mas passei a escrever melhor e aprendi muito sobre técnicas de discurso público, graças a um dos cursos da minha grade, atualmente posso fazer apresentações para várias pessoas, e antes do intercâmbio era muito tímida.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Conheci um grande número de pessoas e fiz muitas amizades. A chance de me virar sozinha e visitar um outro país foram muito marcantes, toda a experiência em si foi marcante para mim.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Não consigo pensar em nada negativo relacionado ao intercâmbio.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Com certeza! Era muito tímida e tinha muito medo de fazer qualquer coisa sozinha. Tinha muito medo que devido a essas características nada nunca fosse acontecer comigo.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Não consigo me imaginar como sendo a mesma pessoa. Sou totalmente diferente agora, muito mais aberta, madura, flexível e controlada.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Sim. Acho que todos deveriam tentar sair de suas zonas de conforto, é assim que descobrimos quem realmente somos, e quão longe podemos ir.

**12) Gostaria de comentar algo mais sobre a experiência do intercâmbio cultural?**

Não. Espero ter ajudado e, desde já, desejo sorte em sua pesquisa.

## Entrevista P7

Idade: 20 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental realizado em escola pública e ensino médio em escola particular.

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

Me inscrevi no programa de intercâmbio para melhorar meu inglês e conhecer um outro país.

**2) Para que país viajou? Quando foi?**

Viajei para a Califórnia, nos Estados Unidos, em 2012.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Fiquei lá por 30 dias. Fiquei hospedada em casa de família, onde tomava café da manhã e também jantava. A escola de inglês que frequentei era de meio período, sendo que a outra metade do dia eu tinha livre. No tempo livre aproveitava para conhecer lugares próximos, nos arredores da cidade.

**4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Me senti muito confortável em outro país. Acho que o pior foi a saudade da família.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Me senti muito bem tratada sempre, principalmente pela família americana que me hospedou.

**6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Esperava com a experiência ter contato com uma cultura diferente da minha e também poder colocar essa experiência para enriquecer o currículo, este seria o ganho profissional.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Acho que o ponto mais positivo foi eu ter conhecido um lugar totalmente diferente dos lugares que eu já tinha viajado.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Negativo foi o intercâmbio ter sido muito curto.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Antes do intercâmbio eu era muito dependente da minha família e depois de ter ido, me sinto mais independente.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Acredito ter voltado alguém mais destemida, com menos medo de arriscar.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Recomendo muito a experiência.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Acho que um benefício enorme foi eu não ter tido gasto financeiro para poder ter participado do programa.

## Entrevista P8

Idade: 39

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Sempre tive boas notas durante a graduação. Acreditei que pudesse concorrer com chances de conquistar a vaga. Deu certo. De qualquer forma, terminei a graduação e até me esqueci que havia me inscrito, fiquei surpreso quando recebi um e-mail do (nome da instituição).

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Viajei para a cidade de Fort Lauderdale, Flórida, nos Estados Unidos. O meu intercâmbio durou 28 dias, foi no mês de abril de 2012.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Fiquei em Fort Lauderdale durante 28 dias. A hospedagem foi na modalidade *host family*, ou seja, em casa de família. O problema é que as famílias são minúsculas. A primeira família em que fiquei dez dias, era a casa de um professor cubano. Apenas ele morava na casa, e passava a maior parte do tempo falando espanhol. Ele teve um problema de saúde, e em minutos, os responsáveis pela hospedagem me colocaram na casa de outra família - de uma pessoa - uma senhora norte americana, aí sim, passei a praticar mais a língua inglesa no relacionamento corriqueiro diário. Nesta segunda casa fiquei dezoito dias, e dividi a casa com estudantes de outros lugares do mundo, como suíços, por exemplo, foi bastante enriquecedor. Quanto à escola de Inglês, a frequentei em tempo parcial. As aulas eram das oito horas ao meio dia. E as tardes eram livres para passeios, caminhadas, compras, visitas a museus, shoppings ou recintos que nós mesmos escolhíamos.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Fiquei até surpreso, pensei que os norte-americanos nos receberiam de forma fria, como sempre costumamos dizer que são. Mas ao contrário, a recepção foi calorosa, isso me fez sentir bem confortável.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Na região sul dos Estados Unidos as pessoas são calorosas ao receber turistas. Talvez por causa da forte influência latina, me senti muito bem, não houve nenhum constrangimento, nenhum contratempo. Simplesmente nos receberam educadamente, e até de forma hospitaleira como costumamos receber as pessoas. O tratamento sempre foi cordial e amável, tanto na hospedagem como na escola onde fiz aulas de inglês.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Esperava, de algum modo, aprender muito. Eu queria e sentia a necessidade de vivenciar outra cultura. Tudo foi novo, foi a primeira viagem internacional. Em termos pessoais foi transformador. Em termos profissionais, enquanto profissional de logística, pude ver a estrutura logística dos Estados Unidos, a interligação entre

modais, os investimentos que foram realizados há décadas, dos quais o Brasil ainda é carente. A comparação foi inevitável.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

Tudo foi incrível, conheci uma cidade privilegiada até para os padrões norte-americanos. Em apenas 28 dias, foi perceptível a melhora no entendimento e na pronúncia da língua inglesa. Uma experiência marcante foi que, no 26º dia, ao passar no caixa do supermercado, fiz uma confusão na hora de pagar as compras, apresentei o cartão, mas uma parte eu desejava pagar em dinheiro. A moça do caixa não gostou, ficamos discutindo por um ou dois minutos. Ao final pensei; “há um mês eu seria incapaz de discutir com essa moça”, acho que progredi alguma coisa. A briga foi insignificante, mas o fato de conseguir argumentar com a moça do caixa foi marcante.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Experiências negativas foram algumas, embora todas foram solucionadas. A primeira situação desagradável aconteceu no primeiro dia. Estávamos fazendo um turismo pela cidade, acompanhados de um guia da escola de inglês onde estávamos matriculados. Ao tomar um lanche, por um erro do caixa, paguei por dois lanches, não sabia o que fazer, mas não queria deixar passar. Reclamei com o guia e ele resolveu imediatamente. Outra questão negativa foi o problema de saúde do professor, do qual eu me hospedara em sua casa. Mas eu simplesmente telefonei para um número de emergência que todos nós recebemos ao chegar. Em minutos, o diretor da escola enviou um carro para me levar para outra hospedagem. O Professor nem foi hospitalizado, acabou ficando tudo bem com ele, mas por precaução eu fui trocado de casa. Como disse, situações negativas houveram, mas nada grave, e tudo foi prontamente resolvido.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sim, é uma experiência transformadora. Antes, eu, particularmente, como pessoa, me via ou me sentia no mundo de forma mais retraída, tímida, imaginando que pessoas de outros países fossem muito diferente de nós. Contudo, essa ideia mudou, as pessoas, enquanto seres humanos, tem, de modo geral, as mesmas necessidades, os mesmos sentimentos e as mesmas reações em situações análogas.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Me vejo um indivíduo um pouquinho mais completo. Sim, voltei uma pessoa diferente. O impacto do intercâmbio é indelével, principalmente no fato de que desperta o desejo de fazer outras viagens. Mas a maior diferença mesmo é bem forte no aspecto humano.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Sim, recomendo muito. Inclusive, amigos, não alunos da (nome da instituição), que estavam em dúvida se compravam um carro ou faziam um intercâmbio, eu opino no sentido de que devam fazer o intercâmbio agora e deixar o carro para depois. Eu

recomendo o intercâmbio, seja ele nos moldes que fiz ou não, como uma forma “forçada” do indivíduo ter que conviver com outra cultura, ter a experiência de se expor a múltiplas situações que exigem atitudes diferentes, além do acúmulo de conhecimento sobre a língua, a cultura, os lugares, e as circunstâncias da viagem.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Se eu pudesse, eu gostaria de incentivar a todos os alunos da (nome da instituição), para que comecem a pensar na possibilidade de conquistar o intercâmbio desde o primeiro dia de aula. Aos novos viajantes, tranquilizá-los, porque tudo dá certo. Se estão prestes a embarcar, é só ficar muito atentos a todas as recomendações do (nome da instituição), da empresa responsável pelo intercâmbio e do monitor que viaja com o grupo. Boa viagem.

Agradeço imensamente a oportunidade de poder colaborar um pouquinho com o seu trabalho.

## Entrevista P9

Idade: 38 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Me inscrevi no intercâmbio pela vontade de conhecer outras culturas, já conheço outros países e é sempre muito bom saber quais as diferenças existentes entre os demais povos.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Fui para os Estados Unidos, estado de Massachussets, cidade de Boston em maio de 2013.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Fiquei por 28 dias, em uma casa de família típica americana, frequentei a escola de segunda a sexta das 9h as 16h.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

No início foi meio estranho, porque não estava acostumada com a língua, mas com o passar dos dias acabei adquirindo a rotina e nas últimas semanas já me sentia totalmente incorporada ao país.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Fui muito bem tratada em todos os lugares, sempre encontrei pessoas prestativas e que vendo a minha dificuldade com a língua, porque meu inglês é de criança, sempre consegui o que desejava.

### 6) O que esperava/imaginava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Esperava conhecer como que eles viviam, pensavam e agiam, tinha uma visão bem distorcida do que realmente eram os americanos, mas convivendo com eles passei a vê-los de outra maneira, pro meu pessoal foi muito enriquecedor, pois conhecendo outra cultura passei a respeitá-los e admirá-los, profissionalmente foi muito bom, porque trabalho com turismo e é muito vantajoso conhecer outros países, lá encontrei pessoas boas, amáveis, que eu achava que lá isso não existia, (risadas), um sistema que funciona, enfim, apaixonei e se pudesse ficaria lá por muito mais tempo.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Tive a oportunidade de conhecer pessoas de vários países, que converso até hoje, também mantenho contato com a minha *host family*, sempre trocamos mensagens, também consegui visitar outras cidades como New York e New Jersey, no geral a experiência toda foi positiva.



**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Não tive nada de negativo, apenas no começo foi difícil acostumar com a comida (risadas) muita pimenta, mas consegui superar e minha *host family* sempre estava fazendo o que me agradava.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sem dúvida somos afetados com essa experiência, sou uma pessoa que já morei em várias cidades e outro estado, já tive o prazer de conhecer várias culturas, conheço outros países e por todos os lugares que passo, aprendo coisas novas, jeitos novos de convivência, antes de ir eu tinha uma visão como já disse antes e voltei com a ideia totalmente diferente. Achava os americanos antipáticos e cheios de si, e convivendo lá, vi que não são nada disso, pelo contrário, pelo menos por onde passei todas as pessoas se mostravam extremamente amáveis, atenciosos e dispostos a ajudar.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Sempre quando temos contatos com outras culturas mudamos um pouco, aprendemos a respeitar o modo de vida de cada um, a olhar com outros olhos o porquê de determinados comportamentos e sem dúvida passei a admirá-los, quando descobri que ia para os Estados Unidos fiquei apreensiva, mas depois achei que não teria outro lugar melhor pra ter ido, adorei e se tiver oportunidade voltarei com certeza.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Recomendo sim, de olhos fechados, já tive algumas colegas que antes de ir me perguntaram como era e se compensaria passar por toda a burocracia pra ir, e sempre digo que compensa tudo, porque é uma experiência única e como dizemos nos grupos de intercambistas “só dizem que a infância é a melhor fase da vida, quem nunca foi intercambista”.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

No geral, não tenho o que reclamar, só uma ressalva quanto à escola, que me colocou em um nível inferior e não tive muito o que aprender na escola, apesar de ter pedido para me mudarem de sala nada foi feito, mas como tive contato com pessoas de vários outros países, consegui melhorar um pouco meus diálogos. Espero ter contribuído para sua pesquisa e se precisar de mais informações estou à disposição.

## Entrevista P10

Idade: 22 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola particular

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

Tinha interesse no aprimoramento da língua inglesa e a oportunidade de conhecer a cultura de outro país.

**2) Para que país? Quando foi?**

Fui para Londres, na Inglaterra. Viajei em maio de 2013.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Fiquei lá durante um mês, hospedada em uma casa de família, *host family*. A escola era em período integral.

**4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Nos primeiros dias o desconforto é inevitável, principalmente se for a primeira viagem fora do país, como foi o meu caso. Mas depois eu fui me familiarizando com os locais e também com as pessoas.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Fui muito bem recepcionada pela família que me hospedou e também em todos os outros locais.

**6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Eu esperava um amadurecimento tanto pessoal quanto profissional, já que estava longe de todas as pessoas que fazem parte da minha vida e rotina. Com certeza a mudança mais significativa foi o desenvolvimento da minha independência.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

O rápido desenvolvimento da língua inglesa em um curto período, o desenvolvimento da minha independência, como já falei, pois lá você não tem seus pais, amigos, enfim, pessoas que possam te ajudar a resolver determinadas questões.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Não vi aspectos negativos nessa experiência, mas acredito que a parte um pouco mais crítica é a adaptação na nova casa, já que é necessária a adaptação aos hábitos da mesma.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sim, você passa a ter mais confiança em si e em sua capacidade de enfrentar situações novas.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Voltei mais segura.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Com certeza, não só pela oportunidade de conhecer uma nova cultura, mas principalmente pelo crescimento que essa experiência nos proporciona.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Acho que é só.

## Entrevista P11

Idade: 23 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Me inscrevi no Intercambio Cultural, pois sempre tive muita vontade de conhecer outras culturas e, além disso, como eu já havia cursado inglês por cinco anos, eu enxerguei nesse programa a possibilidade de aprimorar meu conhecimento.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Viajei para a cidade de Seattle, nos Estados Unidos, em 2013.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Meu programa teve duração de um mês e fiquei hospedada pelo sistema de *host family*. Durante este período frequentei o curso de inglês oferecido pela Kaplan. As aulas eram matinais e, no período da tarde, a escola oferecia atividades extracurriculares.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Me senti ótima. Não tive nenhum tipo de problema com relação à adaptação. Foi tudo muito tranquilo.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

A recepção foi ótima, tanto pela minha *host family*, como pelos cidadãos de Seattle. Sempre fui muito bem recebida nos lugares em que estive e, também, todas as pessoas que tiveram contato comigo se mostraram muito interessadas pela cultura do Brasil.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Meu objetivo era ter contato com pessoas de outras culturas para entender nossas diferenças e, também, apresentar a cultura do Brasil. Em termos pessoais, fiz muitas amizades e conquistei muita maturidade, apesar de ter ficado apenas por um mês no país. Em termos profissionais, melhorei muito os meus *skills* na língua inglesa e, como nunca havia trabalhado antes do intercâmbio, um dos principais motivos da minha primeira contratação foi justamente essa experiência no exterior. Encontrei justamente aquilo que procurava. Tive muita troca de informações, formei amigos e realizei um sonho de poder viver um pouco a cultura de um outro país.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

O intercâmbio me proporcionou contato com pessoas de vários países diferentes e com culturas bastante distintas. Pudemos fazer várias trocas de informações. Meus *hosts* sempre foram muito atenciosos comigo e me ajudaram muito na pronúncia... nós ficávamos treinando por horas e isso nem fazia parte do programa, realmente, faziam por prazer. Além disso, foi muito interessante, pois percebi que aqui no Brasil temos o receio de não sermos bem aceitos nos Estados Unidos e isto é totalmente desnecessário, pois os americanos se interessam muito pelos nossos costumes e a

todo lugar que ia sempre tinha pessoas bastante empolgadas em fazer contato com estrangeiros brasileiros.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Não tive nenhuma experiência negativa.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Sim, apesar de ter sido um tempo bastante curto, pelo fato de eu sempre ter morado com meus pais eu nunca tinha sido totalmente responsável por mim e esta oportunidade me proporcionou a possibilidade de eu ter que correr atrás de tudo sozinha, desde a emissão do passaporte até conseguir me localizar na cidade em que fiquei hospedada. Com certeza, adquiri muita maturidade durante o tempo em que fiquei fora, inclusive na questão de conviver com diferenças culturais.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Eu me vejo como uma pessoa que tem uma característica a mais. Voltei mais confiante em mim mesma, poderia dizer que realizada, porém com sede de voltar e aprender muito mais.

**11) Recomenda a experiência a colegas? Por quê?**

Recomendo muito a todos que conheço. Ter uma experiência de intercâmbio faz com que a pessoa desenvolva sua independência, responsabilidade, tolerância com as diferenças, respeito e conhecimento, muito conhecimento.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Gostaria muito de elogiar o (nome da instituição) pela iniciativa de promover este tipo de programa. Acredito que isto estimula os estudantes a se superarem cada vez mais e, também, proporciona a oportunidade de pessoas que talvez não tenham condições de vivenciar esta experiência, conhecer outros países e ter a oportunidade de estudar uma segunda língua.

## Entrevista P12

Idade: 21 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Me inscrevi no intercâmbio pela oportunidade de aprimorar meu inglês estudando fora e também pela oportunidade de conhecer um país diferente.

### 2) Para que país? Quando foi?

Fui para São Francisco, Califórnia, em outubro de 2013.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Fiquei no período de um mês, me hospedei em *homestay* e frequentei escola em período parcial das 8:00 às 13:00.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

No início me senti um pouco perdida, mas foi rápido a adaptação e passei a me sentir muito confortável.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Fui muito bem recebida e tratada lá, a família que me recebeu é muito simpática e me tratou realmente como membro da família. As pessoas no geral são educadas e prestativas.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Esperava conseguir aprimorar meu inglês principalmente na questão auditiva, esperava também conhecer pessoas e lugares novos, além de criar uma maturidade por estar longe de casa e sozinha. Consegui alcançar meus objetivos e em termos profissionais, não me ajudou como eu imaginava, pois hoje muitas pessoas falam inglês fluente, mas acredito que esta experiência enriqueceu meu currículo.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Muitas coisas me aconteceram de positivo, os passeios, as pessoas, foi tudo ótimo.

### 8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?

A única coisa negativa que aconteceu e me marcou, foi logo no primeiro dia que cheguei, pois não conseguia me comunicar com minha família, mas a senhora que me recebeu lá foi muito simpática, me ajudou e então não tive mais experiências ruins.

### 9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?

Acredito que a maturidade que consegui viajando para fora me ajudou a crescer profissionalmente e ter uma mente mais aberta.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Como já disse, mais madura.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Recomendo a experiência a todos, é uma experiência incrível e uma oportunidade única.

**12) Gostaria de comentar algo mais sobre a viagem?**

Acho que não.

## Entrevista P13

Idade: 24 anos

Sexo: feminino

Estudo fundamental e médio realizados em escola particular.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Além de melhorar o inglês, eu desejava ter a experiência de morar com uma família nativa. Já tinha ido para o exterior outras vezes. Tenho uma tia que mora em Nova Iorque, mas nunca tinha convivido com nativos.

### 2) Para que país? Quando foi?

Fui para Boston, nos Estados Unidos, em setembro de 2014.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Me hospedei na casa de um casal americano sem filhos. Achei o casal pouco receptivo e pouco simpático, a casa era desorganizada e suja. Frequentei a escola das 9h às 16:30h. Após esse período, tinha que participar dos passeios obrigatórios organizados pela escola. Não gostei destes passeios serem obrigatórios.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Me senti confortável na cidade, mas estranhei e senti medo da violência urbana. Vi muitos mendigos na rua.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Não me senti bem tratada ou recebida pela família. Achei o casal muito seco, o homem principalmente, era muito grosseiro. Senti que recebiam intercambistas porque precisavam de dinheiro. Me senti bem tratada pelas pessoas da cidade e da escola.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Eu desejava, com a experiência, estar em um lugar diferente, sem a presença da minha família. Queria estar em um lugar diferente. Além das amizades interculturais que fiz, acho esse o ponto mais positivo, tive a vivência em uma cultura diferente. Até recebi uma proposta de emprego na Turquia. Eu já tinha ido outras vezes para os Estados Unidos, para Nova Iorque, e no início não gostei do intercâmbio ser para os Estados Unidos. Mas depois gostei da experiência.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

A experiência mais marcante pra mim foi as amizades, que mantenho até hoje.

### 8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?

O fato mais negativo foi a má impressão que me causou a família americana.



**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Como eu já tinha estado no exterior outras vezes, acho que já sabia meio o que esperar.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Já cheguei nos Estados Unidos com um bom nível de inglês, mas senti que minha fluência melhorou ainda mais.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Já recomendei a experiência várias vezes. Também sou professora de inglês.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Acho que a experiência valeu muito à pena. Como eu disse antes, no início eu não queria ir para os Estados Unidos, preferia um outro país de língua inglesa, mas depois, gostei muito, porque fui para uma cidade diferente das que eu tinha já visitado no país.

## Entrevista P14

Idade: 23 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola particular

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Sempre sonhei em fazer intercâmbio para aprimorar meu inglês e conhecer mais sobre a cultura. Desse modo, assim que entrei na universidade fiquei sabendo do programa e decidi me inscrever.

### 2) Para que país? Quando foi?

Vim pros EUA para Nova Orleans, cheguei aqui no dia 18 de junho de 2014.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Ficarei aqui por 15 meses, estou hospedado no próprio dormitório da universidade, dividimos em 4 homens e um banheiro para cada dupla mas o quarto é individual. Eu que escolho minhas aulas, portanto faço meu horário, tenho que ter no mínimo 12 créditos.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Eu nunca tinha saído de casa antes portanto não sabia como ia ser e estava muito apreensivo, mas ao chegar, estava vivendo um sonho que sempre imaginei, me senti muito confortável e me adaptei rapidamente à mudança, foi muito mais fácil do que imaginava.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Me senti muito bem recebido, a maioria das pessoas sempre muito acolhedoras e simpáticas comigo.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Eu obtive tudo e muito mais do que esperava, cresci muito como pessoa, amadureci muito, com certeza vai trazer um grande impacto positivo pra minha vida profissional e o que eu ganhei aqui foi um presente que nunca vou esquecer.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Todas as experiências que estou tendo estão sendo as melhores e mais marcantes que já tive e uma das coisas que mais me marca e alegra são as pessoas maravilhosas que estou conhecendo de todo o mundo e inclusive do meu próprio país, tive que sair do Brasil para conhecer mais sobre meu próprio país, conhecer mais sobre minha cultura, o quão diverso meu país é, aprender mais sobre minha própria língua, o quão diversificada ela pode ser dentro do mesmo país e que esse preconceito ignorante que tinha e muitos tem sobre norte e nordeste não passa de uma babaquice, que temos pessoas maravilhosas, inteligentes e com muita coisa pra nos ensinar e aprender também.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Sinceramente não consigo achar um ponto ou experiência negativa, tudo o que passei e estou passando aqui, mesmo os fatos que podem ser considerados ruins pela maioria, foram muito bons pra mim, cresci e amadureci muito com eles.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Com certeza fui muito afetado por essa experiência, mas de uma forma completamente positiva, eu sempre fui muito dependente e apegado a minha família.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Continuo muito apegado a minha família, mas agora dou mais valor as pessoas que amo, familiares e amigos, vou voltar a mesma pessoa em essência, mas muito mais maduro, experiente, com uma visão mais ampla e realista do mundo e muito mais seguro de quem sou.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Recomendo essa experiência sim pra todo mundo, pois foi uma das melhores oportunidades da minha vida, uma experiência única, que todo mundo devia ter na vida, pra aprender a enxergar o mundo com outros olhos, que tem muito mais coisas importantes no mundo e realidades muito diferentes da sua própria, aprender a aceitar diferenças, respeitar mais ao próximo e agregar um riquíssimo conhecimento cultural e intelectual.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Melhor fase da minha vida.

## Entrevista P15

Idade: 21 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Como venho de uma família mais simples, não teria condições de me bancar em uma experiência de intercâmbio. Além disso, ter uma experiência de intercâmbio é um adendo muito bem visualizado pelas empresas.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Vim para os Estados Unidos, cidade de Colchester, estado de Vermont. Cheguei aqui no dia 24 de agosto de 2014.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Ainda estou nos Estados Unidos até o final do ano de 2015. No começo, fiquei hospedado em um hotel, que foi providenciado pela própria faculdade. Após quatro meses, fui realocado para um dos apartamentos dentro da faculdade.

Estudo em período integral, completando o requerimento de 16 créditos por semestre.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Me senti desconfortável durante as primeiras semanas, visto que a adaptação demoraria alguns dias para realmente ser efetivada.

Após um mês, já me sentia em casa, e ainda me sinto em casa! Como havia dito, estou extremamente confortável.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

Me senti extremamente confortável. As pessoas que me ajudaram desde o primeiro dia são extremamente atenciosas. Sou tratado muito bem por todas as pessoas que conheço aqui.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Possuo uma expectativa de aumentar meus conhecimentos em outra língua, além de conviver em uma cultura totalmente diferente da brasileira. Profissionalmente, a língua e a experiência de um intercâmbio iriam ajudar muito no currículo.

Posso dizer que minha experiência está valendo muito a pena!

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Creio que toda a experiência está sendo excelente. Creio que, até agora, minha experiência mais marcante foram os dois primeiros meses de aula aqui. Conheci pessoas de todo o resto do mundo, além de aumentar rigorosamente meus conhecimentos em inglês.

Além disso, o clima rigoroso do inverno me proporcionou uma das mais belas riquezas da natureza: neve, um pouco de digressão nessa última afirmação! – risadas.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Nada ruim me aconteceu, acho que a saudade da família e dos amigos é o que mais permanece durante a experiência.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Completamente! Ter uma abrangência do entendimento de "mundo" é bem melhor quando se olha fora do próprio país e convive a realidade de outro país em um lugar diferente do qual você está acostumado. Acredito que minha visão, tanto política quanto social, melhorou ainda mais com essa experiência.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Imagino que irei voltar mais crítico, no sentido de tentar compreender uma situação melhor, e começar a "pensar fora da caixa". Além disso, todo o conhecimento que eu adquiri servirá para futuros empreendimentos e carreiras na minha vida.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Absolutamente, é uma experiência única na vida. Além dos benefícios profissionais, há também os benefícios sociais. Uma nova língua no currículo, assim como a total experiência de intercâmbio são fundamentais para um futuro bem sucedido!

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Agradeço muito pela atenção que você tem dado ao intercâmbio cultural. É uma oportunidade única, e gostaria que mais alunos da (nome da instituição) começassem a tentar mais!

## Entrevista P16

Idade: 27 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

**1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?**

As razões foram o aprimoramento do inglês, e conhecer uma nova cultura.

**2) Para que país viajou? Quando foi?**

Fui para Charleston, South Carolina, Estados Unidos. Vim para cá em junho de 2014.

**3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?**

Ainda estou aqui. Fico até agosto. Moro em um dormitório da universidade, em período parcial.

**4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?**

Num primeiro momento a língua e o fato de não conhecer ninguém assusta um pouco, mas como sempre quis vir para os Estados Unidos me sinto super confortável.

**5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?**

Me senti muito bem recebido. O povo de Charleston é muito amigável e hospitaleiro.

**6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?**

Está tudo sendo melhor do que eu imaginava. Meu inglês melhorou muito. Consigo me comunicar muito bem com qualquer pessoa em inglês. Conheci muitas pessoas legais e importantes para minha *social network*. Estou estudando muito, nunca estudei tanto na minha vida, e tendo contato com professores reconhecidos na área.

**7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?**

As pessoas que conheci marcaram minha vida para sempre. É isso que levarei daqui. Pude viajar, conhecer lugares lindos, viver a cultura americana o tanto quanto pude, assisti jogos de basquete, baseball, futebol americano. Mas as pessoas é o que mais marcou.

**8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?**

Nenhuma experiência negativa. Apenas sinto falta da minha família.

**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Muito! Você amadurece ainda mais e vê o mundo com outros olhos. Morar fora é uma experiência inesquecível e que eu recomendo demais.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Ainda não voltei, mas já me sinto mais focado, experiente, maduro e com a cabeça mais aberta.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Sim, pela língua, pelos contatos, pelas histórias, pelo conhecimento.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Não.

## Entrevista P17

Idade: 21 anos

Sexo: masculino

Estudo fundamental e médio realizados em escola pública.

### 1) Quais as razões que o/a levaram a se inscrever no Intercâmbio Cultural?

Eu buscava aprimorar meu conhecimento da língua inglesa, além da experiência em morar, estudar e trabalhar em outro país, para melhor conhecimento do mercado de trabalho no exterior, as diferenças de ensino e custo de vida.

### 2) Para que país viajou? Quando foi?

Cidade de Derby na Inglaterra. Fui no final de junho de 2014 e volto em setembro de 2015.

### 3) Quanto tempo ficou lá? Onde ficou hospedado?

Ao todo serão 15 meses, já estou aqui há 8. Estou hospedado em um alojamento da própria universidade. Os horários e dias de aula são muito flexíveis, vai depender da matéria, pode ser tanto pela manhã quanto pela tarde.

### 4) Como sentiu-se num outro país? Sentiu-se confortável ou desconfortável?

Não tão confortável quanto morar no país de origem, perto da família e amigos. Mas posso dizer que me sinto seguro e independente.

### 5) Como sentiu-se recebido e tratado/a?

A equipe da universidade que cuida dos estudantes internacionais é muito atenciosa. As pessoas estão muito acostumadas com estrangeiros e não tive problemas quanto a isso.

### 6) O que esperava obter com essa experiência em termos pessoais e profissionais? O que realmente encontrou?

Eu esperava uma certa dificuldade em comunicar e em me adequar com as diferenças nos padrões de estudo e também culturais. As diferenças culturais não foram muito expressivas, mas os padrões de estudo são realmente diferentes. A comunicação as vezes é difícil, mas com o tempo isso vai melhorando.

### 7) O que lhe aconteceu de positivo? Quais foram as experiências positivas mais marcantes?

Conhecer pessoas de diferentes partes do mundo, ou mesmo outros brasileiros de diferentes partes do Brasil com certeza foi algo muito bom. A troca de experiência é muito positiva.

### 8) O que lhe aconteceu de negativo? Quais foram as experiências negativas mais marcantes?

Dificuldade de comunicação por não falar a língua nativamente, algumas diferenças culturais e também a saudade de casa são os fatores que mais podem te atrapalhar.



**9) Sente que foi afetado/a pela experiência de morar fora? Como se via como pessoa antes de ter tido a experiência?**

Eu me sentia mais inseguro em relação a me arriscar em coisas novas. Também nunca tinha morado sozinho, muito menos em outro país. Minha visão de mundo também era muito limitada.

**10) Como se vê agora? Você acha que voltou uma pessoa diferente? Em que aspectos?**

Eu me sinto mais experiente, e é uma experiência que somente quem mora em outro país pode ter. Você tem âmbito para comparar as vantagens de cada país por exemplo, pois você sentiu na pele tudo isso, ao contrário de se limitar apenas a informações vindas de meios de comunicação. Com isso você aprende a valorizar o que há de melhor em cada lugar em que vive.

**11) Recomenda a experiência a colegas ? Por quê?**

Com toda certeza. É muito bom, pois você sai do seu "círculo comum". Tudo é muito novo e a experiência do novo faz você aprender a lidar com diversas situações importantes na vida.

**12) Gostaria de comentar algo mais?**

Sim. Há pessoas que podem sentir mais dificuldades em morar fora, pois são muito apegadas com seus pertences, família, etc. Eu dou muito valor ao que tenho no Brasil, mas também sei da importância de uma experiência como essa, porém confesso que a saudade aperta à cada dia e é um fator muito complicado de se lidar.

## **APÊNDICE B – Memorial pessoal, acadêmico e profissional da autora**

Eu, Sylvia Cristina de Azevedo Vitti, nasci em Sheffield, na Inglaterra, em 1970, onde meus pais residiram por cerca de três anos por motivos de estudos. Antes de completar um ano de idade retornei ao Brasil e cresci na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo. Tenho um irmão mais jovem, engenheiro de computação, que mora e trabalha na cidade de São Paulo.

Meus pais, ambos professores universitários, sempre puderam oferecer a mim e ao meu irmão uma vida confortável e também a oportunidade de estudarmos sempre em boas escolas particulares. Sempre também enfatizaram a importância do estudo em nossas vidas, da boa instrução como instrumento de formação do indivíduo, preparação da pessoa para o mundo e sua inserção posterior na vida adulta responsável e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

Cursei o ensino fundamental I, antigo primário, em Piracicaba no Colégio Dom Bosco, e lá iniciei meus estudos na educação formal, aprendendo as responsabilidades e deveres que a escola demanda de um bom estudante.

Quando terminei a antiga 4ª série primária, eu e minha família nos mudamos para Brasília, pois meu pai iria lecionar na Universidade de Brasília por um período de cinco anos. Lá frequentei uma escola que trabalhava em moldes diferenciados, oferecendo aos alunos uma jornada de atividades em tempo integral, com o ensino regular cursado no período da manhã e o período da tarde destinado às tarefas escolares e atividades extraclases relacionadas aos esportes, música e idiomas estrangeiros. Nesta escola pude estudar matérias diferenciadas como o francês, além do inglês como língua estrangeira, disciplinas que sempre me interessaram. Julgo ter sido interessante este período de cinco anos passados em Brasília, uma vez que a dinâmica da cidade diferia em muito da vida que levávamos em Piracicaba.

Quando acabei o primeiro ano do ensino médio voltei a residir em Piracicaba, retomando meus estudos no mesmo Colégio Dom Bosco. Durante esta fase escolar, meus interesses estiveram divididos entre as áreas de ciências biológicas e humanas, uma vez que sempre tive facilidade para biologia e gosto por línguas,

principalmente pelo inglês e pelo português. Durante praticamente toda minha vida frequentei cursos de inglês em escolas de idiomas, sendo o aprendizado deste idioma sempre incentivado pelos meus pais.

Quando acabei o ensino médio, resolvi prestar vestibular para o curso de Engenharia Agrônoma, tendo ingressado primeiramente e cursado um semestre do curso em Jaboticabal, na Universidade Estadual Paulista. Posteriormente prestei vestibular novamente, ingressando então em janeiro de 1990 no mesmo curso na Universidade de São Paulo. Durante a graduação fui bolsista de Iniciação Científica (CNPq) e realizei alguns estágios dentro da própria universidade.

Ao terminar a graduação em janeiro de 1995, atuei por um curto período desenvolvendo e implantando projetos na área de paisagismo e também participando da implantação de uma empresa na área de hidroponia. Não tendo clareza a respeito do rumo que daria a minha vida daí para frente, aproveitei para por em prática um projeto que sempre tive em mente – viver por algum tempo no exterior. Optei por residir por algum tempo então em Londres, uma vez que a Europa sempre me despertou curiosidade e o fato de eu ter nascido na Inglaterra me facilitava a entrada naquele país. Lá pude aprimorar meus conhecimentos em Língua Inglesa, tendo a oportunidade de estudar, trabalhar, viajar e estar inserida em um ambiente cultural diverso, o que me possibilitou vivenciar o mundo por uma outra perspectiva. O plano original de passar um ano no exterior logo se estendeu para quase três.

Durante todo o período em que morei fora estive envolvida com diversos cursos de aperfeiçoamento em Língua Inglesa, totalizando mais de 2000 horas de cursos. Em 1997 obtive o Certificado de Proficiência em Língua Inglesa pela Universidade de Cambridge, em Londres. Já tinha planos de trabalhar com o ensino deste idioma quando retornasse ao Brasil.

De fato, quando voltei, decidi por trabalhar com o ensino de inglês como língua estrangeira devido à grande demanda em relação ao aprendizado do idioma que existia na época. Comecei a lecionar em junho de 1998. Em janeiro de 2000 ingressei no curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês/Português da Universidade Metodista de Piracicaba e o concluí em janeiro de 2004. Achei

adequado e necessário ter uma formação formal na área de línguas, uma vez que já estava atuando como professora há algum tempo.

Há 18 anos venho trabalhando com o ensino de inglês, tendo atuado também como coordenadora em cursos de idiomas, lecionado em empresas, cursos vestibulares, ensino fundamental e médio e, mais recentemente, no ensino superior. Realizei, também, atividades de traduções técnicas, principalmente na área de ciências agrárias e artigos para revistas eletrônicas.

Nos últimos dois anos atuei no ensino superior como professora assistente da Faculdade de Tecnologia de Piracicaba, do Centro Paula Souza, onde lecionei seis disciplinas relacionadas à Língua Inglesa para alunos de graduação. A dinâmica e as demandas no ambiente de uma instituição de ensino superior são muito diversas das quais estive envolvida anteriormente, representando novos desafios que me levaram a buscar novas fontes de conhecimento, onde experiências e práticas possam ser compartilhadas e discutidas.

Tive a necessidade então de retomar meus estudos em um curso de pós-graduação que me permitisse o envolvimento com a formação continuada tão necessária hoje em dia.

No primeiro semestre de 2014 ingressei no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), no Programa de Pós-Graduação em Educação Sociocomunitária, como aluna regular. Um de meus desafios hoje é tentar conciliar o tempo entre os estudos, o trabalho e a preparação de aulas que ele requer, além das demandas existentes onde leciono com o tempo que tenho que dispensar também a minha família.

Ao longo destes anos de contato com o ensino de Língua Inglesa e com diversos tipos de perfis de alunos, tenho me interessado por diversos temas, como a linguagem como instrumento cultural, o papel da linguagem na cultura, o papel do professor e do aprendiz na aprendizagem da Língua Inglesa, a aquisição de uma língua estrangeira, a mediação cultural e a inclusão do educando no mercado de trabalho e no contexto social e o intercâmbio cultural no exterior para o aprendizado de uma segunda língua.

Muito me beneficieei de ter aprendido a língua inglesa, que me permitiu mais facilmente ter acesso a informações e conhecimentos diversos, me comunicar com outros povos, viajar, vivenciar e ter contato com uma outra cultura e valores, além de me abrir as portas para o mercado de trabalho. Desta forma, minha intenção é compartilhar um pouco minha vivência com meus alunos, na tentativa não só de instrumentalizá-los com relação ao uso do inglês, mas também de motivá-los na aprendizagem e auxiliá-los a compreender a importância deste idioma, que com certeza é uma ferramenta de comunicação necessária e útil nos dias de hoje e da qual certamente também irão se beneficiar.

Acredito ser de suma importância a capacidade de reflexão do educador sobre sua atividade docente, seu papel, intenções e ação como mediador das possibilidades relacionais com os alunos, ao longo do processo contínuo de ensino/aprendizagem. A capacidade reflexiva permite ao educador enriquecer e modificar a realidade em sala de aula, permitindo de modo mais eficaz ao educando a sua interação no contexto social.

Julgo que, como professora de Língua Inglesa, um de meus papéis é favorecer ao educando sua atuação e interação na sociedade, uma vez que o acesso ao Inglês significa também uma forma de ter acesso à cultura. Não se trata do aluno adquirir a cultura de um outro povo, mas de expandir seus horizontes culturais e aprender como o outro se comporta, deixando claro que não há povo ou cultura superior ou inferior. Em sala de aula, é possível desenvolver a autoconfiança dos alunos, desmistificando muitas barreiras que cercam o aprendizado de uma língua estrangeira, fazendo com que os alunos percebam que a Língua Inglesa é um instrumento de comunicação necessário no mundo atual, não sendo somente a língua de um outro país. O aprendizado do Inglês, como língua estrangeira, permite ao aluno ampliar suas possibilidades de acesso ao conhecimento científico, cultural e tecnológico. Saber comunicar-se em Inglês não é apenas uma forma do aluno se inserir mais facilmente no mercado de trabalho, mas também de promover sua participação social, pois o ajuda a se perceber parte de uma comunidade linguística. Isto auxilia o educando na compreensão de valores diversos dos seus, contribuindo para sua constituição como cidadão do mundo.